

REVISTA DA SEMANA

33

NA CAPITAL CR\$ 1,50

— NOS ESTADOS CR\$ 2,00

17 - 8 - 1946





JOCKEY CLUB MUNDANO

Domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos admiradores do nobre esporte mais uma reunião, à qual compareceram elementos de destaque da sociedade carioca. Estampamos nesta página alguns flagrantes colhidos pela nossa objetiva na "pelouse" da Gávea durante os intervalos das carreiras, que, como sempre, transcorreram num ambiente de entusiasmo e alegria.





NO RIO O GENERAL DA VITÓRIA

Durante uma semana, o Rio hospedou uma das mais gloriosas figuras da última guerra: o generalíssimo Dwight D. Eisenhower, que foi o comandante das forças aliadas na invasão da África e da Europa.

Suas grandes qualidades de chefe, de estrategista, de organizador das maiores e mais vitoriosas expedições, colocaram-no entre os mais perfeitos e habéis cabos de guerra em todos os tempos. Coronel quando os EE. UU. entraram em guerra, alcançou pelos seus feitos valorosos, os mais altos postos de comando, chefiando os exércitos aliados na invasão da África e mais tarde da Itália. Depois, comandou as tropas que invadiram a França cujas costas ocupadas pelos nazistas constituíam poderosa barreira, até então considerada intransponível. O valor incontestável desse bravo soldado, venceu com galhardia todas as dificuldades que se lhe antepuseram na Argélia, na Sicília, na península italiana, e, mais tarde, em memorável arremetida, exigindo poderoso trabalho de preparação, chefiou a invasão da costa normanda. Em heroicos lances, comandou a penetração em todo o território francês, poderosamente defendido pelo inimigo que, ante a investida sabiamente planejada

e executada com segurança e extremo ardor, recuou, des-troçado, até à incondicional rendição.

Cercado da admiração e do reconhecimento dos povos civilizados, foi que o General Eisenhower passou a chefe do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos. Foi esse vencedor das armas totalitárias que então ameaçavam estabelecer no mundo o domínio do terror, quem os brasileiros tiveram agora, de um domingo ao sábado seguinte, na capital da República, entre as mais entusiasmáticas homenagens de nós todos.

Mas a quem homenageávamos, não era tanto ao guerreiro ilustre, como ao homem de visão, soldado disciplinado e correto, que uma vez terminada a luta, voltou ao seu posto e ali continua servindo a Patria.

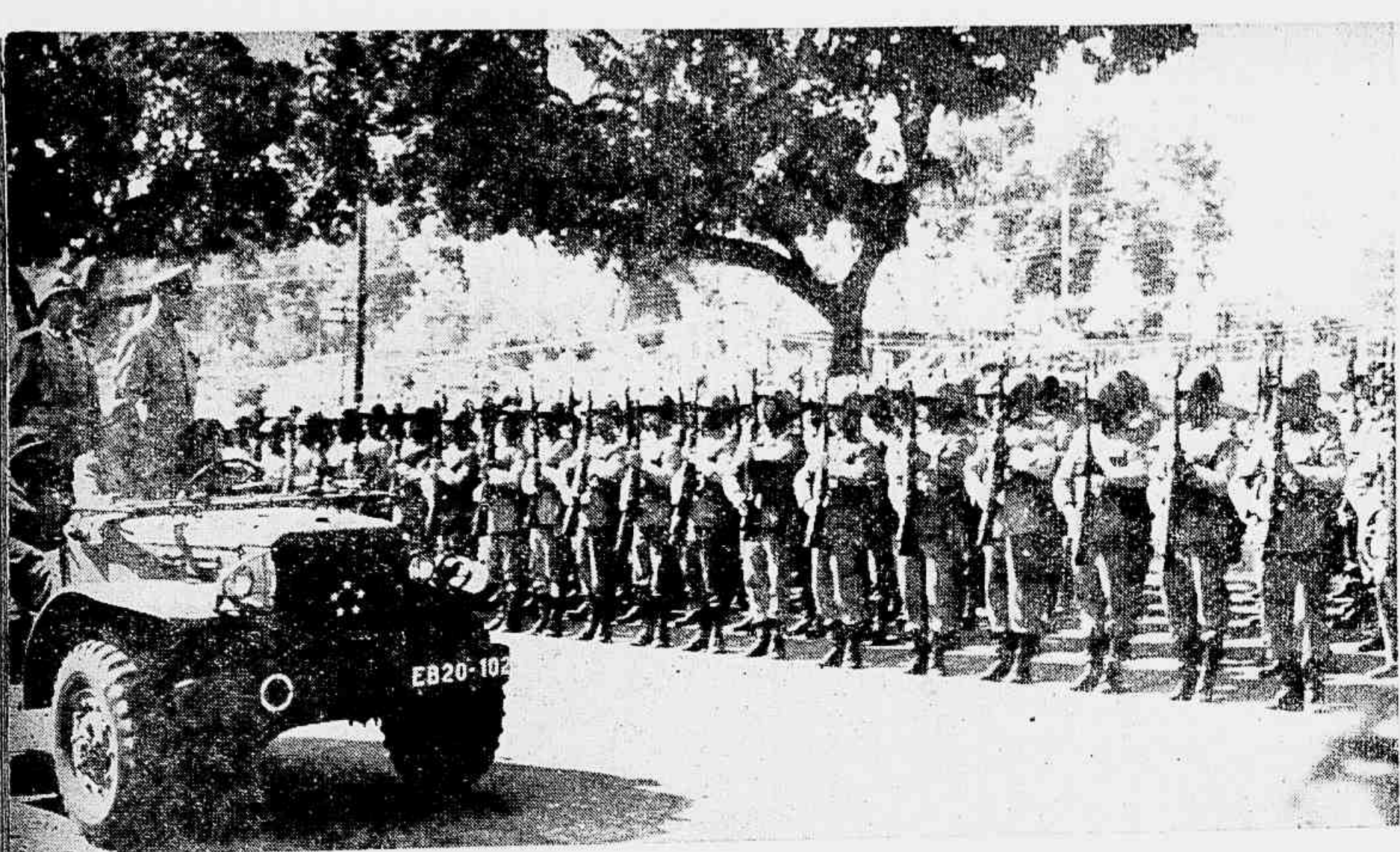
Dirigindo-se ao povo do Brasil, disse Eisenhower frases que não devem ficar esquecidas: Não basta alimentar projetos, possuir ideais concebêr planos, é preciso também realizá-los, ter a força-motriz para converter em objetividades integrais, os pensamentos que acalentam sonhos para benefício da Humanidade. Em convívio com os brasileiros, o vencedor dos nazistas revelou-se um homem humano acima de tudo, simples e singelo, dispensando aparatos, sem

tóques de general vencedor. Imaginêmos o que não seriam os cabos de guerra de Hitler ou de Mussolini si estes tivessem levado a melhor! Com que arrogância, que superioridade, que olhares sobranceiros eles desfilariam mesmo entre os seus aliados! E no entanto, Eisenhower era o mais simples dos soldados que andavam pela cidade, frequentando banquetes que lhe ofereciam, sem nenhuma arrogância... Democraticamente, ele e a esposa compareciam a essas solenidades, ou atendiam à gente do povo, a mais humilde, que se acercava do ilustre casal, ávido de vê-lo, mais de perto, aquêle a quem devemos em grande parte a vitória...

Eisenhower teceu palavras de reconhecimento à bravura do soldado brasileiro. Não esqueceu, como tanta gente faz aqui no Brasil, a cooperação que os nossos "pracinhas" deram à arremetida final. E cumpriu uma promessa assumida espontaneamente com o nosso companheiro Celestino Silveira, quando este o entrevistou na Avenida Pensylvania, em Washington, no último janeiro:

— Quero ir ao Brasil dentro de meio ano para tributar minha homenagem ao seu grande povo.

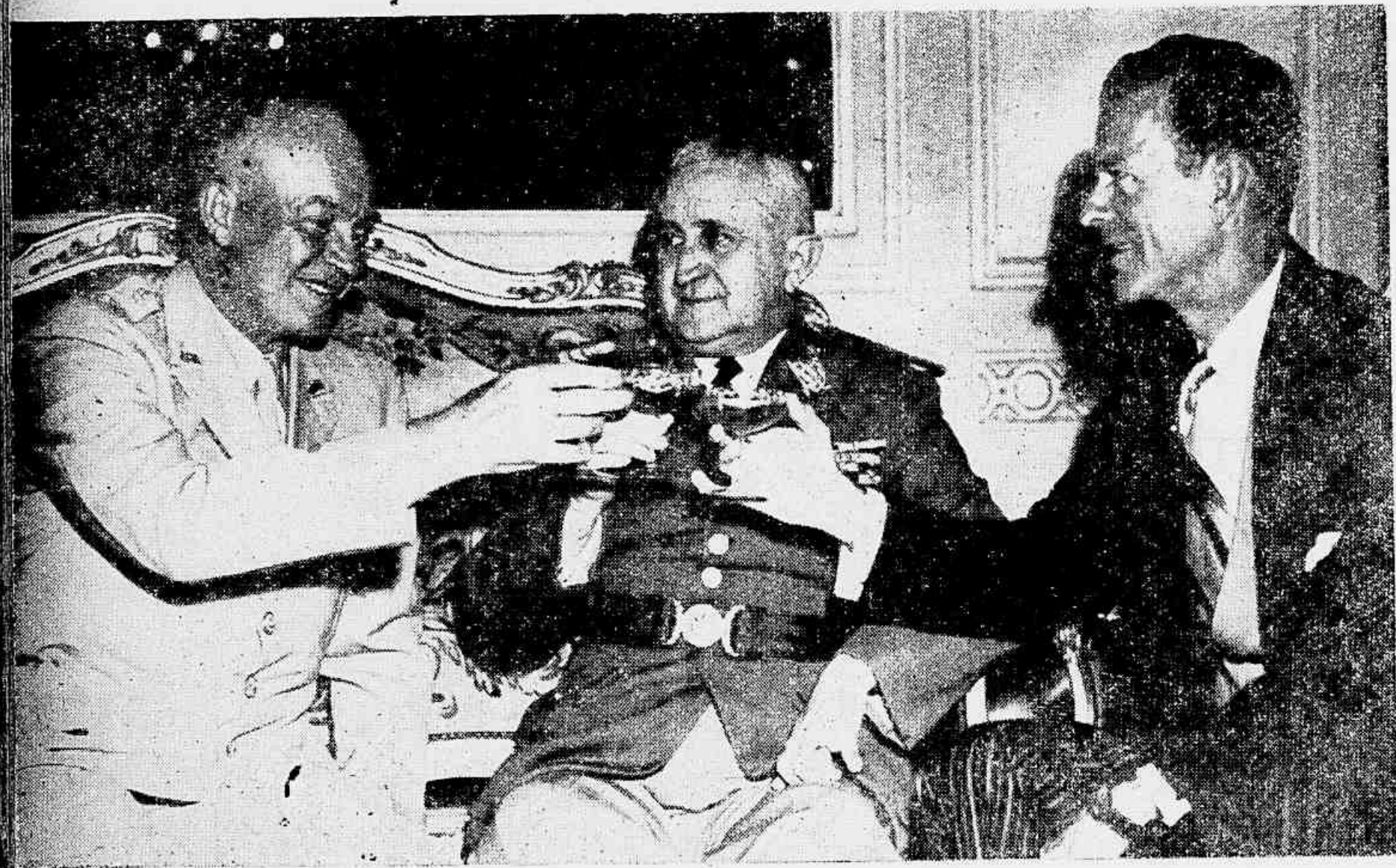
E veio realmente.



O desembarque do generalíssimo Eisenhower deu-se na manhã de domingo dia 4, no aeroporto Santos Dumont. Imediatamente o ilustre visitante passou em revista um contingente militar que ali encontrava para prestar-lhe as homenagens do estílo. Estava o general da Vitória em contacto com o povo do Brasil, que tão emocionado aguardara sua visita, disposto a tributar-lhe seu grande apreço. Na gravura à esquerda, um aspecto do desembarque, e à direita Eisenhower tendo a seu lado o general Zenobio da Costa, que também foi à Europa, comandando soldados brasileiros. O general da vitória estava radiante de privar com os militares do nosso país, conforme declarou aos jornais.



Também o M.
Guerra distin
Guerra, veno



A visita oficial do ilustre militar ao Chefe da Nação Brasileira deu-se pouco depois, sendo S.S. recebido no Palacio do Catete pelas altas autoridades do país que o conduziram à presença do Presidente Eurico Dutra. Estava o general Eisenhower acompanhado do embaixador norte-americano. Na gravura, o primeiro magistrado brasileiro, o embaixador e o general confraternizando pela felicidade dos EE. UU. e do Brasil. A' direita, outra cerimônia destacada: O General Goes Monteiro, Ministro da Guerra, prega ao peito de Eisenhower uma condecoração que lhe oferece o Exército do nosso país. Esse acontecimento ocorreu no Pálacio do Ministro da Guerra.

Dwight
povo qu
nem etic



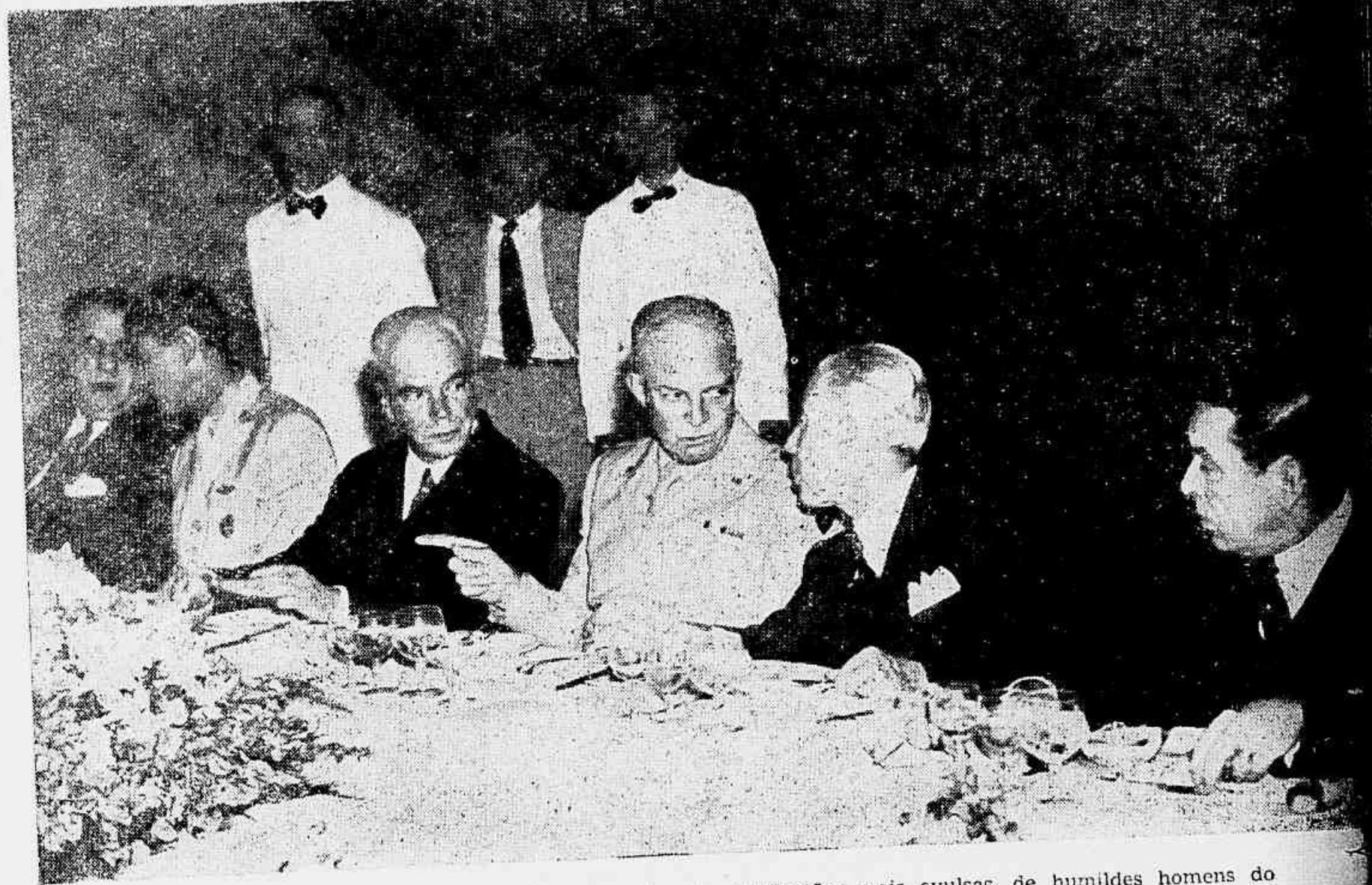
No Palácio Guanabara, realizou-se o banquete oficial oferecido pelo Presidente da Republica e sua Exma. Esposa, as honras que comandou e levou ao triunfo final as tropas aliadas, entre as quais tremulava o pavilhão brasileiro. E' desse acontecimento social de relevante projecção o flagrante fixado na gravura acima, tendo-se o ilustre visitante tendo à sua direita a sra. Eurico Gaspar Dutra. No "clichê" à direita, o general Mascarenhas de Moraes, comandante em chefe das tropas brasileiras que foram à Europa, é condecorado pelo glorioso militar norte-americano. A cooperação prestada pelo bravo soldado brasileiro foi publicamente reconhecida pelo homem a quem o mundo deve a vitória suprema.

No
hom
da V



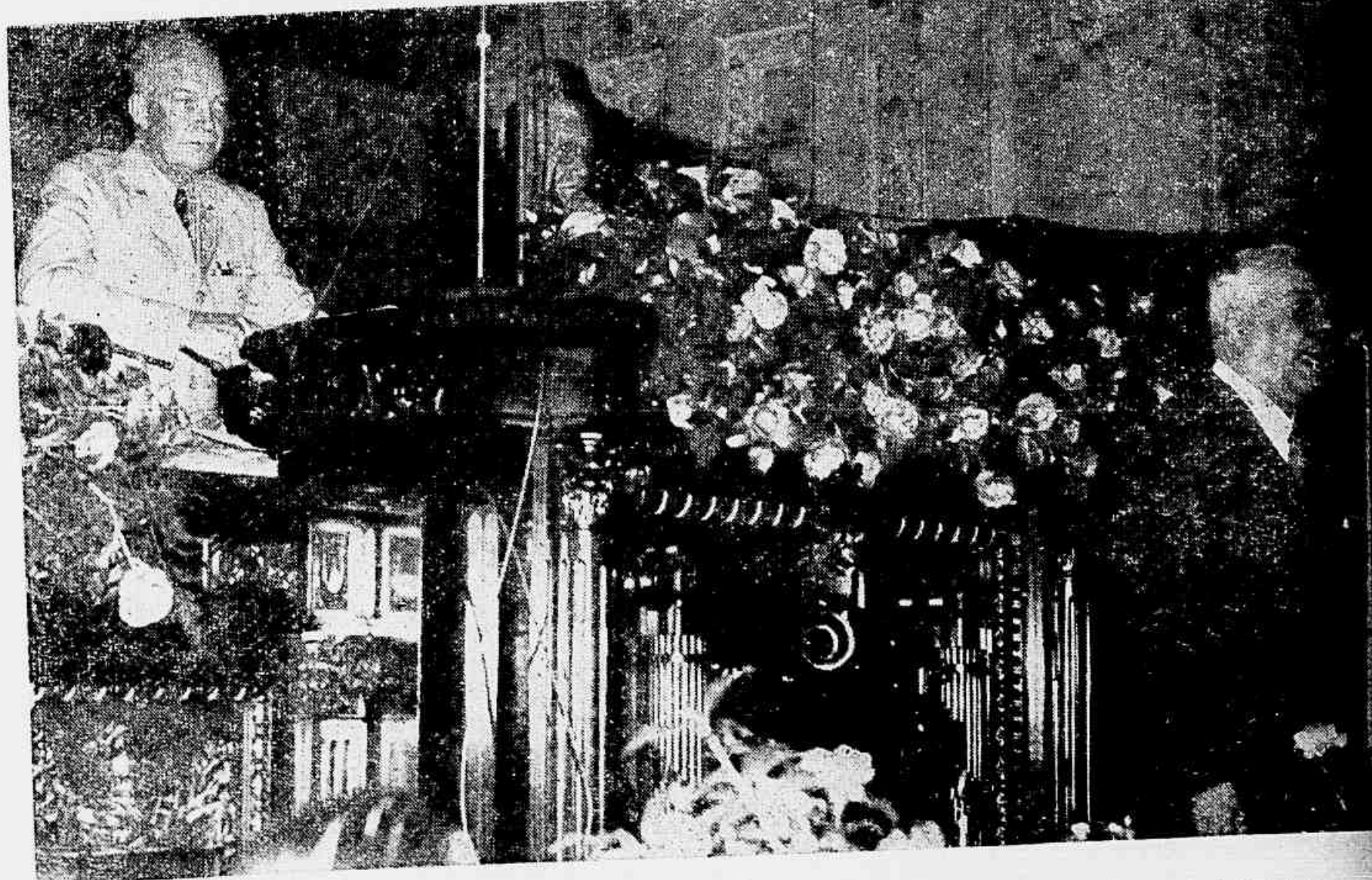
Também o Ministro da Guerra, General Góes Monteiro, foi condecorado pelo General Dwight D. Eisenhower, como se vê na gravura superior, tirada quando o grande Cabo de Guerra distinguia com essa honra o seu colega brasileiro. A' direita, ainda Eisenhower apertando a mão de distintos oficiais patrióticos, por ocasião de sua visita ao Palácio da Guerra, vindo-se ao fundo, o General Góes Monteiro que se incumbiu das apresentações. Durante uma semana de permanência nesta capital, S.S. recebeu e dispensou as mais entusiásticas e sinceras homenagens, estabelecendo-se assim vínculos mais profundos entre os Exercícios do nosso e do país norte-americano, refletindo a grande harmonia dos dois grandes povos.

contingente
sua visita,
que também
is.



Dwight D. Eisenhower é um homem simples. Acessível ao extremo. Por diversas vezes, sua permanência no Rio, atendeu às solicitações mais avulsas, de humildes homens do povo que lhe desejavam oferecer algumas palavras sinceras. Palavras valendo nesse oferecimento singelo de povo, pela mais sincera e espontânea homenagem, sem protocolos nem etiquetas. A' esquerda, S.S. palestra com oficiais brasileiros, na maior cordialidade, enquanto à direita o vênus na sede da Associação Brasileira de Imprensa, que lhe ofereceu um almoço dois dias depois de seu desembarque. Herbert Moses, presidente daquela instituição conversa amistosamente com o ilustre Cabo de Guerra.

país que o
magistrado
teiro, Minis-
da Guerra.

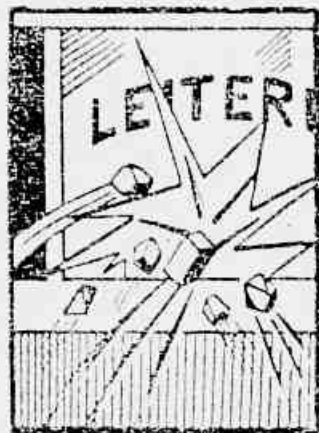


No mesmo dia de seu desembarque, Eisenhower compareceu ao Jockey Club do Brasil, ali assistindo ao Grande Prêmio e a um parêo batizado com seu próprio nome e em sua homenagem. E' um flagrante dessa reunião que se vê acima, à esquerda, estando o visitante ilustre acompanhado pelo Presidente da Republica. E finalmente, à direita, o General da Vitória presente à sessão da Assembléa Constituinte quando discursava o deputado Octavio Mangabeira, cuja preleção, de rara felicidade e brilhantismo, teve ampla e merecida consagração internacional. Vê-se ainda, à esquerda do homenageado, a Senador Melo Viana, presidente da Constituinte

as tropas ali-
tante tendo
condecorado
ria suprema.

A SEMANA EM REVISTA

A LEITERIA MINEIRA E OUTRAS "MARMELADAS"

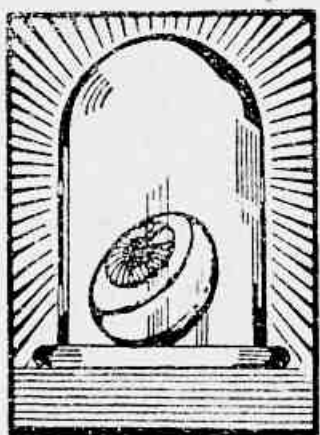


Falar contra a especulação, o câmbio negro e todas as outras manobras dos mercadores da miséria do povo é repetir um estribilho de todos os momentos. Somos um povo sacrificado ao sabor de mil e uma dificuldades, algumas devidas à crise que asoberba o mundo, outras resultantes tão somente da ação dos negociantes inescrupulosos que querem enriquecer à custa do sacrifício do seu caráter (até aí, não dizemos nada, porque temos o direito de impedir que um cidadão se torne um sem vergonha de uma hora pra outra) da exploração da bolsa alheia e o que é mais lamentável, à custa de verdadeiros atentados contra a saúde do povo, já comprometida pela subnutrição e pelo esporte obrigatório de andar a pé.

Diariamente, mas diariamente no duro, os jornais denunciam as manobras dos magnatas do câmbio negro e da falsificação de produtos, sem que as autoridades tomem providências definitivas, como a cassação de licença para comerciar, a expulsão do país, a perda dos direitos do cidadão, isto na hipótese de não ser adotada a pena de morte que seria a solução mais aconselhável, possivelmente.

O povo que aguente. Sofra a exploração e leia com otimismo as promessas

TROCANDO OS OLHOS



Há muitos anos, quando se ouvia falar de uma operação cirúrgica de transplantação ou enxerto de um órgão, faziam-se exclamações de espanto ante o milagre do acontecimento.

Todavia, a ciência caminhava e fazia novas conquistas no campo da cirurgia. Por fim, as duas grandes guerras, com o elevadíssimo coeficiente de perdas humanas vieram dar um enorme impulso aos diversos ramos da cirurgia, possibilitando a recuperação de um sem número de vidas, outrora condenadas ao sofrimento das mais acabrunhantes deficiências e aleijões, quando não ao extermínio.

Não faz muito, cirurgiões russos substituíram corações velhos e cansados por outros ainda resistentes mas já fora de uso porque os seus donos haviam morrido.

Parece milagre mas é apenas um novo avanço da ciência, como o são os prodígios da cirurgia plástica e a perfeita conservação do plasma sanguíneo.

Agora chegou a vez dos olhos. O oftalmologista brasileiro dr. Roberto Reichert presenciou na clínica do prof. Castroviejo, em New York, a transplantação da córnea de olhos de cadáveres recentes para cegos, assegurando-lhes a recuperação do sentido visual. E adianta o dr. Reichert que verificou o pleno êxito da melindrosa operação, bem sucedida em 90% dos casos, conforme lhe disse o prof. Ramon Castroviejo.

sempre renovadas de que a coisa vai acabar. O povo sofre e é ele que vai se acabando, de inchando, na mais inglória das lutas, porque ao que parece, não há mais esperanças.

E em tais circunstâncias, é perfeitamente justificável, como o disse uma autoridade, que ele perca a paciência, se deixe empolgar pelo desespero e se entregue à depredação dos estabelecimentos cujos proprietários não têm o escrúpulo de assaltar a bolsa dos fregueses com os preços extorsivos, minando-lhes ao mesmo tempo a saúde com o fornecimento de produtos falsificados como foi o caso recente da LEITERIA MINEIRA, ali na Galeria Cruzeiro.

E se as autoridades não tomarem medidas imediatas, haverá repetições daquela exemplar punição que o povo roubado e enganado infligiu aos falsificadores de manteiga. De resto, a nova campanha contra os especuladores começou antes. Primeiro em São Bernardo (São Paulo), onde a população invadiu armazéns para descobrir como descobriu gêneros escondidos para o câmbio negro; depois em Petrópolis e agora na Capital da República.

Senhores ladrões! Lembrem-se de que logo após a terminação da guerra na Itália, houve a mesma coisa. Começou assim e terminou o povo armando uma força na via pública para castigar os profissionais do comércio em quem os lucros haviam substituído o lugar do caráter. Desta lição, muita gente no Rio está precisando.

A exemplo dos bancos de sangue, o "Eye bank of Sight Restoration", organização fundada em New York, extrai a córnea dos cadáveres com menos de doze horas conservando-a em soro fisiológico, pronta para ser transplantada para os cegos.

Agora a grande significação do acontecimento como "janela aberta" à existência dos cegos, o fato dá oportunidade a curiosas considerações. Se continuarmos nesse andar, em breve poderemos presenciar um diálogo nestes termos:

— Como vai Pedro? Você desapareceu...

— Cavaleiro, há um equívoco. Realmente eu sou Pedro mas nunca o vi. Não o conheço.

— Não diga! Eu sou o Santana. O seu amigo de farra em Juiz de Fora. Não se lembra?

— A' sim, — diz o outro vagamente. Mas você mudou muito, não é?

Uma ligeira modificação. Era vesgo e de olhos cor de cinza: troque-os por estes que são negros. Fui a um médico e ele me arranhou esta perna mecânica em lugar da que você me viu perder naquele desastre. Um pequeno defeito no nariz eu corriji com uma armação de platina e por fim, o dentista me colocou esta chapa de porcelana. Agora isso...

— Já sei. Tirou outra carteira de identidade, trocou de mulher e não é mais padeiro, não é?...

A LIÇÃO DOS BOLIVIANOS



posto da via pública.

Quando ainda fumegavam os escombros da orgulhosa e derrotada Berlim, incendiava-se o coração dos homens livres na América, ansiando pelo estabelecimento de novas formas de governo, realmente baseadas na vontade popular.

Villaroel foi uma das vítimas desses movimentos de recuperação das liberdades públicas. Governando a Bolívia com mão de ferro, subjugando a imprensa, cerceando a liberdade de reunião, prendendo arbitrariamente, matando os seus adversários políticos que em última análise eram os homens dignos do país, adotando os mais nefastos processos de extermínio aprendidos e aperfeiçoados na prática de um regime fasciforme, — tudo ele fez para merecer o fim destinado aos tiranos e os bolivianos não lhe negaram esse direito, pendurando-o num

No Paraguay também havia um governo assim. Repetidas vezes a imprensa denunciou a ocorrência ali de acontecimentos característicos dos regimes de força. A princípio, o governo tentou desmentir as denúncias, inclusive de dois jornalistas brasileiros que lá estiveram e cuja presença em Assunção foi bastante incômoda para os maiores encarapitados no poder contra a vontade do seu povo.

Mas agora, a embaixada paraguaia no Rio distribuiu uma nota dizendo que os cidadãos exilados poderão voltar com plena garantia dos seus direitos, estando o governo disposto a permitir o funcionamento de todos os partidos políticos sem exceção.

Acreditamos que isso aconteça. Mas o que não pega é essa história de emprestar à decisão do ditador Morinigo o caráter de uma atitude espontânea. Vamos ser mais claros: a verdade é que o exemplo do que sucedeu a Villaroel foi bem significativo. A lição dos bolivianos "amoleceu" o coração do general. Então ele "resolveu" fazer umas concessões. Que história bonita!

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 33 :=: 17=8=46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O PREÇO DAS REVISTAS

As editoras de revistas ilustradas, abate assinadas, se sentem obrigadas a fazer aumentos no custo de suas publicações em face da elevação de todos os preços, notadamente do papel, cujo custo tem subido extraordinariamente.

O recurso de que ora lançam mão tem por fim, tão somente, cobrir prejuízos.
Rio, Agosto 1946.

Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — Cia. Editora Americana — Cia Editora Fon-Fon e Seleta — Revista Carreta — Sociedade Anonima O Malho — Empresa "Jornal das Moças".

Em face disso, a "Revista da Semana" passará a custar Cr\$ 2,00, em todo o Brasil, a contar do dia 24 do corrente.

SUMARIO

LITERATURA

Notas de Leitura (Escragnolle Doria)	18
O sorriso de Madona (Grace Latham)	19
Uma vida que nada tinha de excitante (Miriam Allen de Ford)	23
A derradeira fuga (F. da Rocha Filho)	30/31
Livros Novos (João Luso)	35

REPORTAGEM

Eisenhower no Rio	3/5
Vida de Circo	8/14
Até amanhã, Bibi!	16/17
Figuras e fatos	39
O público julga os Comediantes	44/47
Batuque não é música!	49

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Artes Plasticas	34
A REVISTA em Hollywood	36/38
Música (Roberto Lyra Filho)	40

FEMININAS

Londres dita a Moda	28/29
Modelos para usar á tarde	32/33
Trabalho Manual	41
Saias, blusas e cintos	42
Blusas "frente unica" e cinto	43
Penteados modernos	48
Novas "toilettes" londrinas	50
Um modelo de Maggy Rouff	53
Femininas	54
Casacos Esportivos	59

HUMORISMO

De Bom Humor	26
Idade Média (Raul)	51

CURIOSIDADES

Falta uma rosa no jardim de Clemenceau	15
Um museu original em Paris	20/21
Cidades Jardins	24/25

NOSSA CAPA

Aproxima-se a estação primaveril. Os ultimos dias invernosos — si realmente assim podem designar-se — estão apresentando suas despedidas ás elegantes brasileiras. O modelo de chapéu apresentado por Jane Harker, da Warner, na capa deste número, é uma clarinada para os dias quentes que se avisinham. É a "estrela", bonita e graciosa, mostra ás leitoras, como pode ser bem aproveitado esse tipo.



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantís, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantís.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

Os grandes concursos literarios da "Revista"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados á 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir alem de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (dôze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuidas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.), Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR\$ 10.000,00 (déz mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginastico Portugues.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

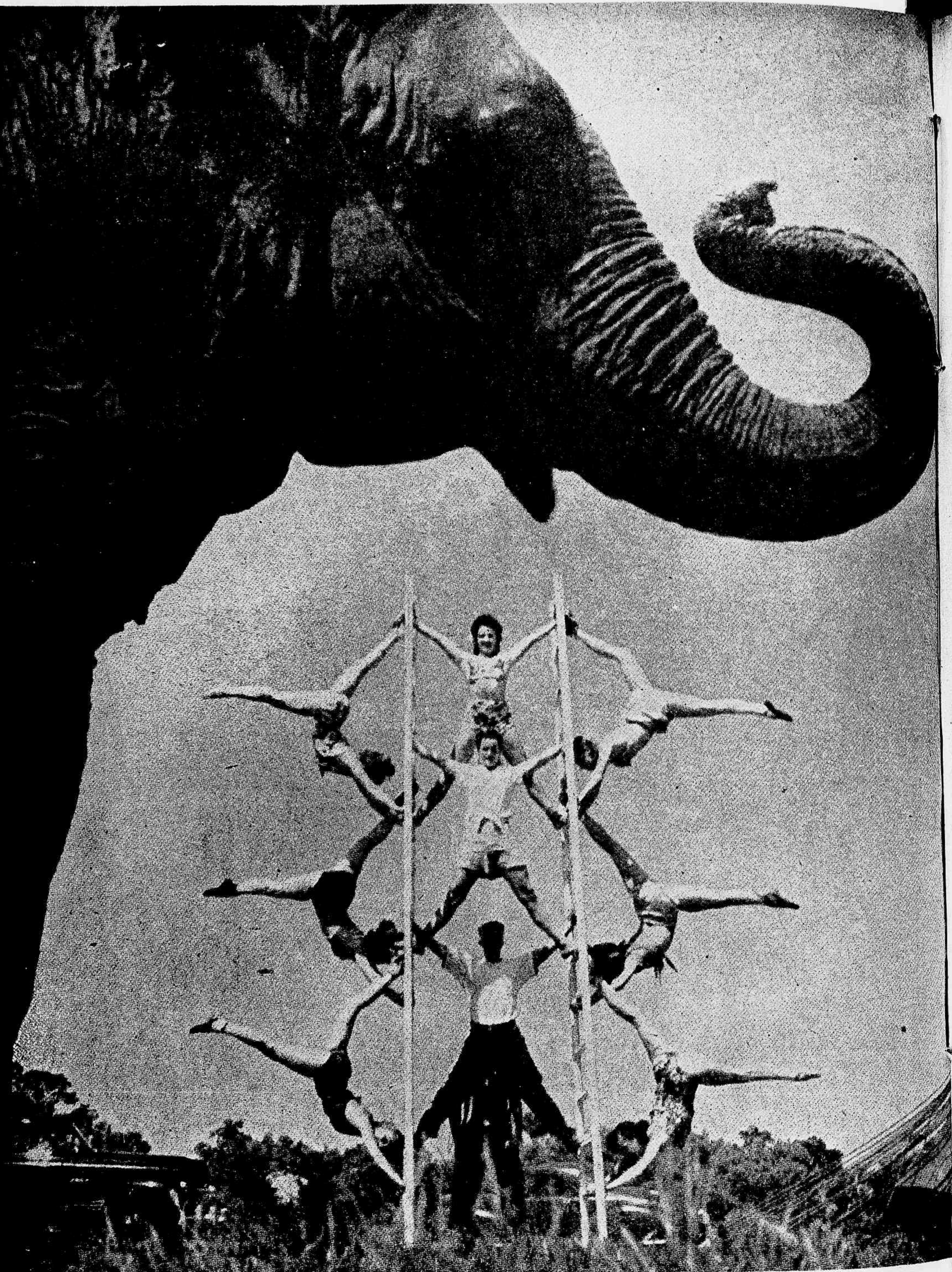
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

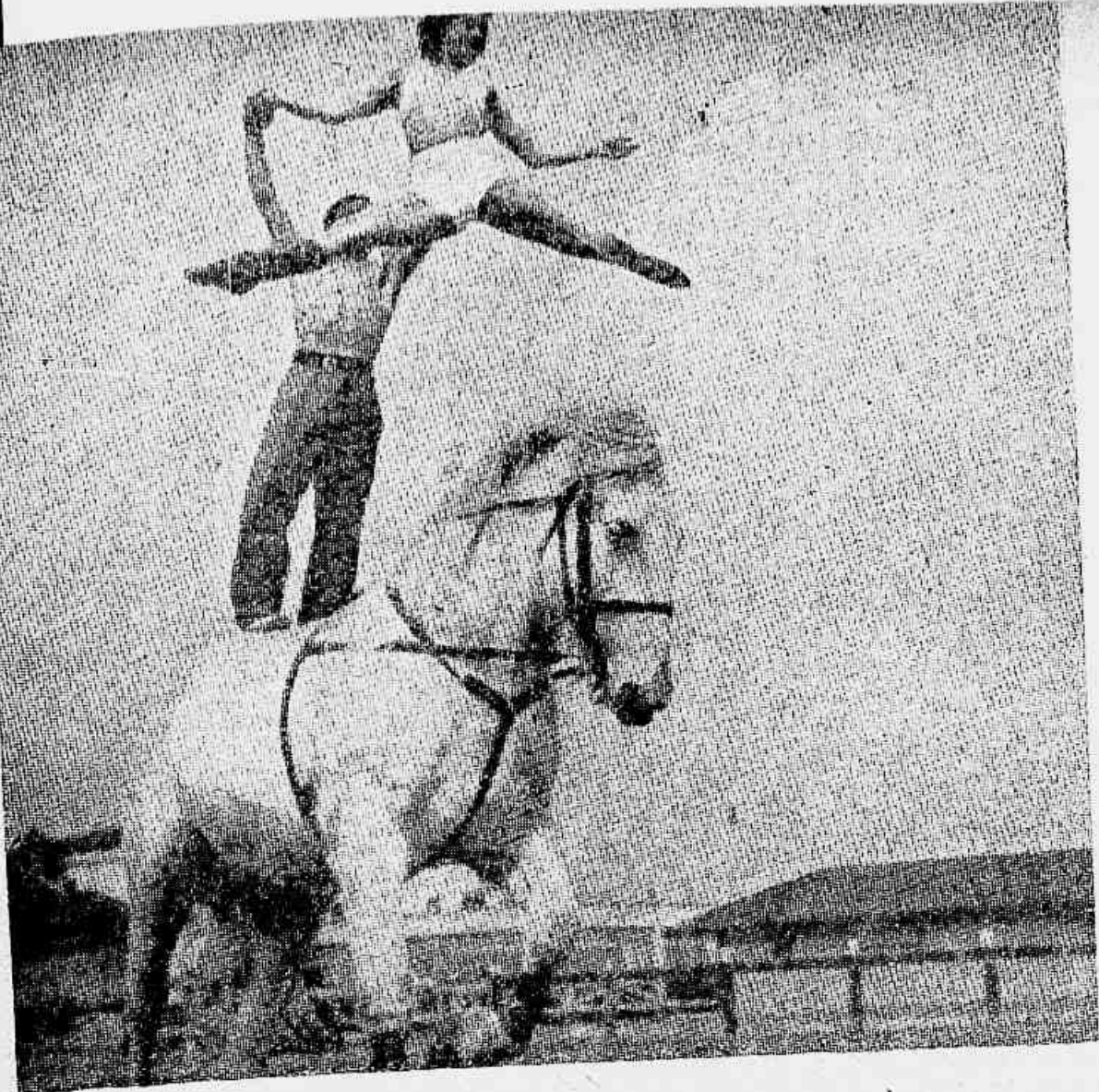
Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

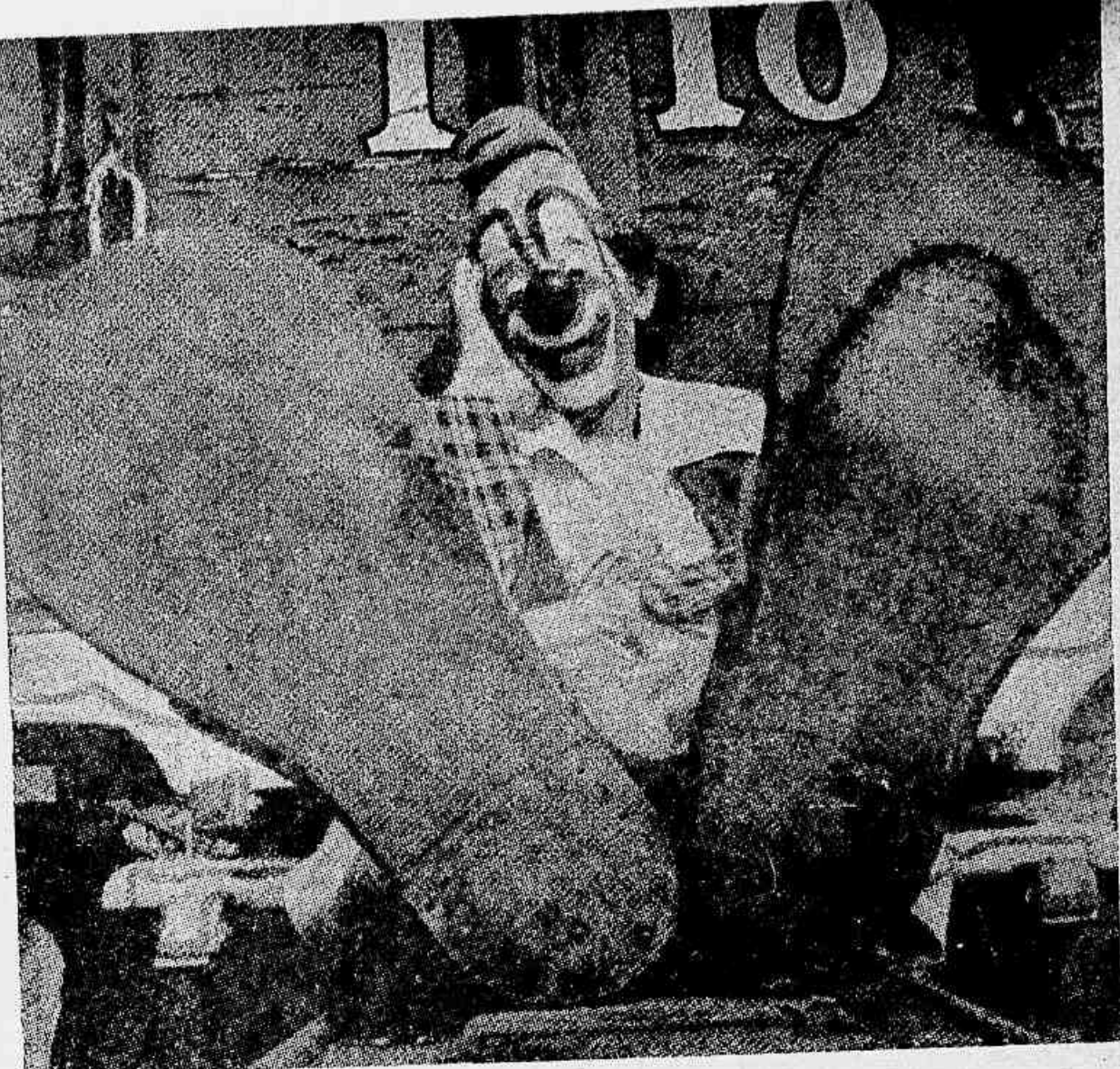
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



AS BELAS E O MONSTRO — Sob o arco formado pelo pescoço e pela tromba do paquiderme, os acróbatas formam uma coluna tríplice, notável pelo equilíbrio e de beleza. Mas quanto esforço custará para conseguir êsse resultado? Anos a fio, desde a infância, vividos na prática de exaustivos exercícios, sustos e quedas, distorções e fraturas, a vida de gente de circo é pontilhada de sacrifícios sem conta. Quem os vê à noite no picadeiro, fazendo milagres de força e de equilíbrio, deixando em suspenso a respiração de milhares de espectadores, não faz idéia do que representa aquele instante como fruto de tentativas repetidas centenas de vezes, até que seja atingida uma técnica que é preciso manter através de constantes exercícios. A acrobacia é 90 por cento de suor. Mas deixe-mos estas considerações e contemplemos a plástica dessas garotas. São mesmo de circo...



UM GRUPO TREINADO PARA EMBASACAR MULTIDÕES — O cavalo, o atleta e a vaporosa acrobata formam os três um conjunto que nos espetáculos provoca sensação, fazendo correr um "frisson" de ansiedade. Essa exibição, igualmente, exige anos de esforço aplicado para o mesmo fim. O tempo e o espaço têm um valor extraordinário.



O PALHAÇO — Palhaço é a coisa mais fácil de encontrar. Os maus palhaços, bem entendido, os palhaços involuntários. Mas num circo, o que se exige do palhaço é que ele controle rigorosamente toda a sua atuação. Não é só abrir a boca e dizer bobagens a torto e a direito. A vida é difícil, até mesmo quando se adota a profissão de bobó.

As criaturas nascem dotadas de possibilidades em potencial que podem ser aproveitadas para inumeráveis fins, bons ou maus, trabalhosos ou fáceis os resultados a conseguir com esforço empregado. Depois de crescidos, uns aproveitam as que dizem respeito às atividades intelectuais, outros, as possibilidades físicas, destinando-se ao trabalho muscular.

Dentro de ambos os campos de atividade, há um mundo enorme de sub-divisões. Dos primeiros, uns escrevem poesias, fazem música, rezam, calculam a resistência de materiais, exploram o universo, investigam as profundezas da alma humana, outros furtam, iludem, mentem, enfim todas são profissões e não queremos entrar na discussão do mérito de cada uma. Dentre os que procuram o trabalho muscular, encontram-no disperso em mil e uma formas de atividade. São os estivadores, ciclistas, pedreiros, calceteiros, boxeadores, esgrimistas, vaqueiros, enfim uma sequência interminável de profissionais cuja atividade se faz notar pela força e dextreza de movimentos.

Os homens de circo pertencem a uma das sub-divisões desta última categoria de profis-

VIDA DE CIRCO

O tradicional divertimento popular não está em decadência — O "perna de pau" — Artistas que ganham de 3 a 4 contos por mês — O elefante pensa que é oficial administrativo — E os palhaços? Assunto muito explorado

sionais. São pessoas que desde cedo treinam e desenvolvem as suas reservas musculares para fazer demonstrações de virtuosismo acrobático perante as multidões de fans.

PASSADO GLORIOSO

A história do circo que nem de longe pretendemos contar, vem da antiguidade. Em Roma eles tiveram muita voga, reunindo-se o povo para presenciar divertimentos que hoje seriam capitulados como crimes dignos dos reus de Nuremberg. Porque essa história de criar leões à custa de carne humana, nem mesmo a crise que atravessamos justifica.

Através dos tempos, entretanto o circo mudou de feição e na Idade Média apareceram os malabaristas que faziam jogos incríveis como no caso daquele magnífico conto de Anatole France baseado numa lenda francesa.

Depois, foram-se agrupando diversas atividades que pelo ineditismo ou dificuldade de realização conseguiam atrair a atenção do público. Os profissionais foram apurando a sua habilidade, e como resultado surgiram os grandes circos desaparecidos, pelo menos no Brasil.

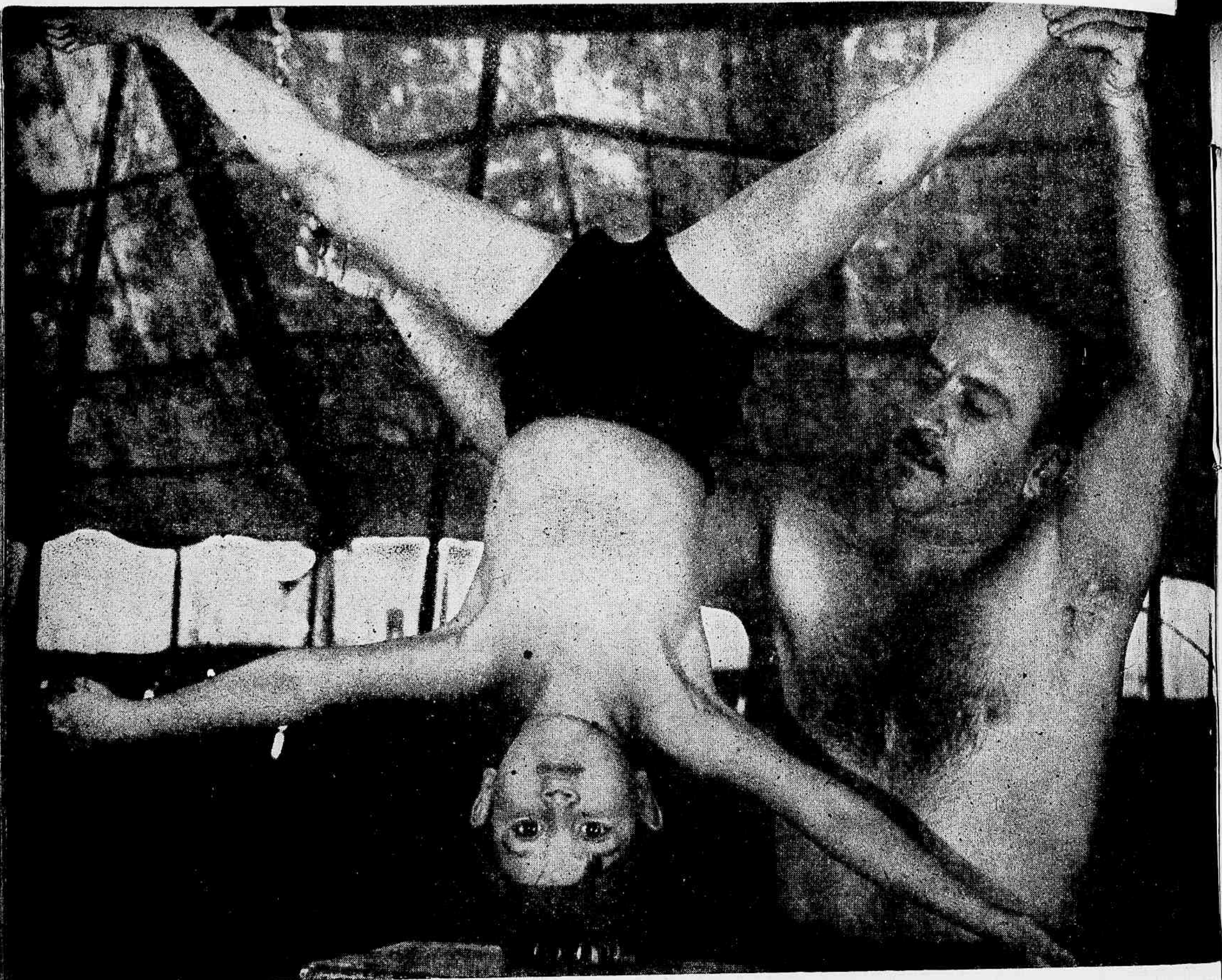
Divertimento por excelência eleito das crianças de todo o mundo, o circo gosou, por muito tempo de um prestígio considerável. Nas pequenas cidades do interior, a chegada



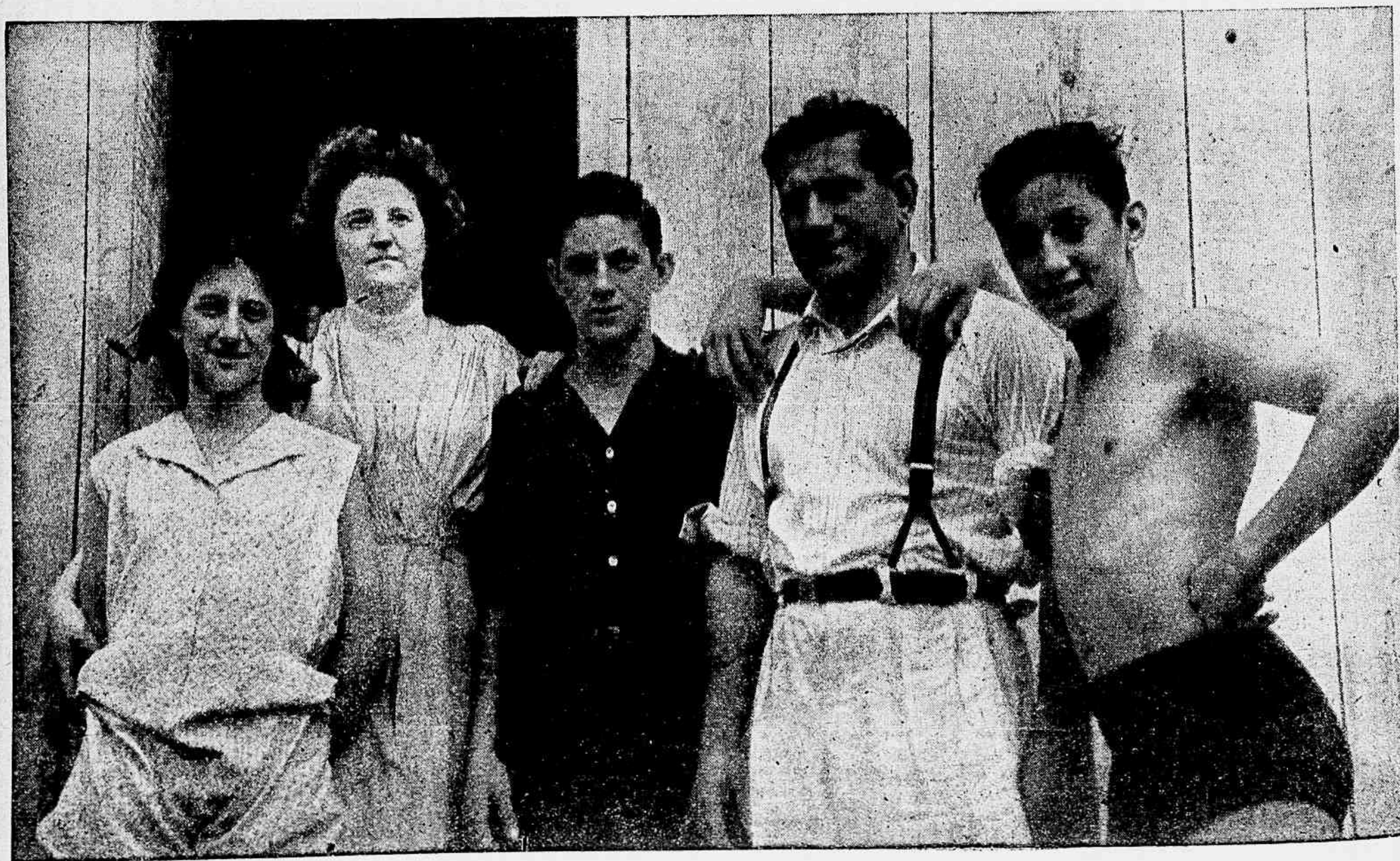
O GLOBO DA MORTE — Este é um dos números de maior sucesso num circo. A sua apresentação empolga a assistência que, depois de angustiosos minutos de ansiedade, enquanto os motociclistas se cruzam em velocidade dentro do globo de aço, explodem em aplausos estrepitosos e consagradores. Depois da prova, a noite está ganha e mais uma vez resultou bem aquela prova que pode ter a significação de um encontro com a morte.



PARADISTA DE CABEÇA — Terezinha Alves, do Pavilhão Azul de Copacabana, é Paradista de cabeça. Isto é, uma acrobata que faz isto que os leitores vêm na foto, para ajudar a família a ganhar vida. É filha de Chocolate, já experimentado no metier. Terezinha segue-lhe os passos e nos garante que isto é café pequeno. Aliás, há poucos dias, está pequeno era mais difícil.



FILHO DE PEIXE... — Quando o garoto de 7 anos, Mário Campioli Junior, soube que Terezinha Alves ia ter o retrato publicado na "Revista da Semana", fez uma parada de cabeça em cima de um tamborete duro até para a gente se sentar e esperou até que Vieira mudasse o filme. Depois, já estava se cansando e o pai, Mário Campioli, velho profissional, o ajudou a esperar. Em baixo, Noemia, Irene, João, Estevam e Ari Robatini, toda uma família de profissionais do circo, posa para a Revista durante o intervalo de um ensaio. A tradição vem dos bisavós. Não há meio de convencer os filhos de outra profissão. Serão de circo "per omnia secula seculorum".



de uma companhia com os seus cavalos amestrados, com os seus trapezistas e os seus palhaços besuntados, de alvaiade, exibindo numa jaula um pobre e esquelético leão esfomeado, provocava um alvoroço. O circo se transformava num assunto obrigatório e a entrada espetacular, geralmente pintada com um mau gosto exemplar, era ponto de reunião tão procurado como o são hoje as portas dos cinemas luxuosos e fartamente iluminados.

"O PALHAÇO O QUE É?..."

Quem quer que tenha nascido e vivido no interior não esquecerá a tradicional exibição do palhaço, montado de costas num jumento e dizendo as pilhérias do seu numeroso código de trocadilhos superficiais, seguido de uma procissão de garotos vadios, manifestação mais elementar da "claqué", garotos que gritavam o dia inteiro a troco de uma entrada.

"O palhaço o que é?" — E a garotada respondia alegre e inconsequente: "É ladrão de mulher?". E mais adiante: "O palhaço o que foi?" — e a resposta "Ladrão de boi". E por aí a fora, ia de rua em rua a "troupe" burlesca, gritando, cantando e anunciando o espetáculo do dia.

O PERNA DE PAU

As vezes, em lugar de montar num jumento, o palhaço saía trepado em duas formidáveis pernas de pau, ou ainda outros mais originais, sentados numa armação sobre um caminhão, permanecendo imóveis e sem dizer uma palavra, sem esboçar um gesto, sem contrair um músculo durante todo o percurso. Em todos os casos, a espetaculosidade, o sensacionalismo que é o característico principal do circo.

"AUTÊNTICO LEÃO AFRICANO"

Quando o circo dispunha de um leão, a propaganda assumia a qualidade de um verdadeiro acontecimento, mobilizando todas as atenções da pequena cidade provinciana. Para quem conhecia o "rei dos animais" apenas nas gravuras do livro de ciências de F.T.D. (aquêlê livro que em seguida à mais banal informação acrescentava com reserva a expressão — "como dizem os sábios") e numa ou noutra fita de cinema, a presença de um "autêntico leão africano" como era anunciado nos cartazes berrantes, representava algo de extraordinário.

E no dia da estréia, depois de lançada uma semana antes a notícia sensacional, ei-lo que aparecia dentro de uma jaula, passeando pela cidade, rua acima, rua abaixo, diante dos olhares maravilhados da criança e da curiosidade insopitável dos adultos.

— Sim, era um leão de verdade, — informava Joãozinho quando chegava em casa tarde para o almoço, querendo justificar o seu atraso. E a mãe, comovida com a descrição que o menino fazia, dos gatos e cachorros que andavam apanhando para alimentar o "rei dos animais" (êsse aposto sempre acompanhava a referência ao leão), deixava de lhe dar a sova que se havia prometido. E ainda por cima, dava-lhe cinco tostões para assistir ao espetáculo, do "poleiro", denominação popular do eufemismo arquibancada ou do termo ainda mais granfino galeria.

E o autêntico leão africano, coitado; não era mais do que um trapo do animal vigoroso e feroz que fôra outrora nas selvas do Congo. Desvitalizado pelas privações, olhar triste e indiferente, êle parecia mais um ridículo rei destronado.

A ARAMISTA INCIPIENTE — Durante o dia, Noemia, ainda inexperiente, treina num arame a oitenta centímetros do solo. Isto lhe dará a técnica necessária para ela realizar, no futuro, proezas incríveis a oito metros de altura. A sombrinha parece que atrapalha. Mas facilitá. Ela diz que só tem medo de pisar numa casca de banana.





ASSIM NAO! — Quando aprendemos a andar de bicicleta, não nos lembramos que fosse assim a aprendizagem. Mas João Robatini é teimoso e à custa dessas experiências vai demonstrar ao público que também se pode andar assim. Isto é um processo ótimo para dar trabalho ao pessoal de plantão na Assistência.

AS MOÇAS DE CIRCO

O circo levava ainda outra atração às populações do interior. Eram as aramistas e trapelistas, geralmente jovens cujo físico sempre estimuladô lhes garantia a conservação de uma figurinha agradável até os trinta e tantos anos. Novidades na terra, as jovens eram cobiçadas pelos empregados do comércio, alfaiates e pequenos comerciantes, enfim por todos os solteiros da pequena burguesia, como uma conquista e uma aventura de mérito excepcional.

Em consequência, às vezes, rompiam-se compromissos na terra, acabavam-se namoros antigos, brigavam os noivos, só por causa das "moças de circo" que pelo fato de terem mais experiência da vida e conhecerem outros aspectos do mundo além daquela meia dúzia de ruas, conversavam mais liberalmente com os rapazes. Mas por causa disso mesmo, ganharam uma fama pouco recomendável na língua impiedosa das velhas matronas faladeiras e a expressão "moça de circo" tomou uma significação comprometedora.

O CINEMA PREJUDICOU O CIRCO

Depois, com o advento do cinema falado, o circo foi grandemente prejudicado. A novidade que Hollywood nos mandava era de molde a não deixar margem para preocupar-se com outros divertimentos. O cinema era poderoso, tinha instalações mais confortáveis, era um serviço controlado com eficiência, financiado pelos capitalistas, oferecendo por dez tostões uma história completa com intrigas, calúnias, lutas, corridas de cavalos, e no fim o indefectível beijo e o casamento do rapaz com a mocinha. Aos poucos venceu o circo na concorrência. O circo passou para segundo plano.

O CIRCO NAO ESTA EM DECADÊNCIA

Fizemos uma lista de circos atualmente existentes no Distrito Federal (talvez o leitor não saiba que existem cerca de 15 em plena atividade) e escolhemos alguns mais próximos para visitar. Desejávamos saber se tinha fundamento a informação de um colega sobre a decadência desse gênero de divertimento tão querido da nossa infância.

Uma diferença anotámos desde o início.

MALABARISTA — Veja só o malandro! Em vez de estar "pegando no pesado" levantando altéres, ou treinando na barra, ou voando de um trapezio a outro, Rui Lima passa os dias nessa brincadeira de equilibrar a cartola no charuto. E com isso, nem sequer tem tempo para fumar. A profissão dá uma boa fêria. Pra que trabalhar?



PARADA DE PÉS — Alcides Queirolo, que se vê de costas e de cabeça escondida, sustenta nos pés o seu filho Aldo, iniciante na profissão. Trata-se de uma parada de pés, e pelo visto o garoto não está achando muito difícil. Não sabemos se é técnica ou vaidade. O fato é que ele esperou um bom pedaço.

Talvez pela dificuldade de terreno para instalação ou de transporte de material, o circo não tem mais aquela espetaculosidade de antigamente. Foi reduzido nas suas proporções. O espaço de terreno que ocupava diminuiu, ou decresceu alguns metros, o "poleiro" não tem mais o mesmo número de degraus, são raras as barras duplas ou triplas que exigiam um picadeiro bem grande.

Mas apesar disso, não obstante o definhamento das proporções, o circo não está em decadência. Foi o que nos afirmaram as pessoas interrogadas sobre o assunto.

A COMPANHIA DOS PAVILHÕES AZUIS EM FRANCA PROSPERIDADE

Um dos endereços era a rua Júlio Furtado. Lá encontramos o **Pavilhão Azul n.º 1**. Era de de manhã e consequentemente não havia por fora aquela animação característica da hora de funcionamento. Lá dentro encontramos Alcides Queirolo, membro de uma família de profissionais do circo. Os seus três irmãos José, João e Rolando formam com ele um grupo que vale por um espetáculo, tais as proezas que executam, saltando dos pés de um para os ombros do outro, que por sua vez já está trepado no pescoço do último, e assim por diante.

ARTISTAS QUE GANHAM DE 3 A 4 CONTOS

Alcides Queirolo nos assegura que não há declínio de interesse pelo divertimento e exemplifica:

— Basta ver por esta companhia. Começou a funcionar há uns três anos com um Pavilhão só. Agora tem cinco, espalhados em vários pontos da cidade.

— ...rende bastante a profissão?

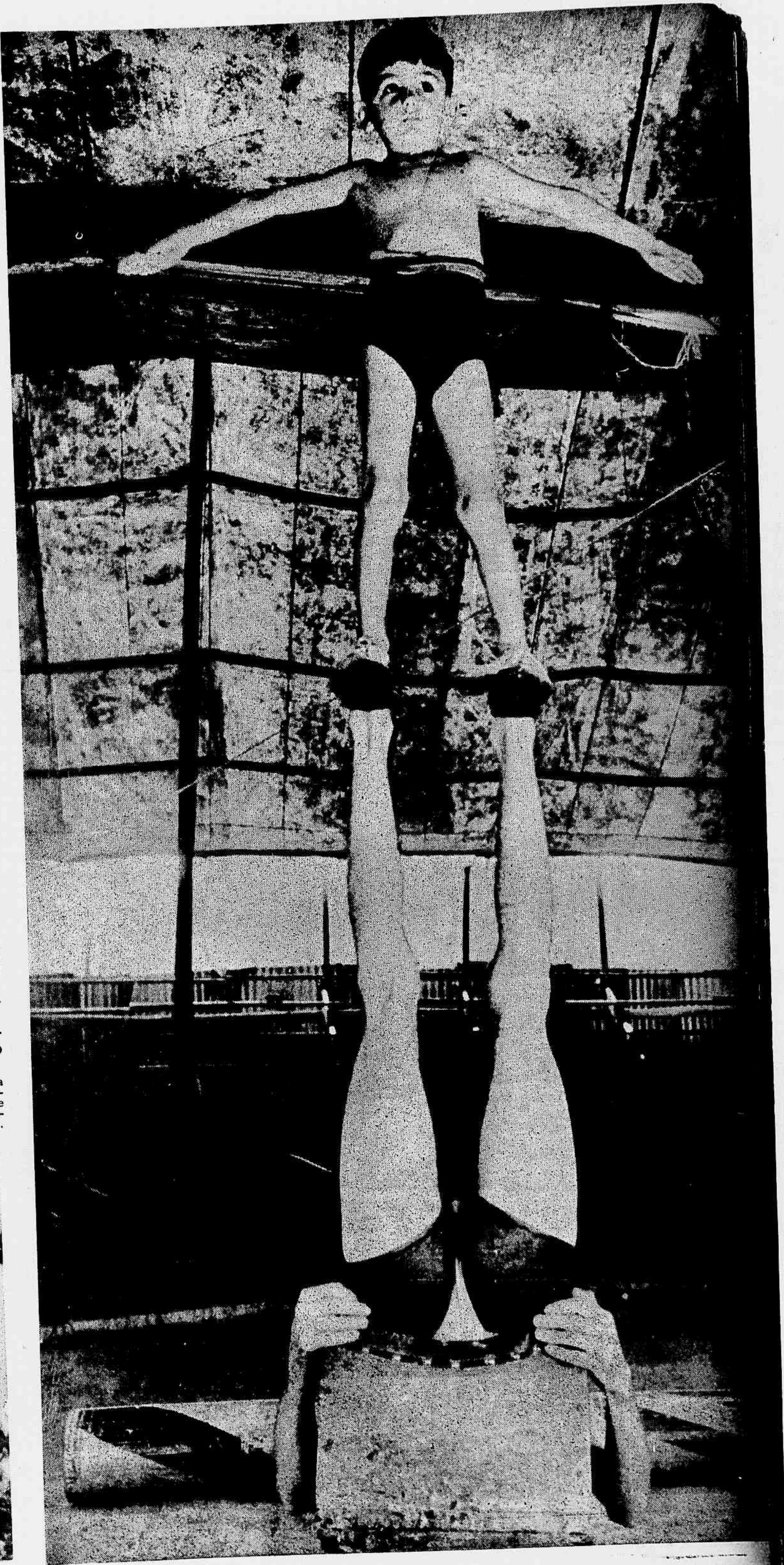
— Dá para viver. Há artistas aqui que ganham de 3 a 4 contos por mês. E note-se que a empresa tem um total de 118 artistas.

A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA PREJUDICA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS

E' fácil encontrar artistas, quando ocorrem vagas?

— Ainda há muito por aí. Mas a legislação trabalhista prejudica muito a formação

UM NÚMERO DE SENSACÃO — O elefante é um artista obrigatório em todo circo que se preza. Por isso, os proprietários dão às vezes fortunas por um bicho destes, certo de que é capital dando bons juro. De três em três dias consome um caminhão de capim. Sai caro? Não importa. A bilheteria compensa.



de profissionais. Como o sr. deve saber, um bom artista deve começar a sua carreira, não somente o aprendizado mas as exhibições, mesmo, ainda na infância. Só assim, ele adquirirá a segurança e a flexibilidade necessárias. Pois acontece que os menores são proibidos de trabalhar. O que resulta é que nós temos de sustentar os filhos até a maioridade, se desejamos que ele siga a mesma carreira, como é a maioria dos casos. Não podendo trabalhar em nenhum outro emprego, afim de não roubar o tempo necessário ao aprendizado e ao aperfeiçoamento, nós somos obrigados a sustentar os nossos filhos já rapazes, embora eles já estejam em condições de sustentar a si próprios.

Eu, por exemplo, comecei a aprender com 7 anos e aos 12 fiz minha estréia em Franca, Estado de São Paulo. E o meu filho Aldo, como o sr. vê, já está bem iniciado. Quando ele estiver em condições de ser apresentado, vou-em embora para a Argentina ou Uruguay onde não há tais exigências.

— E quais são os artistas mais difíceis de encontrar? Disseram-nos que os palhaços estavam escasseando... (Muito embora nos

lembrássemos de ter lido as reportagens das últimas edições da revista "Cruzeiro")...

— Os mais raros são os bons saltadores, os jockeys e os bons acróbatas. Justamente os que mais dependem de treinamento demorado.

A ASSISTÊNCIA É GRANFINA

— E os frequentadores?

— Gente de todas as classes. Não pense que só os pobres se interessam por circo. Se quiser vir a uma matinée nos domingos, encontrará aqui legítimas granfinas de Copacabana, divertindo-se á vontade.

Nossa atenção é distraída para uma senhora jovem que passa trazendo sob o braço um rôlo de madeira. Daí a pouco ela apoia as costas sobre um suporte de ferro e com as pernas distendidas para cima, vai rodando o rôlo com a planta dos dos pés.

— Jogos de Ícaro — é o nome dêsse número.

Quando a meninada viu o fotógrafo registrar o flagrante, pôs-se a trabalhar com afinco, afim de atrair a atenção do nosso compa-

neiro. A objetiva contribuiu assim para um ótimo rendimento do ensaio daquela manhã. E nós conseguimos o material que desejávamos e deixamos a família Queirolo em paz, depois que Mário Campioli, acróbata e saltador de envergadura, "double" de palhaço sob o nome de Quero-Quero" nos mostrou um salto Beduino inteiro, em pleno asfalto da rua Barata Ribeiro. Infelizmente a máquina fez o papel de "amigo da onça".

UMA VELHA TRADIÇÃO DE FAMÍLIA

— Somos aqui três casais, cada um com a sua família. Ao todo 25 pessoas. Todos se dedicam aos trabalhos de circo.

Quem nos fala é Estevam Robatini, gerente do Zoológico Continental Circo, na rua do Catete. A tradição vem dos bisavós. Nenhum membro da família Robatini deu para outra coisa até hoje que não fosse circo.

No picadeiro desarranjado durante o ensaio, encontramos Noêmia Robatini ensaiando no arame sob as vistas da mãe, a sra. Irene, que também faz das suas piruetas.

Enquanto conversamos, os filhos se entregam ao esforço, um de aperfeiçoar um salto, outro de equilibrar-se com a cabeça apoiada na sela de uma bicicleta, outro brinca no arame, com mais segurança do que quando atravessamos a av. Presidente Vargas e lá no quintal, um empregado distribui nacos de carne aos leões, a uma hiena e a uma pintada que é o terror da casa. Traíçoeira como os homens mais traíçoeiros.

O ELEFANTE É COMO UM FUNCIONÁRIO...

O elefante enorme, levantando grossos feixes de capim, é o bicho mais pacífico. Passa os dias naquela semi-sonolência, sem nada fazer como se fôsse oficial administrativo.

E Estevam Robatini, depois de nos contar o período mais crítico de sua vida de gerente que foi justamente o da falta quase absoluta de carne, levando-o a gastar 500 cruzeiros diariamente para alimentar os animais, assegura-nos como tantos outros que não há decadência nenhuma no circo. Tudo vai muito bem.

O mesmo nos declara o gerente do Pavilhão Dudu, velha e tradicional organização na exploração do negócio de saltos, piruetas e palhaçadas.

E OS PALHAÇOS?

Só nos foi difícil encontrar os palhaços. Andam sempre muito ocupados, alguns disfarçados em figurões, dando entrevistas e bebendo whyskey como gente grande.

E além disso, caro leitor, o assunto palhaço está muito explorado nos últimos dias. Você não acha?

JOGOS DE ICARO — Disseram-nos que o nome disso é "Jogos de Ícaro". Não sabemos da afinidade entre sustentar e fazer rodar este rôlo sobre a planta dos pés e a figura mitológica de azas de cera. Seja como for, o certo é que Araci Queirolo o faz com perfeição, apesar de contar apenas três meses de treinamento



Por **GEORGES RAVON**

H À algumas semanas e sobretudo depois que o General de Gaulle veio passar o aniversário da Vitória junto ao túmulo do Tigre, na Vendeia, numerosos peregrinos têm ocorrido à casa de Clemenceau em Paris.

O prédio se confundiria com os demais não fora a placa de mármore ali colocada. Sólido e sem graça, semelhante à maior parte das casas desta calma rua Franklin, no pacato bairro de Passy.

Pouco faltou para que Georges Clemenceau fosse despejado. Não era rico e o aluguel tornava-se por mais pesado para ele. Mas um Americano, cujo nome ainda hoje é conservado em segredo, adquiriu o imóvel: "Enquanto viverdes, disse ele ao Presidente, estareis em vossa casa". Assim Clemenceau, apesar das ingratidões oficiais, pôde terminar seus dias entre os livros e as rosas que amava. Hoje, graças a esta generosidade anônima, sua sombra ainda é "senhora" deste museu, pouco a pouco enriquecido por novas recordações e que é mantido com os rendimentos provenientes dos restantes apartamentos do prédio.

★

Entro para visita-la com um grupo de visitantes. Entre eles estão estudantes, veteranos da outra guerra, com suas fitas na lapela, um mutilado que claudica, duas senhoras de luto, um soldado canadense.

Atravessamos um pátio e, depois de subir alguns degraus, eis-nos diante de uma porta fechada. O mutilado se atreve a bater. Ouvem-se passos surdos. Abre-se a porta.

Não temos a impressão de transpor os um-

brais de um lugar público; as paredes conservaram o calor de uma presença. O Tigre vem talvez receber-nos com seu humor rude, perturbado em algum trabalho... Tudo está como ele deixou, há 17 anos.

Entramos na sala de jantar. Dois grandes "abat-jours" de louça azul claro, que abrigaram muito tempo a chama sibilante do gás, iluminam hoje com lâmpadas elétricas a mesa onde alguns documentos estão reunidos junto ao saquinho de terra das trincheiras, recolhida no front em 1915.

Mais comovente ainda é o quarto de dormir, onde Alberto, o fiel criado de Clemenceau conduz a seguir nosso pequeno grupo cerimonioso. Perto do leito sem estrado, onde o Pai da Vitória dormia, estão o robe e os chinelos. Sobre a mesa, perto da janela, as penas de pato, o saco de areia (Clemenceau tinha horror da caneta e do mata-borrão), as provas de "GRANDEZA E MISÉRIA DE UMA VITÓRIA" que o mestre corrigia quando a morte o fulminou. E os óculos colocados sobre o título do livro lido: uma história política dos Papas.

Ao lado, está a biblioteca, com suas inúmeras obras, suas belas encadernações, suas produções de livros antigos cuja harmonia pacífica alegrava paradoxalmente a alma ardente do velho lutador. No centro, a grande escrevaninha em forma de ferradura, onde se sentava Clemenceau, pronto a se voltar para o interlocutor, com um movimento brusco de sua poltrona, para a defesa ou para o ataque.

Quantas conversas decisivas, das quais dependia o destino de milhões de homens, não ouviu esta sala, onde o Presidente reunia seus ministros porque tinha horror dos tetos oficiais e "não gostava de morar nos mobiliados"!



FALTA UMA ROSA NO JARDIM DE CLEMENCEAU



— "A emoção que vocês sentem neste ambiente domina todos os visitantes que aqui vêm, disse-nos Albert. Durante a Ocupação os próprios alemães, atraídos, à esta casa pelo complexo da força que os empolgava, não faziam exceção à regra. Não ousavam fazer mais soar suas botas... E o museu ficou aberto até sua partida.

Hoje, o soldado canadense medita diante da máscara mortuária de Clemenceau. Os estudantes copiam com cuidado o texto de uma carta do Tigre. O mutilado suspira:

— Ah! se ele voltasse...

Peregrinos, há entretanto, que vêm mais discretamente ouvir a muda lição de Clemenceau. Dois políticos muito conhecidos periodicamente, se retiram neste sítio de espiritualidade nos dias em que o museu está fechado para o público.

★

Depois da visita, penetramos no jardim. É encantador, nesta tarde de primavera, com as suas rosas que se abrem ao sol.

Certa vez, depois do armistício, os galhos de uma árvore, de um estabelecimento religioso, visinho à sua casa, estendiam uma cortina de folhas diante da janela do Presidente e o privava da luz. Clemenceau pediu ao Superior que mandasse desramar a árvore. O superior mandou abatê-la. Então o Tigre pegou da pena:

"Meu pai,

"Quero agradecer-vos o serviço que me prestastes e que exagerastes. Eu vos sou muito reconhecido.

(Continua na pág. 52)

Gabinete de trabalho do Presidente Georges Clemenceau, conservado no Museu da Rua Franklin de Paris, tal como se encontrava no mesmo dia de sua morte. Nada foi alterado, conservando-se inclusive os óculos no mesmo local em que ele os deixou. Tudo, como si a qualquer momento Clemenceau pudesse voltar, sentar-se à sua velha mesa de trabalho, agitar as lentes sobre os olhos, molhar a pena de pato e continuar um trabalho interrompido na véspera, momentos antes de dormir...

O "até amanhã" de Bibi

Na véspera de seu embarque para Londres, via aérea, onde foi dar conta de um contrato de filmagem, tal como amplamente divulgaram os jornais, Bibi Ferreira compareceu ao microfone da Rádio Globo, e ali, entrevistada por Celestino Silveira em "Cine-Rádio Jornal", assim falou:

— Aceitei esse contrato, acima de tudo, pela oportunidade que me foi dada de viajar. Desde menina, não saía do Brasil, e confesso, andava saudosa de espairar. A oferta de Londres veio ao encontro da minha vontade... Irei com o espírito de aventura, mas disposta a trabalhar muito.

— Anteriormente não lhe haviam sido feitos também oferecimentos de Hollywood? Por que preferiu o cinema inglês ao norte-americano?

— Não preferi — esclarece Bibi. O contrato de Londres era mais objetivo, concreto e positivo, ao passo que os de Hollywood, não passavam ainda de simples e vagos oferecimentos. Eu iria na incerteza. Para Londres, vou com todos os problemas daqui mesmo resolvidos.

— Quando pretende voltar ao Brasil?

— Ao Brasil, propriamente, dentro de três ou quatro semanas. Em Londres passarei poucos dias para receber as instruções definitivas da filmagem, voltando em seguida, mas para o Amazonas, na companhia do ator Sabú e dos técnicos ingleses. Ficaremos na cidade de Rio Branco, território do Acre, pelo menos três semanas filmando os exteriores.

— Uma vez terminada essa filmagem em Londres, quais os seus projetos?

— Viajar. Viajar muito. Percorrer a França, a Itália, a própria Inglaterra — e daí, quem sabe? Talvez... EE. UU.!

— Mas haviam divulgado que você faria a protagonista de um filme nacional baseado na "Moreninha" de Macedo. Foi realmente convidada?

— Sim, fui, responde Bibi. Estava tudo bem encaminhado quando sobreveio o oferecimen-

(Continua na pág. 52)

Foi uma noite alegre e desde logo saudosa, a de 5 de julho, no Teatro Fenix, por ocasião do recital de despedida de Bibi Ferreira, que se vê na gravura ladeada por elementos que tomaram parte no espetáculo. E também Paschoal Carlos Magno, satisfeitos com o embarque da filha de Procopio para Londres dos seus amores...



Em cima, componentes desse memorável espetáculo, vendo-se entre outros, Alda Garrido, Carlos Lage, Garcia Melo, Alvaro Aguilar, e vários componentes do Teatro Experimental Negro, que também aderiram à festa. — Em baixo, Bibi recebe o abraço de despedida do seu colega Darcy Cazarré, e ao lado, Bibi cantando um samba de Ari Barroso. Ao piano, o compositor de "Aquarela do Brasil" fazendo os acompanhamentos.





Bibi e Ari Barroso sorriem para o público. O autor e a interprete, associaram-se nessa noite de despedida da filha de Procopio. A ri prometeu quem sabe? talvez, nada é impossível... — aparecer em Londres de um momento para outro. E Bibi declarou estar disposta a voltar tão depressa quanto seja possível. Em baixo, Bibi dançando o "frêvo", de sombrinha aberta, no palco de Fenix. Os mais pitorescos passos da dança pernambunana, fôram habilidosamente executados pela nova "estrela" do cinema britânico, ao lado de legítimos interpretes do "frêvo" pernambucano. E agora, adeus Bibi, até à volta... E felicidades!





JOÃO DUNSHEE DE ABRANCHES MOURA

JOÃO DUNSHEE DE ABRANCHES MOURA preencheu vida com renome e utilidade. Com atitudes desassombradas, seis vezes consecutivas representou o Maranhão, terra, natal, na Câmara dos Deputados.

Polígrafo incansável, em vários generos literarios, escritor fecundo, dedicado ao magisterio, Dunshee de Abranches, um dia poeta, brilhou na imprensa.

Amigo, defensor de Rio Branco, prezava Dunshee de Abranches a historia patria. Entre serviços a ela prestados figura a publicação de livro intitulado *Actas e Actos do Governo Provisorio* instituido pela proclamação deodorianana da Republica.

A obra é de proveito sobretudo para os que têm por officio saber passado.

Dois periodos bem distintos conta a existencia do primeiro Governo Provisorio republicano. Periodo vivo de 15 de Novembro de 1889 a 20 de Janeiro de 1891 é o do ministerio da Proclamação da Republica, periodo nascido a 22 de Janeiro de 1891, e morto a 23 de Novembro do mesmo anno é o do ministerio Lucena.

Principais sucessos no decorrer dos dois periodos acima divididos: obter sem delongas de uma Constituição, discordias ministeriais, um eleger de presidente da Republica em disputado pleito no Congresso, um golpe de Estado fechando portas ao poder legislativo recém-eleitor, um contra golpe abrindo portas fechadas por vinte dias, contra-golpe devido à marinha de guerra pugnando pelo restabelecer de Constituição.

Sucessos de doze mezes, sucessos uns sobre outros, até a renuncia de Deodoro, logo recolhido à vida privada para que mal cursando sessenta e cinco annos, feitos pouco antes de morrer, fosse, segundo desejo expresso, sepultado à paisana, sem veneras, sem sombra de honras militares.

Muito Deodoro está em *Actas e Actos do Governo Provisorio*, o livro editado por Dunshee de Abranches em 1907. O autor baseiou a obra em copias autenticas e protocolos das sessões do Conselho de Ministros, do advento da Republica à organização do ministerio Lucena, acompanhando as atas de importantes revelações e documentos.

No documentario Abranches encontra-se preciso subsidio para luz da verdade, que a Historia tanto reclama. No documentario Abranches está muita cousa util ao historiador para exame do segundo ensaio, o primeiro na Regencia, do regime republicano no Brasil, com a grave responsabilidade da promessa de corrigirem abusos de "ominosos tempos de regime anterior, cabendo a futuros historiadores a conta dos erros e abusos incriminados, a saber se extintos, diminuidos ou aumentados.

Neste particular coligiu Dunshee para missão de vindouros julgadores. Centenamente nos em resrigar no livro de Abranches algumas informações ora curiosas e futuramente bem valiosas.

A seguir, pois, algumas informações a correr de notas de leitura

Cidadão

Tal se considera, em qualquer paiz, o individuo no gozo de direitos civis e pol'ticos. A Revolução Francêsa proclamando os Direitos do Homem, arrogando-se o direito de cortar-lhe a cabeça, poz em moda a palavra *citoyen*, até que os extremos do abuso abolissem o uso da palavra. O bom senso, esse velho desconhecido pela maioria dos moços deu razão ao verso de *Andrieux*

Appelez-vous messieurs, et soyez citoyens.

No Brasil de 1889, com atrazo de um seculo, a palavra cidadão appareceu em cópia. Estreou a 7 de Janeiro de 1890 na ata das sessões do Governo Provisorio e qualificando membros de tal governo.

A ata de 7 de Junho de 1890, porem, restabeleceu para Deodoro e seus colegas o tratamento de Senhoria, o de Deodoro no exercito imperial como marechal de campo.

De 17 de Junho de 1890 em diante os membros do Governo Provisorio ficaram Senhores, de reunião em conselho ministerial no edificio Itamarati, este, nas proprias atas, tratado ora per palacete, ora por palacio do chefe do Governo.

O prédio, popularmente chamado, Casa do Menino de Ouro, seria sede de presidencia até 1896 quando os contribuintes, sob o nome de Fazenda Publica, adquiriram o palacio Nova Friburgo por tres mil centos.

Guilherme II

A que vem o Hohenzollern? Soube-o o Governo Provisorio, vamos sabel-o sem demora.

No dia da proclamação da Republica um tenente do exercito ferira o chefe de esquadra barão do Ladario, ministro da Marinha. Feita a Republica, o governo nomeou o official adido à legação brasileira em Berlim, terra natal de um imperador caracteristicamente militar à prussiana em passo de ganço.

Dirigia o visconde de Itajubá, de tradição diplomatica no Imperio, a nossa legação na Alemanha. Telegrafou Itajubá dizendo ao ministro do Exterior da Republica, o general Quintino Bocayuva, dizendo o diplomata que "fazia sentir o mau efeito da permanencia do adido militar na legação, achando prudente a sua remoção, porque o imperador da Allemanha nunca o receberia affetuosamente pelo facto de ter ele atirado contra o ministro Ladario.

Bocayuva leu o telegrama de Itajubá em sessão do Governo Provisorio, acrescentando que "tendo procurado o Snr. Blondel (encarregado de negocios respondendo pela legação de França) o diplomata lhe lera conhecimento de uma nota que a respeito da questão recebera do seu governo".

O arquivo do Itamarati deve saber do caso miudo a miudo.

Divorcio

Em sessão de 21 de Janeiro de 1890, pouco após a separação da Igreja e do Estado, o Governo Provisorio discutia projeto de casamento civil, ideia de alguns no Imperio, entre eles Diogo de Vasconcelos, quando ministro da Justiça em 1837 num ministerio presidido por Olinda.

Discutido pelo Governo Provisorio o projeto de Casamento Civil, Benjamin Constant declarou que proporia a supressão do divorcio no sentido lato da palavra.

Objetou Campos Salles não ser conveniente tal eliminção, o projeto cogitando apenas da união corporal e nunca da do vinculo, pois isto importaria em nulificação da familia, convindo na opinião Ruy Barbosa e Aristides Lobo.

Campos Salles a formou haver coligido, no projeto de casamento civil, quanto existia mais moderno na legislação estrangeira. Adiantou mais que, para legislar com sabedoria, era preferivel imitar a inventar. Assim pensando adotara no projeto quanto na materia lhe parecera bom.

Cerimonia do Casamento Civil

Ocupou-se o Governo Provisorio com a formula pela qual o presidente do ato civil proclamaria casados os nubentes habilitados para união conjugal.

Demetrio Ribeiro, positivista, propoz que a formula consignada no projeto, a de estarem nubentes legitimamente casados, se os declarasse tais "em nome da patria." A proposta não foi aceita.

Feriados

O ponto facultativo precedeu de muito a actual semana inglêsa, dando esta áquele ponto uma boa virgula no descanso com retardamento de interesses gerais. Amanhã, amanhã, é bem palavra de genuina lingua brasileira.

Quantos annos soma a idade do ponto facultativo? Está com 56 annos, de natalicio a 29 de Março.

Nesta data memoravel para tantos beneficiados, em 1890, em sessão do Governo Provisorio foi ventilada a questão de feriar os dias da Semana Santa, apesar de separação de Igreja e Estado.

Resolveu-se, que por escrupulos e respeito às crenças religiosas dos funcionarios publicos, fossem dispensados do ponto nas repartições aqueles que a elas não comparecessem. Até hoje falta a estatística dos empregados publicos contrarios ao ponto facultativo.

Missa Campal

As missas campais são hoje frequentes, ao ar livre e no aperto de assistencia quando numerosa.

A 20 de Abril de 1890 uma solenidade do genero campal ocupava attenção em sessão do Governo Provisorio.

Tomava a palavra o generalissimo Deodoro, tomava porque ele concedia a palavra aos demais. Declarava Deodoro aos presentes ter ele conferenciado com o ministro argentino Moreno, um dos convidados do baile da Ilha Fiscal.

Moreno solicitára fixação de dia e hora para entrega de medalhas comemorativas da guerra do Paraguai, tarde sempre melhor que nunca, a Argentina ofertando aquelas medalhas.

Exprimiu tambem o ministro Moreno novo desejo, o de ser marcado para entrega o dia 24 de Maio, memorativa da batalha de Tuiuti, formando então todas as forças de terra e mar, missa campal precedendo a distribuição das medalhas.

Unanime votação aprovou a primeira solicitação, Benjamin Constant, Ruy Barbosa, Wandenkolk votando contra a celebração de missa campal, à vista da separação da Igreja e do Estado.

Deodoro deu-se a palavra, declarando que em attenção às relações amistosas entre o Brasil e a Argentina, pediu licença a Moreno para ser celebrada a missa campal a 25 de Maio, data tradicional da Argentina. Assim se fez.

Ordem do Cruzeiro do Sul

Na sessão do Governo Provisorio, a 10 de Maio de 1890, a proposito de condecorações, Bocayuva propoz a criação de mais uma ordem honorifera, "para que se não barateasse a ordem do Cruzeiro.

Pensões Exageradas

A 27 de Setembro de 1890, insurge-se Deodoro contra a pensão de 7\$ diarios concedida a um operario da Casa de Correção.

"É impossivel tal pensão só concedida às filhas de Caxias e do marechal Bittencourt e os serviços de ambos não podem ser equiparados ao do operario.

Campos Salles, ministro da Justiça, concordou, embora o ato vindo da sua Secretaria. Deixou a discreção de Deodoro a quantia fixavel, corrigindo a pensão do operario e da Casa de Correção.

NOTAS DE LEITURA

ESCRAGNOLLE DORIA

O SORRISO DA MADONA

Conto de GRACE LATHAM

ERA um sorriso levemente esboçado, um tanto ou quanto misterioso. Diferente do de Giocconda, porque não encerrava o que há neste, de qualidade patética: revelava, simplesmente, serenidade, calma, antevisão de um outro mundo, maior, mais livre, mais puro. Lucy perdia-se na contemplação daquele quadro. Uma voz ao seu lado disse:

— Seria capaz de jurar que ela estava apaixonada...

Lucy voltou-se, surpresa,

Um rapaz, alto, moreno, estava de pé ao seu lado.

— Lindo, não é?

Ela assentiu e afastou-se. Mas ele seguiu-a.

— Não vá embora. Não fique ofendida, porque eu lhe dirigí a palavra assim, sem cerimônia. Mas vi que era inglesa. E dois ingleses perdidos num museu italiano bem poderia desprezar as formalidades. Quer que me retire?

Ele não parecia um audacioso vulgar. Antes, havia um forte cunho de sinceridade em suas palavras, pronunciadas com um sorriso, em tom persuasivo.

— Vê algum mal nisso? concluiu ele.

Ela rendeu-se:

— Nenhum.

— Nesse caso, continuemos a análise desse sorriso. Sabe que ele me fascina. Todas as manhãs eu venho contemplá-lo.

— Mora aqui?

— Permanentemente.

Depois, acrescentou:

— Naturalmente está surpreendida. Um inglês, sem profissão, perdido na Itália. Digo sem profissão, por que, aqui, escritor não é profissão. Ainda ontem, meu jardineiro, vendo-me trabalhar, perguntou-me: Sentado aí, descansando, não é verdade? Eu retruquei: Pelo contrário. Estou trabalhando. Ele saiu, abanando a cabeça, porque nunca pensou que sentar-se a uma mesa e escrever fosse trabalho... Mais tarde, eu abandonei minha tarefa, estava cansado. Fui para o jardim, mexer nas minhas plantas. Ao ver-me, o jardineiro disse, triunfante: Ah! Agora, sim, está trabalhando. Mas eu desenganei-o: Pelo contrário. Estou descansando. Mas tudo isso veio de uma pergunta sua. Se moro aqui? Moro. Certo dia cansei-me da vida incolor que levava na Inglaterra, como um rascador bem pago, mas infeliz. Mudei-me para a Itália. Isso contribui dizem-me, para um enfraquecimento literário — provam-no meus editores. — Mas como o revigoramente físico e mesmo espiritual é grande, estou satisfeito.

Não tenho a menor pretensão de chegar à posteridade.

E a vida aqui é barata.

— Viver aqui há muito tempo?

— Sim. Seis anos. Transformei-me em Robinson Crusoe num lugar habitado por milhões de pessoas. Todos me conhecem e eu conheço a todos. Mas só faço o que desejo e quando quero isolar-me, parto. Depois volto. É a liberdade.

— Deve ser maravilhoso.

— Por que não faz o mesmo?

Ela sorriu:

— Não posso. Tenho que cuidar de minha patroa.

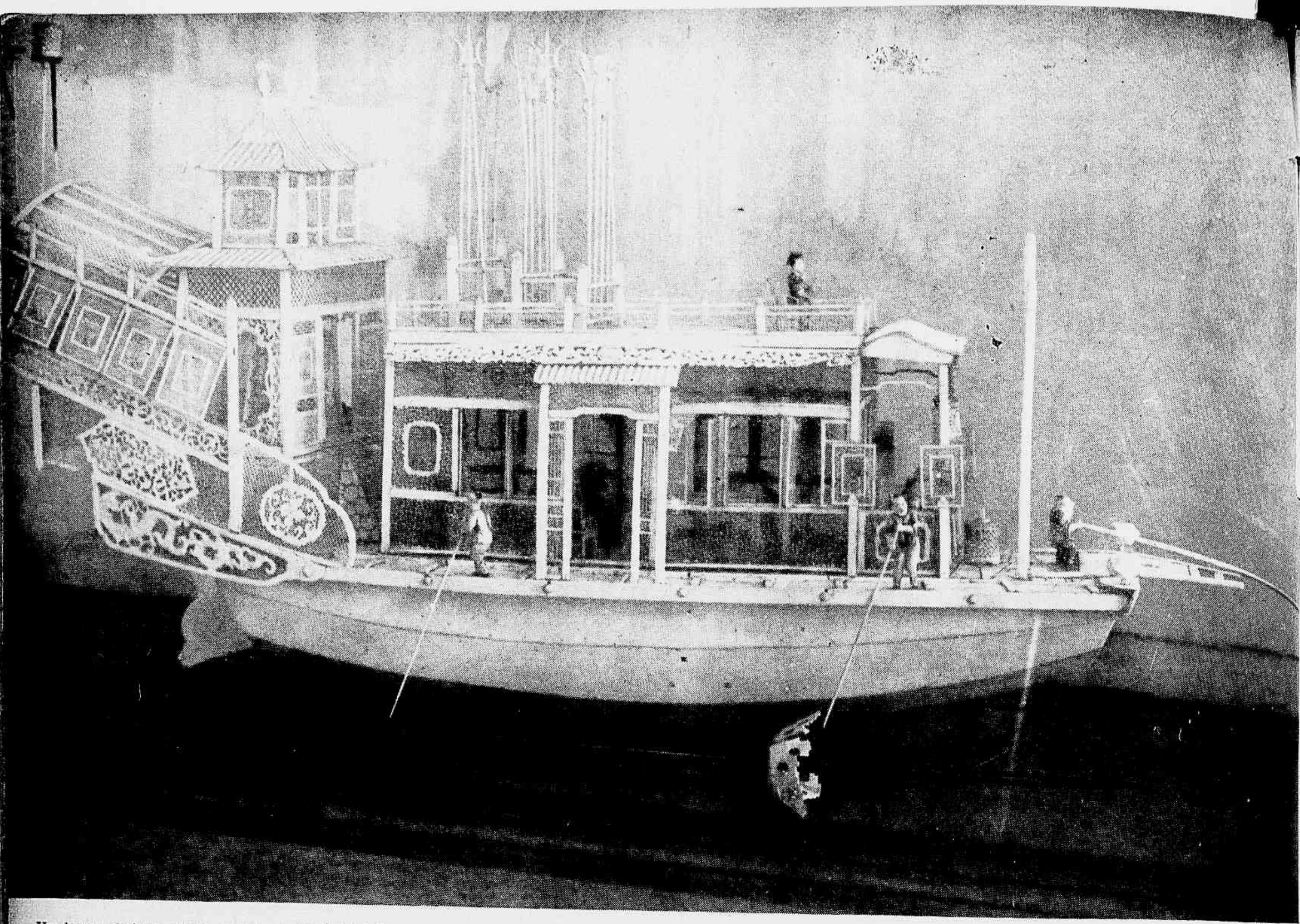
— Patroa? Não me diga que uma moça tão linda é aquela coisa horrível que se chama Dama de Companhia, uma pessoa sem a menor possibilidade de ser feliz, sem a menor oportunidade libertar-se, eternamente sob a tutela de uma milionária ociosa...

— Sou tudo isso. Só em uma coisa o senhor se engana. A milionária não é ociosa: escreve como o senhor.

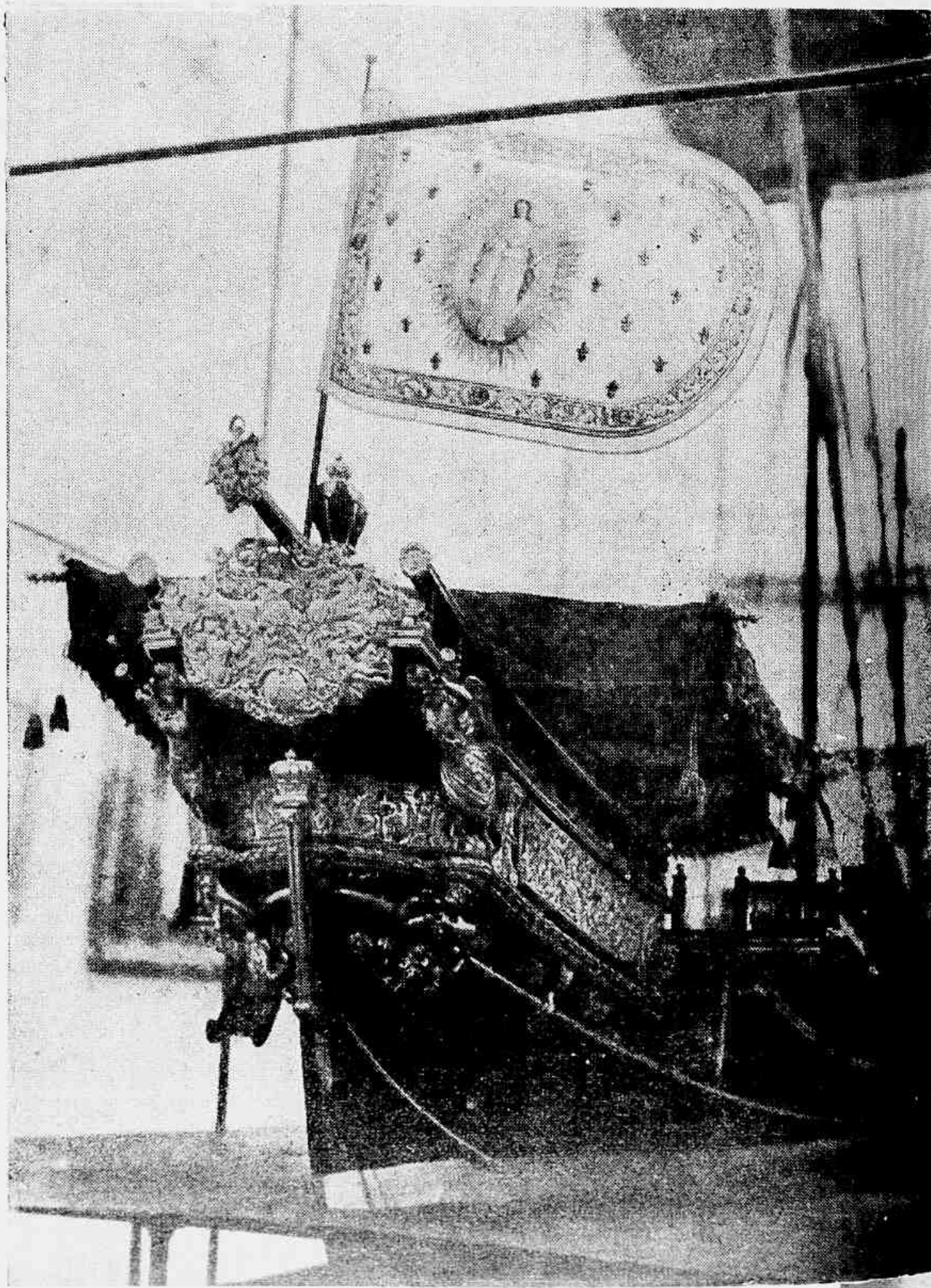
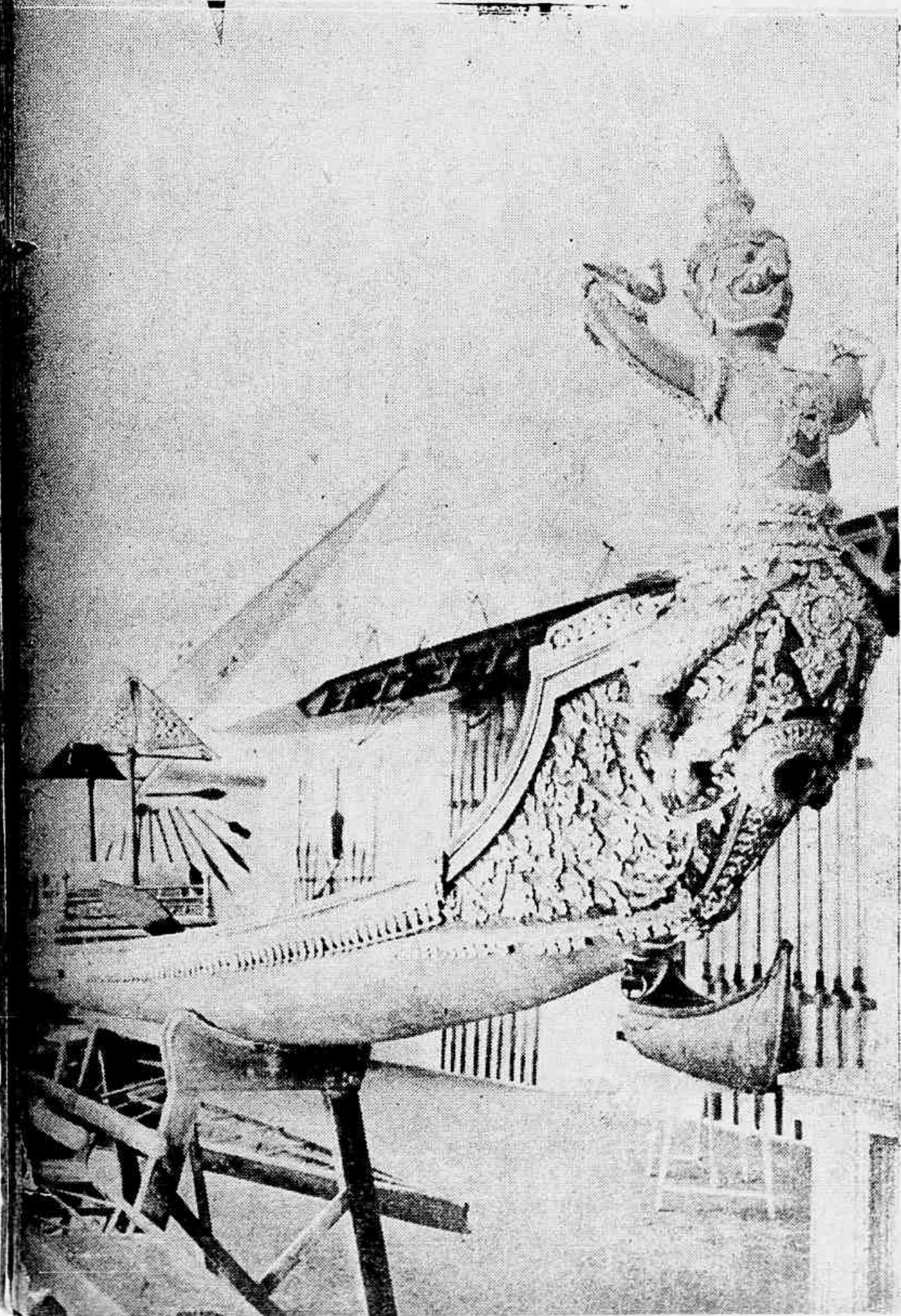
— Que pavor! As milionárias, quando dão para escritoras, além de atormentar o mundo com a exibição de seu dinheiro, caceteiam-no com a publicação de suas obras.

Continua na pag. 55





Um barco de luxo, chinês, na gravura ao alto, tal como o usavam os nobres daquele país do Oriente. Em baixo, à esquerda, um modelo reduzido da canôa do Rei do Sião, e à direita, um barco da época de Luiz XIV. — Reconstituições assim perfeitas, elucidativas, trabalhadas sob a mais rigorosa fidelidade histórica, servem para orientar os alunos das escolas ginasiais. Folhêtos demonstrativos da época, dos fastos históricos e da utilidade de cada uma dessas peças, são distribuídos aos visitantes do Museu da Marinha, uma verdadeira escola de cultura a serviço do povo.



Os museus são verdadeiras escolas de cultura onde se aprende sem intervenção de professores. Nêles se encontra a confirmação dos ensinamentos que nos foram ministrados nos bancos escolares, e por isso, a frequência assídua aos museus, por todos os dias da existência do homem, serve para lhe manter em perfeita forma o grau de cultura geral. Também pelo mesmo motivo as grandes capitais possuem importantes museus que constituem permanentes centros de atração de milhares de visitantes, homens e mulheres, adultos e crianças de todas as classes.

São famosos pela riqueza de suas coleções e variedade de seus assuntos, os museus de Paris. Ali se encontram museus de todas as especialidades, alguns até com verdadeiro sentido pitoresco. Há museus de História, de Geografia, de Teatro, de Cinema, de Pintura, de Arquitetura, de Excentricidades, museus de cera reconstituindo importantes homens de todos os tempos, e até um museu de animais empalhados.

Ainda agora, em fins de junho, instalou-se em Paris, no Palácio de Chaillot, o Museu de Marinha, que reúne uma preciosa coleção de modelos reduzidos de embarcações em todos os tipos, países e séculos. Trata-se da própria história da Marinha, até nossos dias, onde se vêem os primitivos tipos de escafandros, rusticos e pesados, em confronto com os modelos aperfeiçoadíssimos de nossos dias; canoas de reis e imperadores, inclusive uma cujo original pertenceu ao Rei de Sião; barcos da época de Luiz XVI e XV, galeras chinesas, as de luxo e as que se destinam à plebe, tudo, enfim, que diga

respeito à Marinha, de guerra ou mercante, em todos os cantos do planeta.

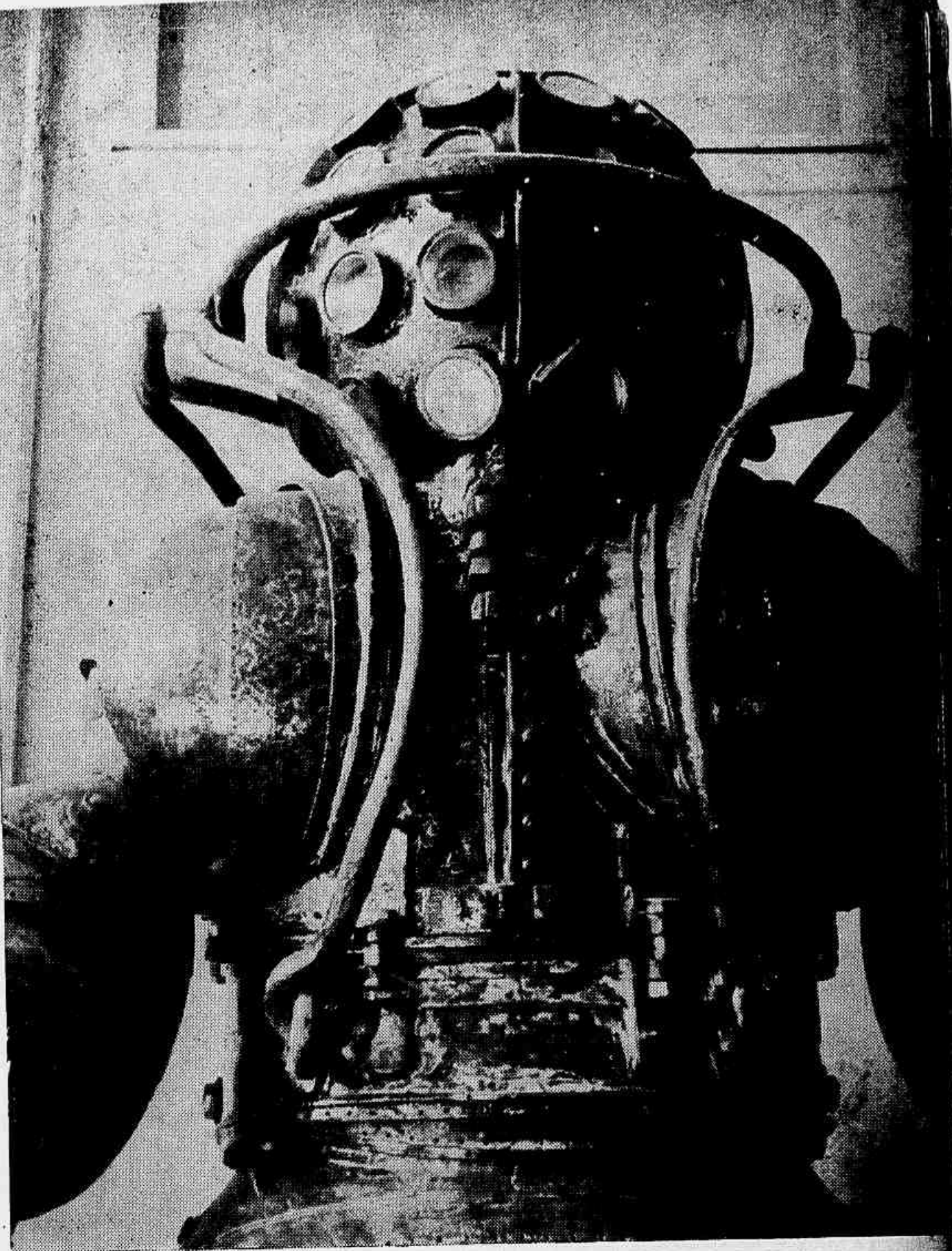
A instalação do Museu de Marinha era objeto de acurados estudos que se vinham prolongando nestes últimos dez anos. Foram interrompidos com o deflagar da guerra. Já o palácio de Chaillot estava destinado, por decreto governamental, para esse fim, quando sobrevieram os dias trágicos da invasão, e aí não foi mais possível cogitar do assunto. O tãção nazista soava nas ruas asfaltadas da Cidade-Luz, e os palácios eram ocupados pelos oficiais tiranetes, que implantavam seus domínios bárbaros por toda a parte. Foi preciso expulsar do "boulevard" o último invasor, limpar a metrópole de todos os resíduos que eles por ali deixaram, para poder então pensar em coisas de arte e de finalidade educativa.

O Museu de Marinha é realmente modelar, e sua inauguração feita recentemente, em fins de julho, foi um acontecimento. Milhares de pessoas afluem às suas dependências, enquanto as escolas de todo o país recomendam aos seus alunos, principalmente aos que sonham seguir a carreira naval, uma visita a essa escola de cultura permanente.

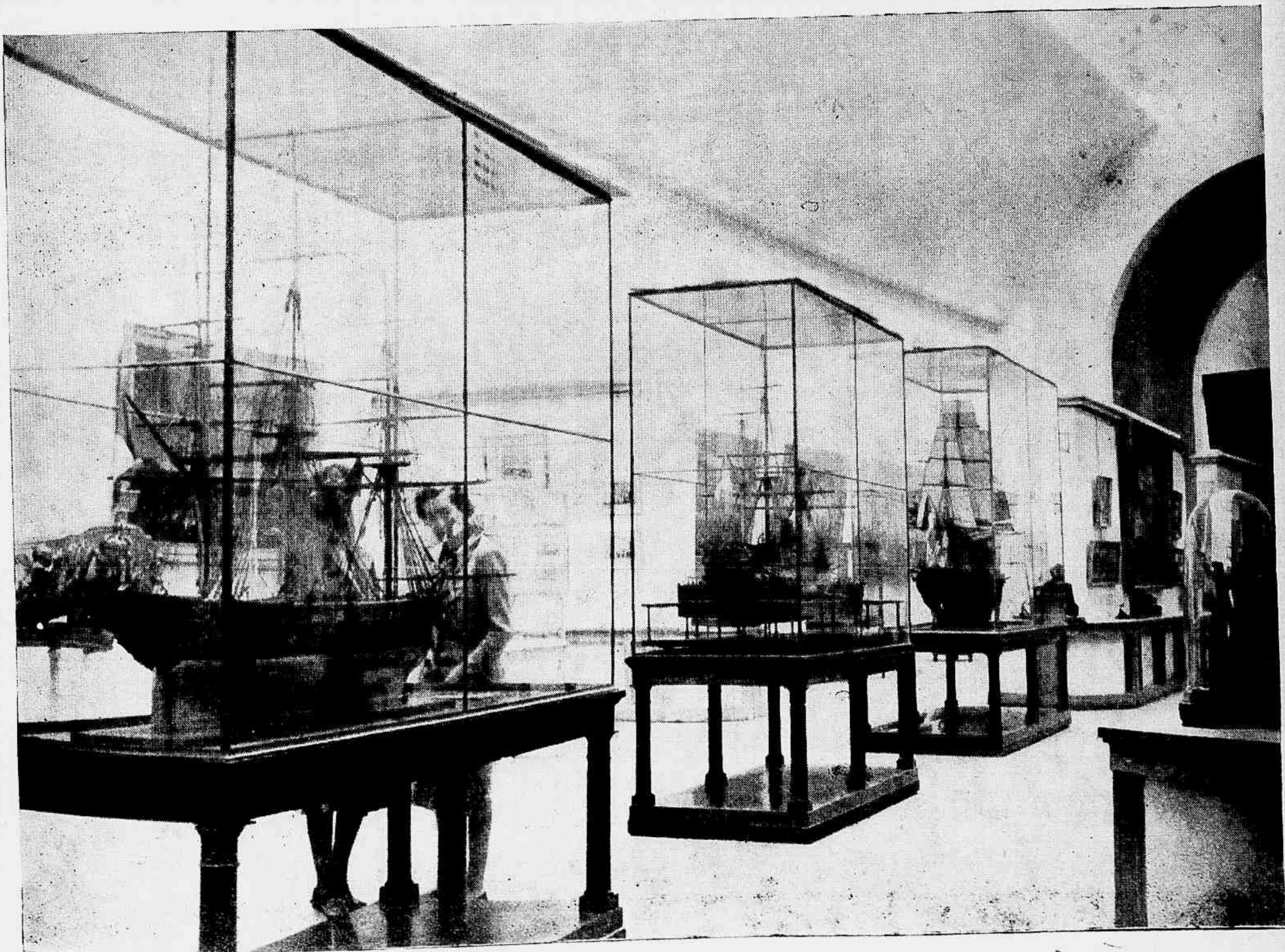
Acredita-se que sejam instalados também os museus do Exército, da Aeronáutica e ainda o da Guerra, com documentos hoje esparsos por toda a França, falando eloquentemente das várias guerras que têm assolado o mundo nestes dois últimos séculos.

O Museu de Marinha é também franqueado ao público aos domingos e feriados. As turmas de funcionários revezam-se de modo a impedir que o público se veja privado dessa lição avulsa.

Um dos primeiros modelos de escafandro, que se conhecem, é mantido em lugar de destaque no Museu de Marinha. A' direita, a gravura reproduz esse aparelho primitivo. Em baixo, galeras da exposição do Palácio de Chaillot, em miniatura, apreciadas pelos visitantes. São modelos que falam da história da Marinha através dos tempos, desde muitos séculos passados. Milhares de visitantes passeiam pelas dependências desse proveitoso Museu, que permanece em funcionamento todos os dias do ano, inclusive domingos e feriados.



UM MUSEU ORIGINAL EM PARIS





METROPOLE — Companhia Nacional de Seguros Gerais

Opera nas seguintes carteiras:

**VIDA, INCENDIO, TRANSPORTES (MARITIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS,
ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO**

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 110 - 1.º Andar

Presidente: DR. F. SOLANO C. CUNHA

Conto de Miriam Allen DeFord

ESTAREI de volta na quinta-feira, Miss Hendricks, e passarei por aqui à tarde. Serão apenas três dias de ausência e eu não espero, nesse meio tempo, qualquer novidade. Já sabe o que tem que fazer. Entretanto, se acontecer alguma coisa, pode chamar o Dr. Roberts. Ele conhece bem o caso. Eu não viajaria com Marsden nesse estado se não se tratasse de minha única filha, que vai se casar amanhã e ficaria com o coração partido se o seu velho não fosse dar-lhe um abraço e desejar-lhe felicidades.

O Dr. Staples, depois de fazer essas recomendações à enfermeira, voltou-se para o seu cliente:

— Até à volta, meu velho. Vou deixá-lo em boas mãos. Miss Hendricks saberá cuidar de você até quinta-feira. Não fique preocupado. Serão só três dias de ausência, ouviu?

O médico calçou as luvas e apanhou o chapéu, sobre um móvel perto da cama. O doente fez que sim com a cabeça, debilmente, ensaiando um sorriso de amabilidade. A enfermeira também o cumprimentou, de olhos baixos, — estava receiosa de olhar o doutor de frente, com medo que ele percebesse a grande alegria estampada em suas faces.

— Bem. Até logo!

E desapareceu, fechando cautelosamente a porta atrás de si.

Que sorte incrível, a de Cora Hendricks! Ela esperava há tanto tempo por aquele momento... Sentiu um estremecimento de excitação. Tinha feito um plano, — mas o diabo eram aquelas visitas diárias do Dr. Staples ao doente. Entretanto, ela teria agora três dias e três noites para realizar o que pretendia. Podia fazer o que planejava hoje mesmo. Eram apenas três horas da tarde. Às quatro, iria dar-lhe o remédio. Às seis, poderia tomar o trem. E na quinta-feira estaria onde o Dr. Staples nunca seria capaz de descobri-la. Não, — isso seria denunciar-se. Seria uma tolice, um passo em falso. Não convinha provocar suspeitas. O melhor era não desaparecer. Telefonaria ao Dr. Roberts e ele viria. Talvez ele pedisse ao próprio Dr. Staples que regressasse com urgência, — talvez assumisse, ele mesmo, a responsabilidade de tudo. De qualquer modo, não faria diferença para ela. Poderia partir, em seguida, e começar uma vida nova, bem longe dali.

Sentou-se silenciosamente na cama de Marsden e olhou em torno. Na parede, havia um retrato da finada mulher do doente.

E detrás do retrato estava um cofre, encaixado na parede. Ela sabia o segredo, porque Marsden um dia lhe dítara os números, afim de que o abrisse e tirasse dele a sua apólice de seguros. Marsden sabia que ia morrer, — que não viveria muito dias mais.

A noite, quando ele estava adormecido, ela abriu o cofre, outra vez. Estava cheio de dinheiro. Ela não o havia contado. Mas sem falar nas apólices, — que seria perigoso levar, — havia ali pelo menos dez mil dólares. Só de lembrar-se ela agora estremecia. Poderia ter tirado o dinheiro e fugido, mas três coisas a haviam detido. Primeiro, uns restos de escrúpulos profissionais, — é o diabo a ética! Segundo, podia o doente despertar e ela sabia que ele conservava um revólver carregado na mesa da cabeceira. Terceiro, porque não poderia explicar como o dinheiro desaparecesse, se Marsden desse pela sua falta de se queixasse ao médico. Mas precisava por a mão nesse dinheiro. Precisava. Tinha motivos urgentes. Um desses motivos era Terry, — que outrora fora um dos seus pacientes. Conheceram-se num hotel, doente, — e ele parecia ser um homem rico. Era agradável, atraente.

Apaixenou-se por ele e só mais tarde foi descobrindo, aos poucos, a verdade a respeito de Terry. Ele era um simples ladrão, um ladrão de bancos, — mas tão fascinante! Por fim, ele fôra agarrado, mas como não tinha nenhuma arma em seu poder, — a habilidade de Terry era agir desarmado, — tinha recebido uma sentença pequena, — dez anos. Na prisão, convertera-se num modelo de bom comportamento. E, com o livramento condicional, estaria em liberdade dentro de três meses.

Iriam se casar, quando ele estivesse livre. Ela precisava de dinheiro, de muito dinheiro, para que pudessem

UMA VIDA SEM NADA DE EXCITANTE

viver e ele não corresse mais um risco daqueles. Fôra conversando em sussurros, com Terry, no dia de visitas, na penitenciária, que ela planejava aquilo.

Marsden nunca mais precisaria de dinheiro. Não tinha ninguém a quem o deixasse. Sua esposa já estava morta. Filhos, não os tinha. Ele mesmo lhe dissera que deixaria tudo para ser empregado em obras de caridade. Vivendo sozinho num apartamento, comendo em restaurantes, sem ter sequer um criado, — vivia como um avarento, como um miserável. Era quase um milagre que ele tivesse contratado Cora Hendricks para cuidar dele e que lhe pagasse tão bem... O medo de morrer dava explicar isso... O Dr. Staples era um velho amigo dele mas concordava em que Marsden era um excêntrico. Tão excêntrico que guardava o seu dinheiro num cofre, na parede, em vez de guardá-lo num banco...

Um dia ele se queixara a Cora Hen-

dricks de que nada realmente excitante jamais lhe acontecera na vida. Fôra, quando válido, sub-delegado de polícia, mas nunca encontrou um ladrão ou um assassino em seu caminho, nem jamais fez uso do seu revólver para imobilizar um criminoso.

— Veja aqui quanta coisa inútil...

E mostrou-lhe o distintivo de policial, o revólver, um par de algemas e o seu chapéu de sub-delegado, que mais parecia o de um desses bandidos do Oeste. Cora sorriu, imaginando como não devia ele ter sido ridículo, com todo aquele inofensivo aparato. Ele não era um milionário, mas tinha milhares de dólares naquele cofre... Se ela se apoderasse daquele revólver, poderia matá-lo com um tiro no ouvido, — e dizer que ele se suicidara, desesperado com a sua moléstia incurável. Mas, não... A idéia de suicídio era ridícula. Talvez Marsden morresse apenas do choque, do medo de ficar sozinho, sem a vigi-

lância do seu velho amigo, Dr. Staples. Foi isso o que ela insinuou ao Dr. Roberts, quando lhe telefonou. Terry lhe havia dado instruções. Usasse a coisa ao dar-lhe o remédio às quatro horas. Quem iria fazer a autópsia de um velho que estava morrendo aos poucos há várias semanas? Dentro de dez minutos ele estaria morto.

Então, Cora recapitulou lentamente o seu plano, enquanto, sentada, observava a respiração difícil do doente. Em primeiro lugar, devia lavar inteiramente o copo. Depois, devia colocar dentro dele o pó que conduzia no bolso do seu avental, há mais de nunca semana é espera de uma oportunidade. E, em seguida, era só abrir o cofre e tirar dele o dinheiro. Não fazia mal deixar impressões digitais, porque Marsden lhe pedira, uma vez, que abrisse o cofre. E ninguém, nem mesmo o Dr. Sta-

(Continua na pág. 57)





Um recanto sereno, acolhedor e convidativo da Cidade-Jardim de Welwyn. As casas ficam bem para trás da estrada e a grama e as árvores dão uma sensação de reclusão rural. "A cidade e o campo devem se casar", disse Ebenezer Howard, "dessa união brotará uma nova esperança, uma nova vida e civilização". Esta fotografia mostra a sua tese materializada, onde seus habitantes devem ter mais amor à vida e onde viverão mais, sem dúvida, em contacto assíduo com a Natureza. Aqui os britânicos podem esquecer as amarguras da guerra e volver pensamentos bons para dias vindouros.

Foi recentemente reeditado na Inglaterra um livro que causou sensação quando do seu aparecimento, há cerca de 50 anos. O livro era sensacional porque estava muito adiantado para o seu tempo. O surpreendente é que esteja ainda adiantado sobre o seu tempo para muitos países e seja importante ainda para a Grã-Bretanha.

O livro se chama "Amanhã" e o seu autor é Sir Ebenezer Howard. Os resultados do seu pensamento são mais conhecidos do que o seu nome, pois Ebenezer Howard foi o pai das cidades-jardins.

CIDADES-JARDINS

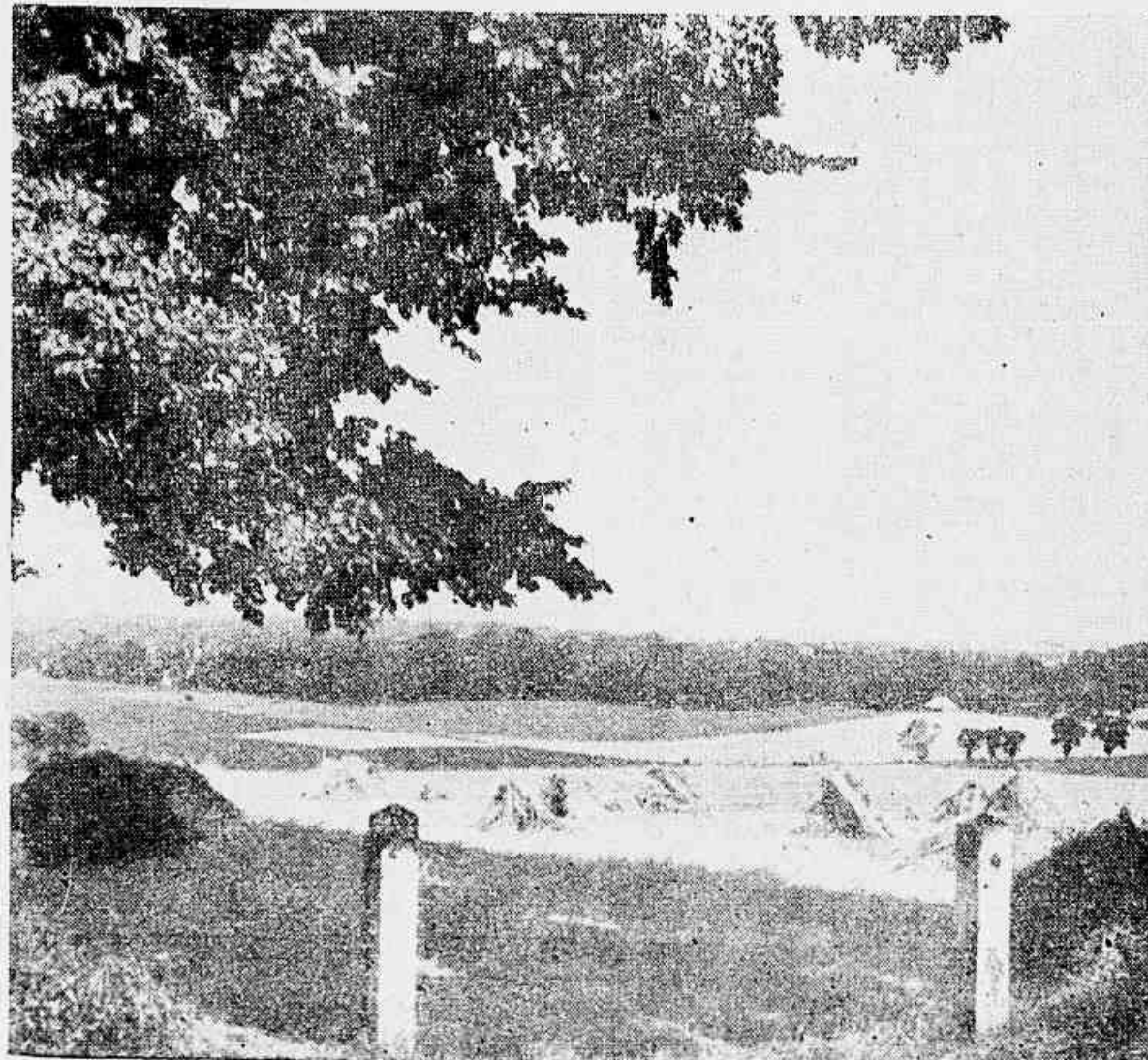
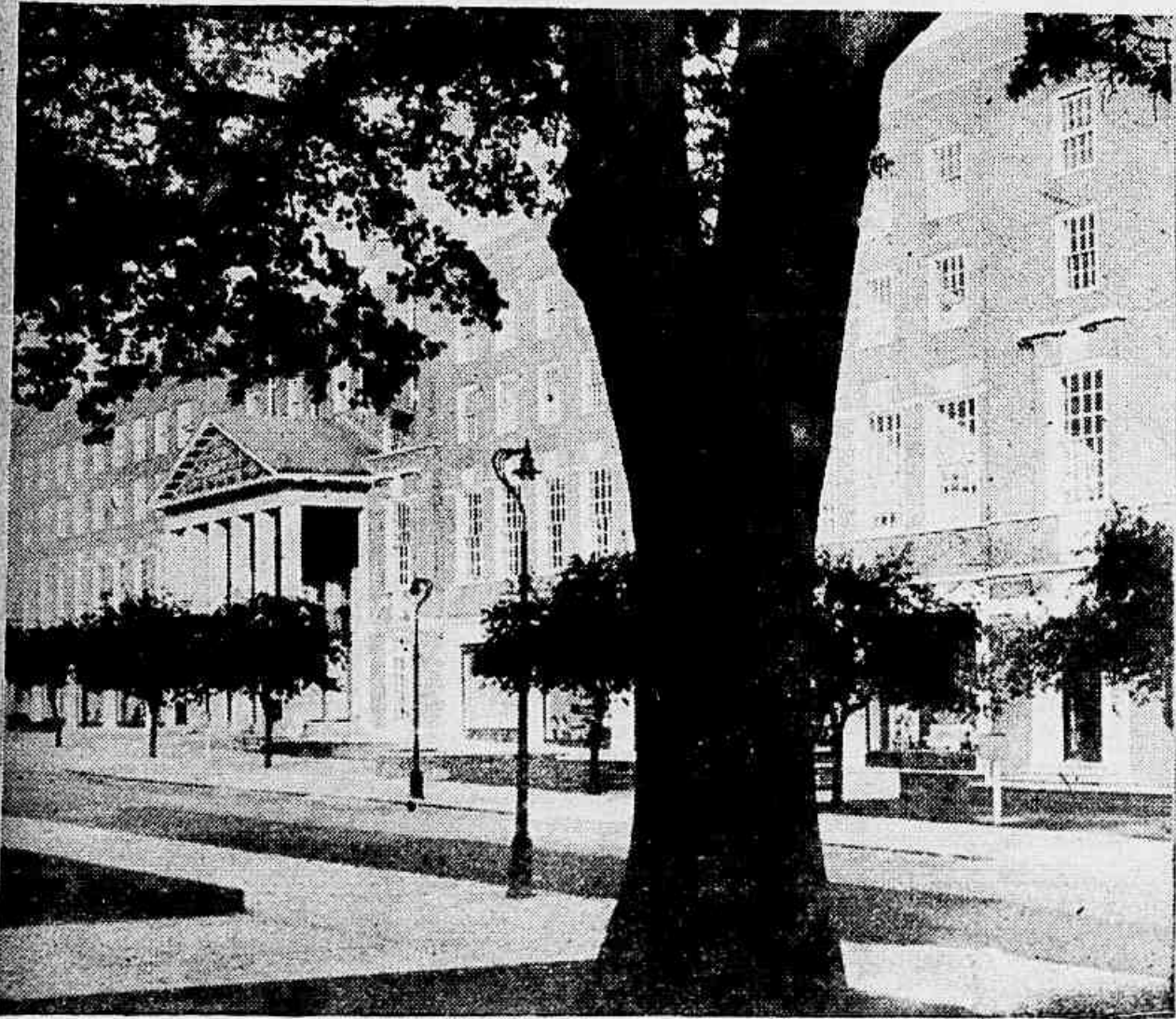
Howard viu as coisas que aconteciam na Grã-Bretanha do seu tempo — e que perturbavam muitos espíritos menos poderosos. As cidades se expandiam enormemente, sob a força do boom industrial, e o congestionamento creava os cortiços e alimentava moléstias. Essas cidades em expansão atraíam

gente dos distritos rurais para trabalhar nas escuras fábricas sem higiene — e a Inglaterra rural estava em perigo de extinção.

Quasi único entre os críticos desta perigosa condição social, Howard concebeu um remédio. No seu livro, publicado em 1898, esboçou a cidade de

amanhã, que deveria ser uma comunidade equilibrada, consistindo de cidade e de campo. Os operários fabris deveriam viver entre jardins e árvores. Essas cidades-jardins deveriam ter limitadas dimensões e os seus edifícios seriam de propriedade da comunidade. Deveriam ser planejadas como uma constelação de cidades. Haveria uma cidade central de cerca de 60.000 habitantes, cercada por seis cidades-satélites de metade dessa população, separadas da cidade central por quatro milhas de permanentemente campo aberto. Este cinturão de verdura deveria servir de pulmões para a cidade e as suas fazendas e jardins-

Uma avenida no distrito comercial de Welwyn, onde as linhas dos edifícios entram em harmonia com as árvores, que já ali se encontram antes que o local fosse preparado para as construções. E à direita, parte do cinturão de verdor, inviolável, em torno de Letchworth, deixado de reserva para impedir que a cidade cresça demais e para permitir à cidade respirar ar fresco. De acordo com o padrão aprovado pelos mais modernos planejadores de cidade, até as fábricas modernas ali ficam separadas da área residencial, por uma grande camada de verdura.



mercados forneceriam à gente da cidade todas as verduras que necessitasse.

A concepção de Howard jamais foi levada a cabo em toda a sua inteireza. A cidade central, entretanto, foi iniciada em 1901 e é hoje a florescente Cidade-Jardim de Letchworth. É uma comunidade completa, com ruas comerciais e fábricas, moradias agradáveis para os operários e avenidas arborizadas e jardins por toda parte. Letchworth foi a primeira Cidade-Jardim. Nela, o "Amãnhã" de Ebenezer Howard se tornou "hoje".

A tentativa seguinte foi em Welwyn. Fundada em 1920, levou os princípios da Cidade-Jardim mais longe do que Letchworth. As ruas e as casas de Welwyn são comunidades humanas ilhadas entre a verdura.

Por essa ocasião, a Cidade-Jardim começava a plantar as suas raízes em outros pontos. A Holanda, a Alemanha e os Estados Unidos começaram a planejar Cidades-Jardins próprias, em linhas básicas semelhantes. O movimento também começou a se ampliar na Grã-Bretanha. Esse movimento tomou a forma, não tanto de Cidades-Jardins independentes, mas de subúrbios-jardins ligados aos grandes centros industriais. Alguns deles não foram muito bem-sucedidos: mal planejados, transformaram-se num ajuntamento de casas provisórias, com jardins e bocados de grama arrumados sem imaginação. Outros, entretanto, se revelaram extremamente felizes. Entre estes está o subúrbio-jardim de Hampstead, no noroeste de Londres. É uma comunidade aldeã plantada na cidade, de sossegado aspecto rural, com uma quietude de santuário, embora esteja a pequena distância de uma movimentada estrada-tronco.

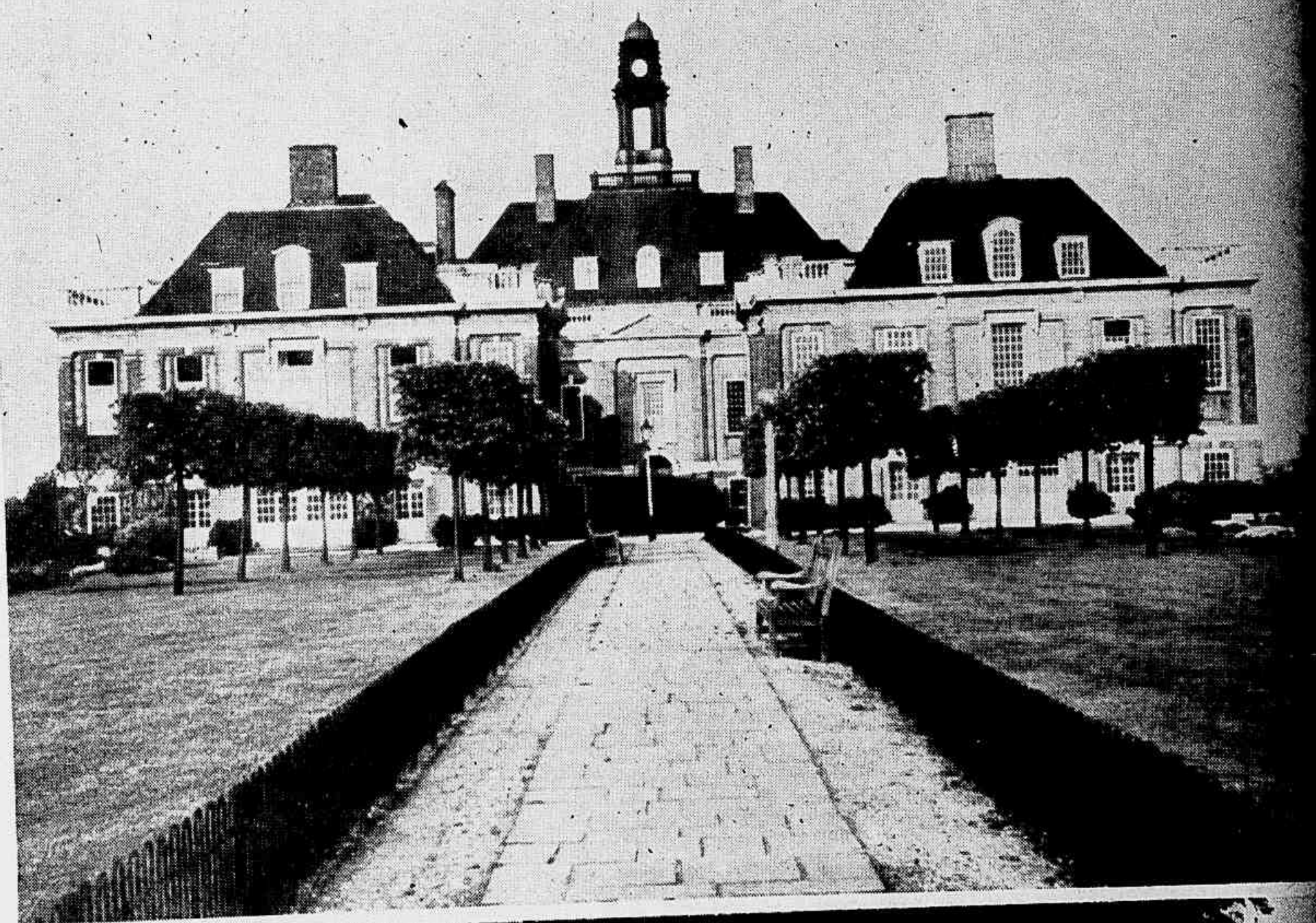
A idéia de Ebenezer Howard tem muitos adversários entre os planejadores de cidades. A Cidade-Jardim é inadequada ao desenvolvimento de uma grande comunidade urbana e, se fosse levada ao extremo, transformaria a Grã-Bretanha numa nação de pequenas cidades de província. Os melhores elementos dos ensinamentos de Howard, entretanto, se enraizaram e não há dúvida de que o movimento, entre os urbanistas britânicos, para dar maior espaço de verdura às novas cidades, deriva de Ebenezer Howard. Arquitetos como o professor Abercrombie e como J. H. Forshaw, que traçaram os planos do Condado de Londres, concordam em que quatro acres de verdura por mil habitantes é o mínimo de espaço respirável necessário a uma área urbana.

Sejam quais forem os prós e os contras sobre a idéia das Cidades-Jardins, não há dúvidas quanto à aceitação da idéia a elas associada do cinturão de verdura. Isto se tem tornado uma característica — padrão no replanejamento das cidades bombardeadas da Grã-Bretanha. Uma área em torno da cidade fica reservada para o esplendor da natureza — e nessa área não será permitida qualquer construção. Essa área será o campo de recreio e o ar livre para os habitantes da cidade e tornará impossível, ao especulador de imóveis, atirar os seus tentáculos da cidade para o campo e capturar as comunidades adjacentes para fazer, assim, uma vasta e contínua aglomeração de casas.

Muito antes de Londres ser bombardeada, o Conselho do Condado e outros organismos municipais vinham comprando — e pondo de lado — as terras da orla do campo, para um cinturão de verdura. Pelos novos planos municipais, esse cinturão deve contornar completamente a cidade.

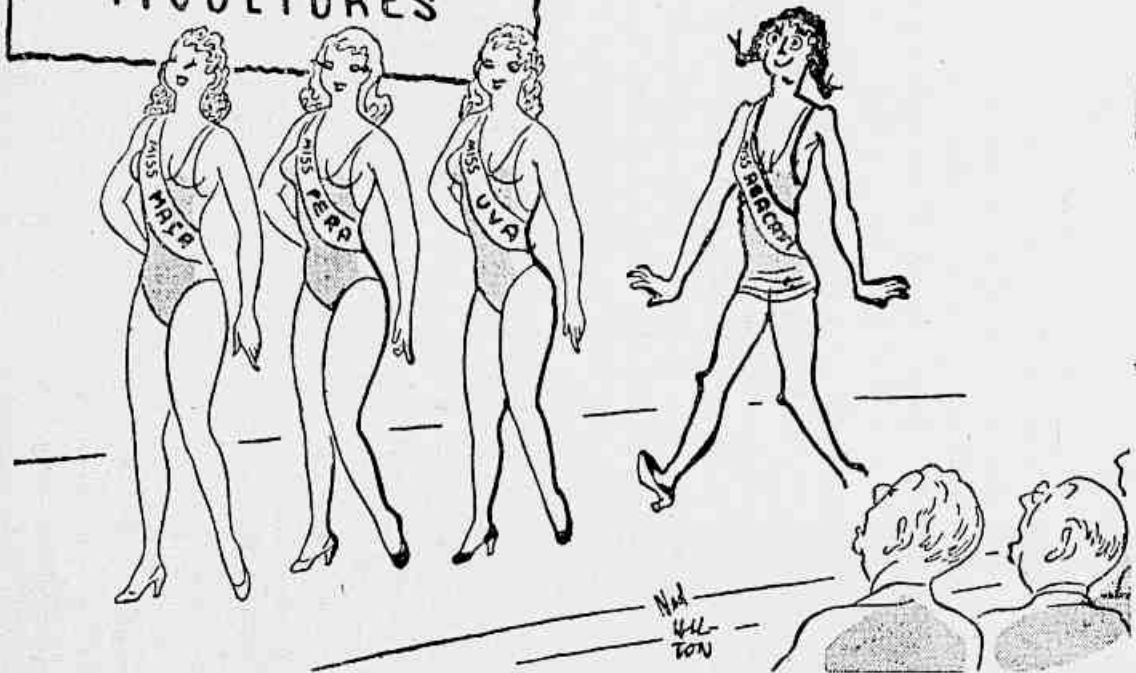
Se Ebenezer Howard pudesse voltar novamente à vida, como o fez o seu livro, veria os frutos da sua obra firmemente incorporados à nova Grã-Bretanha e aceitos e copiados pelos mais modernos planejadores de cidades em outras partes do mundo.

Ao alto: A inspiração da aldeia inglesa se manifesta neste lindo atalho do Subúrbio Jardim de Hampstead. — Ao centro: O instituto do Subúrbio-Jardim de Hampstead, centro social da comunidade. Aqui funciona uma escola para quinhentas moças, há cursos para adultos e vários sociedades locais têm aqui a sua sede. Em baixo: Parte do edifício comercial de Letchworth, com edifícios graciosos da melhor tradição britânica. As Cidades-Jardins deveriam ser reproduzidas em outros países. As populações citadinas precisam de contato mais assíduo com as árvores e as flores.



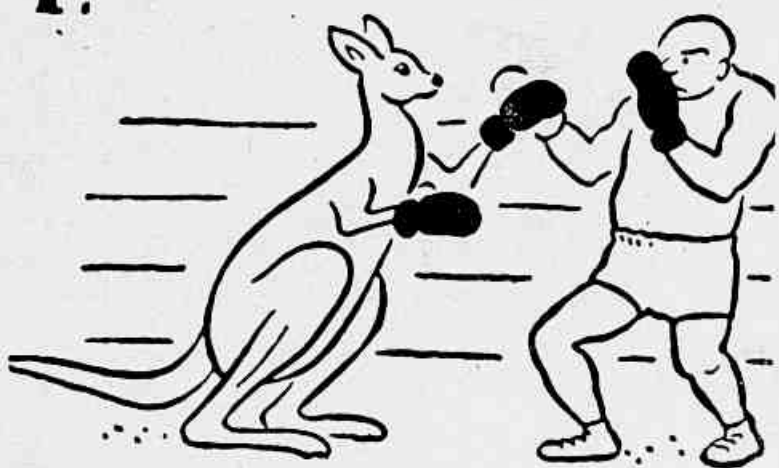
DE BOM HUMOR

CONVENÇÃO
ANUAL DOS FRU-
TICULTORES



— Isto é para você não tornar a meter-se na vida alheia !

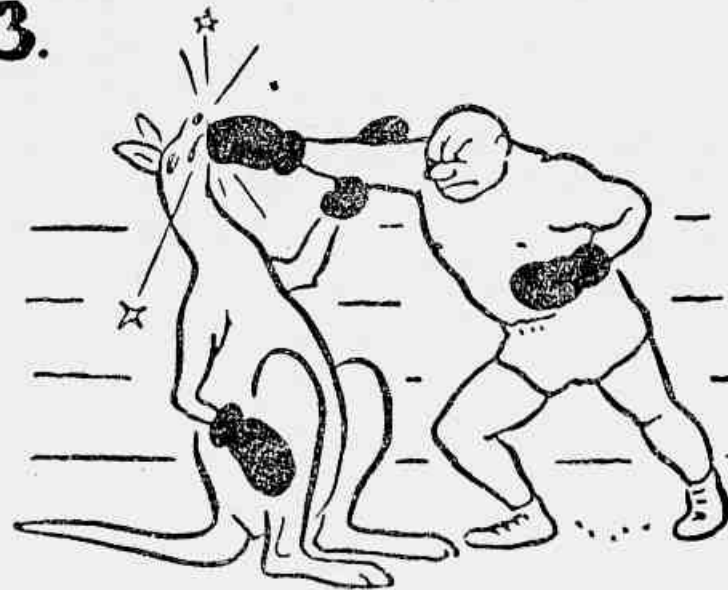
1.



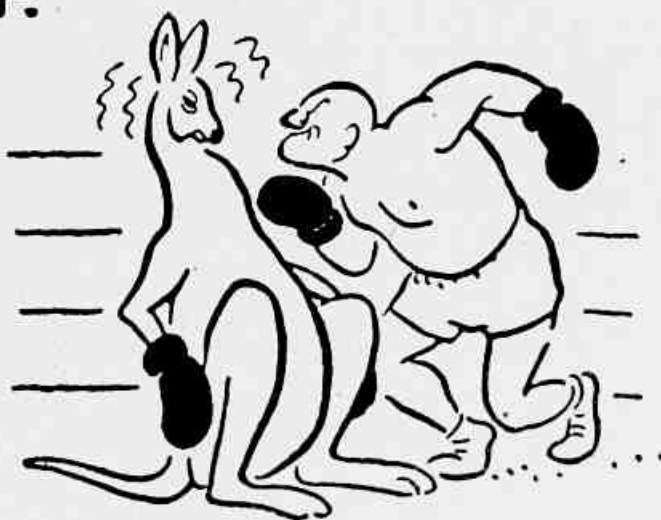
2.



3.



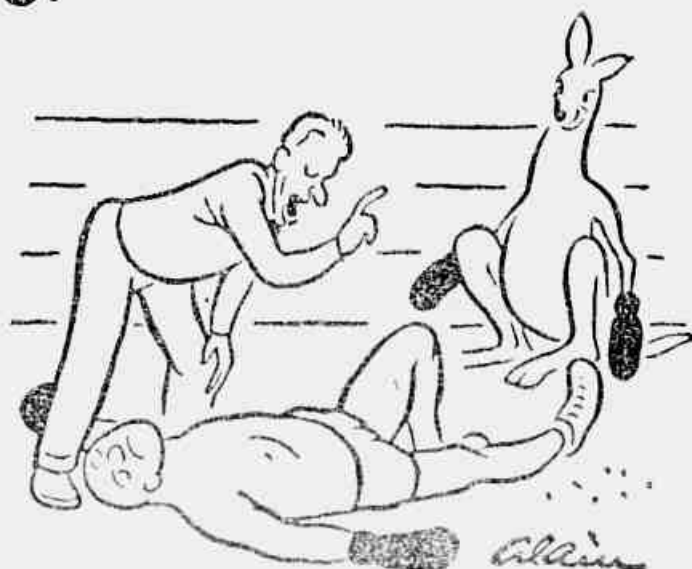
4.



5.



6.





O HOMEM IDEAL...

Ele existe na imaginação de todas as mocinhas; algumas mesmo o retêm ali durante toda a existência, procurando-o em vão até que, ao chegar a uma certa idade, lamentam não ter ficado com o primeiro que lhes apareceu.

Tudo isso porque "crearam" um tipo ideal que não existe... Sinto desiludi-la, minha amiga, mas é que realmente o homem ideal não passa de utopia. Não é por isso, no entanto, que deixam de existir casais felizes. Estes existem, pois há mulheres que compreendem perfeitamente que não devem esperar do homem mais do que é possível esperar de um ser humano.

Não é, portanto, a estas que me dirijo, mas a você, que procura e espera o "homem ideal". Sabe quantas oportunidades já perdeu de se tornar feliz? Sabe que essas oportunidades vão escasseando a medida que os anos passam?

Olhe em redor e veja quantos dos seus antigos pretendentes já estão casados; e não são eles ótimos chetes de família? Não se arrepende de se haver despedido de

porque não preenchiam todos requisitos que compõem o seu "homem ideal imaginário?" E afinal, quais são esses requisitos? Garanto que você mesma não os saberia especificar. O mais divertido em tudo isso é que você às vezes acha que o seu "homem ideal" é aquele, o marido da sua melhor amiga ou o noivo da sua vizinha. E então, você se acha com o direito de disputá-lo às outras porque "ele" é justinho o que você queria; é justinho o "pai" da sua alma!

— "Eu também tenho direito de ser feliz!" é o seu grito de guerra.

Mas você tem o direito de ser feliz, e todos o reconhecem; só que essa não é a maneira correta.

O que é preciso, é resumir as suas exigências por vezes absurdos. Um homem, íntegro, de bom carácter, inteligência normal, boa educação, atencioso, esforçado e trabalhador, pôde perfeitamente tornar feliz a qualquer mulher. Mas, si você quiser acrescentar a tudo isso uma "baratinha," um bigodinho, olhinhos verdes, palavrinhas amorosas murmuradas ao seu ouvido, cuidadosinhos excepcionais com a sua pessoinha e outras tantas bobagens inuteis e de pouca duração, então, é melhor ir armazenando toda a lá disponível afim de fazer "tricot" quando ficar para titia...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS



roupas para os prazeres libertados da Europa. Norman Hartnell (costureiro da Rainha) e Peter Russell auxiliaram a melhorar os modelos "utilidade" — série de roupas bem desenhadas, produzidas em massa e introduzidas na Grã-Bretanha para fazer o melhor emprego possível do limitado espaço e da escassa mão de obra disponível. Todos os membros da sociedade ajudaram a desenhar as primeiras roupas de "utilidade". Mas, além do seu trabalho de guerra, estes desenhistas estiveram sempre com os olhos postos no mundo do futuro. E o resultado do seu esforço surge agora na forma de 300 modelos.

A austeridade — palavra perigosa — foi arremessada pela janela. Os novos modelos são ricos em cor, forma e desenho. A nova silhueta é mais leve, mais roliça. A cintura é justa de maneira a realçar as exageradas por meio de bolsos. Os vestidos de noite possuem saias intrinsecamente drapeadas, e os decotes são audaciosos e atraentes.

Além dos tradicionais "tweeds" e dos tecidos de lã em cores adoráveis, novos materiais passaram a ser utilizados com sucesso. Tanto Mme. Champcommunal como Bianca Mosca, fizeram uso do nylon pintado à mão. Hardy Amies trabalhou com rayon e popelina, do tipo empregado em camisas de homem. Norman Hartnell dedicou atenções especiais aos tecidos de algodão e ao setim de vivas colorações. De Molyneux surgiram os crepes exclusivos e originais, mostrando cenas esportivas de inverno e verão. Estes materiais são usados nos vestidos de esporte e para blusas vestidas sob jaquetas de "tweed".

Angele Delanghe emprega o veludo beibulina para casacos. Um dos seus modelos marron escuro, apresenta pregas muito interessantes dispostas ao redor da cintura. Peter Russell escolhe o tafetá para saias, e criou modelos realmente encantadores.

Os chapéus, por sua vez, também reparecem em grande estilo. As corças são cheias e apesar de que sua altura varie, a linha das mesmas segue uma inclinação para a frente. Plumam, véus, fitas ou enfeites os mais variados formam os efeitos mais audaciosos. Muitos destes chapéus foram feitos de algodão em cores. Outros materiais também utilizados são palha e o jersey. As flores são interessantes complementos para os véus.

Ao alto, vestido de noite em crepe-setim negro, criação de Victor Stiebel. Em baixo, um sugestivo chapéu em algodão vermelho e branco, modelo de Aage Thaarup, outro figurinista em grande moda junto à "élite" de Londres.

Por DOROTHY BRIGHT

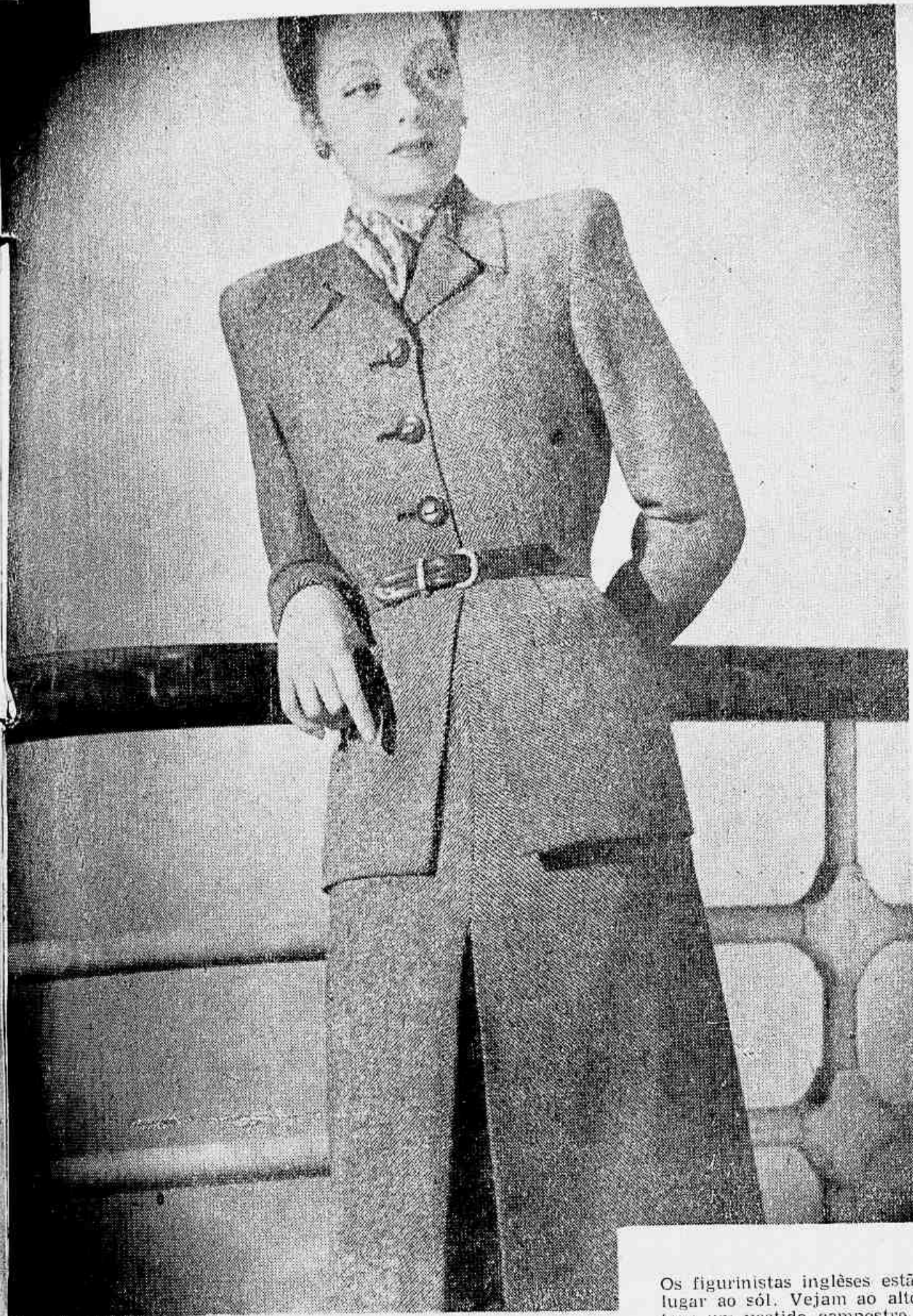
Recentemente foram exibidas em Londres as novas coleções da moda primavera-verão. E os clientes de além-mar estão desde já remetendo suas ordens, pois todos aqueles vestidos expostos são destinados especialmente para exportação. Muitos pedidos foram enviados pelo telegrafo por consumidores que nem mesmo conheceram os modelos. Isto porque eles sabem que foi alcançado um alto padrão de desenho e manufatura pelos costureiros de Londres. As coleções são o produto do trabalho de dez desenhistas — Edward Molyneux, Hardy Amies, Charles Creed, Mme. Champcommunal of Worth, Mme. Angele Delanghe, Norman Hartnell, Digby Morton, Mme. Bianca Mosca, Peter Russell e Victor Stiebel — reunidos na Sociedade Incorporadora de Desenhistas de Modas de Londres.

Através das agruras da guerra, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, estes artistas permaneceram fiéis ao desenho de modas. Três deles — Hardy Amies, Charles Creed e Victor Stiebel — serviram nas Forças Armadas, mas conseguiram um meio de continuar desenhando, às vezes enviando seus esboços de lugares remotos para seus salões de modas. Hardy Amies, desmobilizado três meses antes da exposição de Londres, teve que apressar-se para poder completar seus desenhos. Charles Creed, que também acaba de deixar o Exército, não pôde encontrar um local apropriado, e teve que trabalhar com seu estúdio num lugar, o escritório noutro, os salões de costura noutro e as suas vitrinas em ainda outro.

Os demais também estiveram empenhados em serviços de guerra. Digby Morton continuou a desenhar enquanto trabalhava no Ministério do Suprimento, fornecendo



LONDRES DITA A MODA



Os figurinistas ingleses estão dispostos a conquistar o seu lugar ao sol. Vejam ao alto, dois modelos de Digby Morton: um vestido campestre e outro em sugestivos xadrez. E em baixo, duas criações de Victor Stiebel: Em seda marrom com renda branca, e o último em Nylon pintado à mão. Todos de grande efeito.





A casa n.º 108 daquela rua sombria de Vila Izabel estava repleta naquela noite. No centro do salão principal, em meio as chamas bruxuleantes de 4 cirios que erguiam seus membros chamejantes, esquivos como numa prece, jazia o corpo de Maria Clara, deitada num caixão cuja madeira negra parecia brilhar ao clarão das chamas...

Em redor da sala várias pessoas já se encontravam e, entre elas, distingui o vulto macilento, pesado do velho Bastos. Desviei o olhar daquele momento, na imobilidade do último sono, tanto sofrera.

Fiquei a alguns passos do corpo estendido, vazio de vida, inerte para sempre... A fisionomia de Maria Clara não traía nenhuma contração violenta e, em seus lábios parecia vagar ainda sombra indefinível de um leve sorriso... Lembra-se talvez, quem sabe, do dia em que

saiu daquela vilazinha no interior de Minas, fugindo para o Rio; seu casamento, anos mais tarde, com o negociante Bastos, toda uma série de infelicidades conjugais, e a doença que manifestou-se lentamente, minando-lhe o coração, já fraco...

Voltei os olhos à procura de algum conhecido, e só deparei com as fisionomias gastas, forçando, mascarando-se de dor, de d. Marta, mãe de M. Clara e o marido que trazia na face o estigma dos alcoólicos inveterados... Como teriam estes e mais os sobrinhos da falecida, a coragem e o cinismo de forjarem aquelas cenas de lamentações e sentimentos falsos... Maria Clara — eu já o sabia — tinha conhecimento das intenções destes que a cercavam, desde logo de viboras que só estavam a espera do momento propício para finalizarem os seus planos.

Era a herança que os fascinava, e fazia-a ainda cochilar em segredo...

A derradeira fuga

Tive ímpetos de gritar-lhes no rosto, de sair daquele ambiente, fugir...

Sim, era isto: fugir... A vida de Maria Clara fora sempre uma fuga permanente... Fuga daqueles que a não estimavam sinceramente, fuga em busca de um pouco de felicidade, do amor verdadeiro que não pode encontrar, fugas quasi sempre estereis...

E agora ela ali estava na imobilidade absoluta, os sentidos adormecidos, aquelas mãos de dedos longos, esquivos, relaxadas para sempre...

Fôra a sua derradeira fuga; a fuga para o imprevisível...

Ali estava a Maria Clara que eu conhecera na inconsciência da sua derradeira fuga...

Os cirios lacrimejavam sem cessar... E as imagens daquela menha, já tão distante no passado voltaram-me à lembrança.

Parecia ainda ver Maria Clara como ela era naquela época, a sua primeira fuga... Sim, vejo-a ainda bem nítida...

★

Maria Clara sempre fôra assim, de uma excessiva delicadeza, esquisita, bem feita de corpo com aqueles olhos negros que pareciam estar sempre fixos em alguma imagem distante, voltada quasi permanentemente para dentro de si mesmo.

Seu olhar parecia adquirir um brilho mais suave, tranqüilo quando conversávamos à porta de sua casa que ficava em meio a tantas outras daquela vila tão encantadora em sua simplicidade, com as suas casas todas caiadas de um branco acinzentado, os telhados enegrecidos pelo tempo...

De manhã e à noite repetiam-se as cenas de todos os dias, o rádio fanhoso do "seu" Joaquim, que era como prefeito daquela curiosa comunidade ali reunida, e constituía o centro das atenções dos seres que a compunham.

"Seu" Joaquim de Meneses — ele friava sempre aquele "de" Meneses — era o feliz possuidor do único aparelho de rádio daquela lugarejo perdido no interior mineiro...

Aos domingos todos saíam para assistirem à missa na igreja próxima, bem cedo, envergando todos os seus trajes domingueiros, imprimindo tonalidades risnhas na paisagem matinal.

De tarde era ainda a casa do "seu" Joaquim o centro das "atrações" do dia. "Seu" Joaquim, envergando o seu novo pijama, de cores berrantes punha-se então à janela para observar os movimentos daqueles aos quais sempre chamava "a sua boa gente"... Nos dias em que estive descansando num sítio próximo dali, Maria Clara, sempre tão arredia àquele barulho, sempre tão simples, com aquele modo de falar tão macio, suave, com

aquela sua voz doce que era como uma melodia, dava-me na monotonia do ambiente.

Ela parecia que eu falasse, de coisas que ela não ouvia, e eu via em seus olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos...

Foi eu que lhe inculci no espírito já interessado e conhecedor sobre o que ela não sabia, e eu via em seus olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos...

Conversávamos até que a voz irritante de d. Marta sua mãe, a chamava em altos brados.

— Maria Clara venha que o seu pai já voltou...

E ela se levava a pressa e como por um acto eu via a sua silhueta esguia deslizar ante os meus olhos...

Eu voltava para casa, pensando em Maria Clara, sua vida tão triste, presa à um meio qual o seu temperamento não podia suportar, e eu via em seus olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos olhos...

Só, no pequeno deserto que era o seu quarto, Maria Clara sentia-se mais feliz, refugiada no silêncio, companheiro mudo dos infelizes, e podia sonhar um pouco, rever um à um seus poucos momentos de felicidade...

Nestes momentos Maria Clara sentia quão agreste, desprovida de maiores encantos a vida que levava até então.

Tudo lhe parecia hoje tão vazio, monótono, sempre as mesmas cenas tristes diariamente, as promessas do pai em deixar aquele vício, os desejos insatisfeitos, tudo isto revoltava-a...

Quantas vezes já não tivera que atastar o pensamento de uma fuga, ideia que, obstinada, num "crescendo" de intensidade não a abandonava.

Fugir para bem longe dali, para onde seus olhos pudessem refletir um pouco mais de felicidade que tanto buscava, julgando-a existente na metrópole dos seus sonhos de jovem provinciana...

Quantas vezes já não observara os jovens de sua idade namorarem, partindo quasi sempre depois dali, ao se casarem... Ela só a ela o destino não permitira as delícias e todo este conjunto de pequenos prazeres que constituía a essência dos primeiros amores.

Vivia acorrentada àquele ambiente, sempre às voltas com o pai embriagado e a madrasta que a não largava...

CONTO DE F. DA ROCHA FILHO - ILUSTRAÇÃO DE ZALUAR CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA"

Naquela noite de verão um leve mormaço fez com que todos abrissem as janelas para aliviarem um pouco a opressão que este lhes causava.

Só, em seu quarto Maria Clara despertou daqueles momentos de devaneio e começou a despír-se para dormir e ficando depois a alisar os seus negros cabelos que lhe caíam sobre os ombros nus.

Ficou depois a mirar-se no espelho como se o estivesse consultando...

Bem que Roberto lhe dissera certa noite em que conversavam no portão de sua casa:

— Você não foi feita para viver sempre enterrada num lugarejo desses Maria Clara, isto não é vida para você...

Foi pensando naquelas palavras que ela mirou-se no espelho melhor, deixando que os seus cabelos serpenteassem por sobre os ombros e o colo amorenado, cuja covinha bem feita transparecia do decote leve da camisa entreaberta... Sim, ele tivera razão, porque ainda vivia ali?...

Abaixou-se para tirar as meias e ao fazê-lo, a luz da lua soberba àquela noite derramou-se por sobre aquelas pernas bem feitas, torneadas.

Deitou-se depois a pensar num milhão de coisas, sentindo que aquele mormaço atuava sobre seus nervos e músculos, emprestando-lhe uma sensação de suave abandono, uma estranha lassidão se apossava dela lentamente...

★

A vila naquela dia amanheceu ao contrário do costume — agitadíssima.

Já às 7 horas ouviam-se os berros de d. Marta enchendo de notas ruidosas o vazio daquela manhã chuvosa...

Ela corria, alitava, quasi arrancando os cabelos em seu desespero...

— Maria Clara... onde está essa menina?!

Calma d. Marta, com certeza ela saiu mais cedo para fazer alguma compra e...

— Não, eu devia ter adivinhado isto... aquela pestinha fugiu...

— Ela andava estes últimos dias com um "geitinho" muito esquisito...

E a velha exibiu um pedaço de papel no qual — percebia-se claramente — Maria Clara escrevera qualquer coisa...

★

A estas horas, num vagão de segunda, sentada perto da janela, pensativa, Maria Clara mergulhava de quando em vez os olhos agora mais vivos, mais significativos, na paisagem ampla que se descorria na por detrás daquelas serras, algo de novo, de muito desejado, o mundo belo e sorridente com que tanto sonhava...

Já não era mais a mesma; a Maria Clara do passado, com aquele seu vestido de seda, com aquele olhar impreciso, vago, perdido no tempo e no espaço... Era agora outra, diferente, esperançosa, embalada na ideia absorvente daquela fuga que lhe parecia deliciosa... A outra Maria Clara ficara naquela vila distante...



MODELOS PARA

US



Elegantíssimo figurino apresentado por Janis Paite, da Warner Bros. É feito em crêpe azul marinho ou preto com fios dourados. O corpo é bastante justo; talhe alto, mangas de cavas largas. Sobre-saia "godet" terminando em ponta na frente. Chapéu pequeno, aba levantada, bordada em cores vivas.



Loretta Young, a simpática "estrela" da RKO, sugere às nossas leitoras este encantador modelo de seda verde garrafa. A gola é alta e dupla. Mangas japonezas, recorte abrindo na manga, franzidos na frente. Esse modelo é recomendável somente as que possuem talhe fino. Viveca Lindfors da Warner apresenta este interessante modelo em lã marinho.



"Duas p
una das
bordado
RKO

USAR A TARDE



"Duas peças" para o "cocktail", em pesado crêpe branco. As lapelas e a aplicação de uma das mangas, são bordadas em pedras de cores vivas sobre um fundo vermelho. O bordado é inspirado em motivos dos índios do Arizona. Sugestão de Eve Arden, da RKO. Graciosa blusa de organza apresentada por Frances Langford da RKO.



Conjunto para meia estação feito em "gros-grain" azul marinho. A cintura alta é formada por largo cinto. Bolero de mangas "três-quartos". Blusa branca, aplicação formando desenhos, em tecido branco bordado com vidrilhos. Apresenta-o Bonita Graville.

ARTES PLÁSTICAS

Darwin Silveira Pereira fez uma série de visitas a Angra dos Reis e ali se inspirou para fixar na tela alguns sugestivos flagrantes da velha cidade fluminense. Com objetivo essencialmente artístico, visando acima de tudo a arte pela arte, ele fez um trabalho solido, merecedor dos aplausos que a critica e os admiradores das belas-artes não lhe regatearão. Vai agora expor esses quadros, na Associação Brasileira de Imprensa, devendo inaugurar sua mostra de telas, no proximo dia 22. A exposição Darwin da Silveira Pereira se estenderá até o ultimo dia do mês corrente, e dela reproduzimos nesta página, dois trabalhos: "Rua Principal de Angra dos Reis", que se vê á esquerda, e "Fundos do Convento do Carmo", em baixo, á esquerda também. São dois flagrantes bem apanhados, da histórica cidade que dá sempre aos artistas desse quilata esplendidos motivos de inspiração.

★

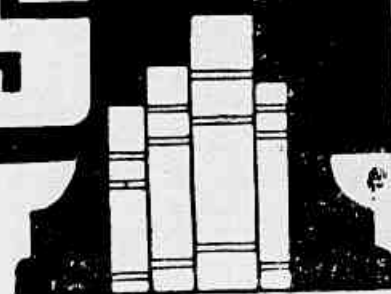
W. Zumblick veio do Sul, onde estudou, onde se fez pintor, onde fixou por sua vez magníficos telões. Está no Rio pela primeira vez disposto a realizar uma exposição, tendo escolhido também o salão da Associação Brasileira de Imprensa. Em numero de sessenta, suas telas são bem o reflexo da vida sulina, a sua gente simples e valorosa, de seus ambientes, dos templos em que rézam, das paisagens em que mourejam, das praias em que vão pescar o seu peixe, e dos campos onde vai pastar o gado bem nutrido. Lá estão a "Barraca do Pescador", a "Visão de São Francisco", o "Cafezinho da Manhã", "Remendando Rêde", "Barra do Norte", e tantos outros lindos trabalhos que demandariam muito tempo e espaço para mencionar. Será melhor conhecer de perto essas telas bem brasileiras, uma das quais está também reproduzida abaixo, "Folhões" — Bandeira do Divino Espírito Santo, que nos permite fixar ao lado, um flagrante do artista. "E" a Bandeira que parte ligeira, sumindo na poeira dos caminhos, como andarilha da nossa fé, a riscar de tradições, cantigas, crenças e batuques, a vasta geografia do Brasil", o que nos mostra esse quadro.



Novos Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



A LAVOURA SECA, tratado agrário por Pimentel Gomes, com prefácio de Apolônio Sales — Editora Técnica Ltda. — Rio de Janeiro, 1946.

"Pimentel Gomes — diz-nos o Sr. Apolônio Sales em curto mas eloquente prefácio — nasceu em Sobral, Ceará, à margem de um rio periódico, o Acaraú, em plena região semi-árida do Brasil. Descende de uma velha família de fazendeiros..." Pelos períodos que seguem, vimos a saber que o autor de *A lavoura seca* tem o curso da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba. Dedicou-se principalmente aos problemas da lavoura seca, o *dry-farming* dos norte-americanos. De volta ao seu Estado, exerceu as funções de Inspector Agrícola; foi mais tarde Director da Produção, na Paraíba dirigiu fazendas; amanhôu terra de sua propriedade, a chácará do lindo nome de Silvândia e procurou inteirar-se de quanto, nos cinco idiomas seus conhecidos, se escrevera sobre a matéria de seu capital interesse e de sua verdadeira especialidade.



O antelóquio do Sr. Apolônio Sales mais que suficiente mente nos prova como o autor do presente volume se preparou sobre o assunto de maneira, em todos os sentidos, magistral. Não se trata apenas, nem sobretudo, de uma competência teórica, um prestígio de gabinete ou de biblioteca; o Sr. Pimentel Gomes possui, na mais larga escala, os conhecimentos que se cêlhem nas revistas e nos livros, mas principalmente lhe assiste a experiência de quem acompanhou a faina dos campos, viu semear, plantar, regar, mondar, enxertar, levar o grão e o galho até o milharal amadurecer de todo e a árvore se adornar da beleza e da fartura dos frutos sazonados. E' um cientista mas também, e de certo com mais convicção e mais satisfação, um lavrador.

Os seus olhos aprenderam a distinguir de momento, e sem engano possível, se o chão é dócil ou rebelde, estéril ou generoso; e os seus dedos, desmanchando um torrão, ficam sabendo, conforme se espedace, esborce ou esfarele, tudo o que o solo pode negar ou oferecer. Finalmente, há nele o amor antigo e essencial daquela terra. E' a terra que nutriu os seus antepassados e, a ele, o viu nascer. E' ancestral e maternalmente a sua terra.

Assim o escritor lhe quer e por isso cuida de educar os outros homens no sentido de melhor a servir, tornando-a cada vez mais rica e mais formosa. Os capítulos que compõem a obra presente constituem outras tantas lições modelares pela clareza e o poder sugestivo. Versam todas as questões e todos os processos relacionados com a lavoura, particularmente nos lugares em que ela exige mais cuidado e diligência. Só não tirará proveito do conteúdo destas cento e sessenta páginas o fazendeiro ou o sítante que, no sentido inteligente e atento do termo, não as souber ler. E aos governos das regiões directamente interessadas cumpre fazer do livro do Sr. Pimentel Gomes a mais ampla e profusa divulgação.



O PÁSSARO DE JADE, paginas de poesia de Sônia Regina — Rio de Janeiro, 1946.

A Sra. Sônia Regina possui ou imaginou trazer sempre consigo um pássaro de jade.

Esta pedra, simples silicato natural de alumínio e de cal, gozou na antiguidade de altíssimo prestígio. Fazia milagres. Curava as pessoas atacadas de um dos males mais deleriosos: a nefrite. E tanto a doença e o remédio se relacionavam na opinião ou na crença geral, que ao jade se chamava a "pedra nefrítica". Mas, em verdade, não podia uma pretiza adotar semelhante versão. A Sra. Sônia Regina agradeceu-se da cor esverdeada da pedra, mas ligou a esta outra lenda, bem mais inspiradora. Recorreu ao pássaro de Jade, em que os velhos artistas chineses — e talvez os de hoje continuem — realizavam obras primas de finura, sutileza e mimo, e que dava sorte. E' o Fentsui, nos ensina ela agora; e, para nesse melhor esclarecimento traduz, o martim-pescador. Interroga-o com o pensamento e de certo chega a acariciá-lo com os dedos, quando julga precisar d'êlo. Julga, porém não deve ser verdade. O verdadeiro talismã é o que Deus lhe deu, jóia feita de bela inteligência e rica sensibilidade. Todas estas páginas, mais ou menos emersadas na forma clássica, mais ou menos livres na feição modernista, e até algumas em prosa escrita como tal, afirmam uma natureza de poeta e de artista, nada vulgar e bastante de se admirar.

Se voltarmos ao pássaro de jade, diremos que nem sempre êle serve a Sra. Regina como verdadeira, autêntica *masculle*. Não evita que a pretisa atravesse momentos de desventura ou de sofrimento profundo, como aquele em que compoz a *Canção leve de um silêncio*:

Não penses mal, meu querido,
quando eu fico triste assim,
todas as dores da Terra
tomaram conta de mim.

Mas logo, em meditações,
transformo espinhos em rosas,
das maldições faço trovas,
do desespero, canções.

Fica, portanto, em silêncio,
não vês? Estou triste, assim,
porque, hoje, as dores da Terra
tomaram conta de mim.



Sempre o conselho de Goethe... Contra os tormentos da alma, não se inventou ainda nem de certo se inventará remédio melhor.



AMADEU AMARAL, introdução, selecção e notas por Mancel Cerqueira Leite — Editora Assunção Limitada — São Paulo; 1946.

Amadeu Amaral realizou uma obra e excepcionalmente variada e valiosa. Cultivou a poesia, a novela, a conferência, o estudo crítico, a filologia, a cênica, tudo s peripetias da vida. Os seus trabalhos se relacionam e em verdade se imbricam pela ge al harmonia. Nem mais eluzadas, mais gra es paginas de biografia ou de reconstituição de uma indi-

vidualidade, surge, sem nunca dar a impressão de imprópria ou importuna, uma imagem da sua fantasia. Nos mais ligeiros termos de uma impressão de rua aplicada ao serviço de jornal, intervem a nota idealista, o reflexo dum lirismo essencial e inalienável.



Amadeu Amaral pertenceu à categoria tantas vezes atormentada, mas sempre dalgum modo ditosa, dos artistas que não sabem, não podem deixar de o ser. O sacrifício da verdadeira inteligência ou do caráter legítimo, que alguns escritores — e não poucos, infelizmente — declararam fazer às exigências da produção mais bem remunerada, nunca de certo entrou no programa de trabalho do autor das *Espumas* e do *Memorial de um passageiro de bonde*. Notoriamente pobre, tendo que multiplicar o seu labor para o funcionalismo, o professorado, a imprensa, a livraria, sempre êle se houve de maneira a defender, com impecável zelo, a expressão do espírito e as tendências do sentimento. Redactor de banca no *Estado de São Paulo*, exercia intransigentemente o jornalismo das idéias e da cultura. Escrevia artigos de feição doutrinária, nunca de índole meramente partidária ou disciplinar. Conseguia que o deixassem ser, incondicionalmente, para o público, o que era na pura intimidade. Boa parte — sobretudo nos últimos anos — da sua contribuição para o grande quotidiano paulista se compunha de pesquisas e interpretações de folclore. Assim se formou o volume *Poesia da viola*, depois do *Dialecto caipira* e precedido ou sucedido por importantes colheitas efetuadas na linguagem regional e entregues à Academia de Letras para o seu Dicionário de Brasileiro. As conferências constituem outro frondoso ramo da sua atividade. Formam o livro das *Letras floridas*; e, fóra desse conjunto, há as duas lições sobre Dante, o ensaio sobre Camões, a dissertação inspirada num soneto de Olavo Bilac — e mais um volume considerável: *O elogio da mediocridade*, "Estudos e notas de literatura". E a própria novela *A pulseira de ferro* foi primeiramente destinada àquele jornal.

Falando de si e dos seus trabalhos — o que bem raramente lhe sucedia e só na intimidade — Amadeu se qualificava principalmente como jornalista. Obedecia, não de caso pensado, certamente, a um fundo natural de modestia; e todavia, no tom das suas palavras, ao afirmar a qualidade de articulista ou de repórter, havia o quer que fosse de convicção altiva, de orgulho talvez. Assim era um dos mais belos e nobres poetas com que se tem enriquecido e enaltecido as letras de Brasil.

Incluindo Amadeu Amaral na "Pequena Biblioteca Brasileira", deu a Editora Assunção Limitada mais uma prova da boa orientação com que essa série está sendo organizada. E o Sr. Mancel Cerqueira Leite valiosamente concorreu, com o seu prefácio, para tornar proveitoso o presente volume que comporta mais de oitenta poesias de Amadeu e vai, no todo, a cento e quarenta páginas.



PÃO ALHEIO, romance de Maria Portugal Milward, com prefácio de Basílio Magalhães — Editora A Noite — Rio de Janeiro, 1946.



A Sra. Maria Portugal Milward compoz um romance de observação e de sentimento, sem propriamente um entreccho seguido, encadeado, mas com outros requisitos que deveras o recomendam. Se lhe falta engenho no preparo das situações, sensacionalismo no suceder dos episódios, é que de certo a escritora não desejou obter, com tais elementos, nem os louvores da crítica nem o êxito da popularidade. Outro ideal animou o seu trabalho. Quiz despertar o interesse e causar a emoção, simplesmente por meio das verdades presenciadas e agora, à sua maneira, natural, sinceramente exteriorizadas.

Os capítulos do livro quasi não oferecem lances de ação organizada; dão antes a impressão de quadro. Há nestas páginas notas frequentes de paisagens, côrtes de floresta, ou campo, de terra bruta ou amanhada; há aspectos de interior com as figuras domésticas, em suas diversas atitudes e gestos, retratadas; há composições em que entram os elementos de desenho e de colorido capazes de indicar a gente que habita uma região ou a índole geral dum povo...

Com efeito a Sra. Portugal Milward se nos apresenta sobretudo como pintora. Pintora de ambientes, de costumes, de indivíduos. Pelo desejo de tudo definir e explicar, chega a apl car-se de mais a particularidade e pormenores. Poderia, parece-nos, obter o mesmo efeito de exatidão e de poder comunicativo com menos trabalho ou em espaço menor. Isso, porém, dado o caráter dominante da obra, não importa em defeito grave. E em verdade a história da protagonista Ana Maria, desde a infância, passando pelo colégio, o primeiro baile, a revelação do amor, o casamento, até a certo desengano e certo abandono, mas concluindo pelo perdão da esposa e o reinício da vida ditosa do casal, agora para sempre assegurada — essa história singela e fluente, que parece escrever-se por si mesma, não deixa, por vezes, de nos comover e amenamente nos conduz de princípio a fim.

RECEBEMOS:

DEPOIMENTO. — João Daudt d'Oliveira. Rio 1946. — Recebemos um exemplar da exposição feita à Comissão de Investigação Económica e Social da Assembléa Constituinte, em que o sr. João Daudt d'Oliveira, apresentou o ponto de vista das classes produtoras em face dos problemas do país na atualidade.



BOLETIM GEOGRAFICO — Recebemos os numeros 31, 32, 33 e 34, do "Boletim Geografico", correspondentes a Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro proximos passados. O interessante mensario do I. B. G. E. contém, como sempre, informações, notícias, bibliografica e legislação.



REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — Recebemos o numero 3 do ano VII, correspondente a Julho e Setembro de 1945, da "Revista Brasileira de Geografia", publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



não
doz
mer
prin
nas
a r
por
Ten
asp

seu
que
suc
por
za
hui
ran
ele
un
es
o
me
tro
pr
do
re
co
sé
si
fu
de
Ta
g

S
ti
le
d
s
v

M
o
s
V
M
o
s
n
v



São exaustivos os trabalhos de Shirley Temple para não ver interrompida a sua carreira cinematográfica. Ha doze anos passados, a interprete da "Mascote do Regimento" não aceitaria um papel de dançarina de rumba, primeiro porque era então uma criança, e não fica bem, nas crianças, certas modalidades de baile, depois porque a rumba era então quasi que uma dança proibida mesmo para os adultos. Mas os tempos vão passando, e Shirley Temple compreende que, ou se amoldará ao seu novo aspecto da carreira, ou esta ficará prejudicada.

Quando lhe confirmam a protagonista de "Honeymoon", seu primeiro impeto foi o de devolver o papel, mesmo porque jamais havia dançado a rumba. Mas a RKO pôz á sua disposição o professor de baile Charles O'Currah, responsabilizando-se pelas despesas de um curso de aprendizagem. E creou-se o dilema: Ou dançava, ou seria substituída... Acontece que o papel era convidativo. O veterano Franchot Tone estava no "cast", e poucas vezes — éle próprio confessava — se sentira tão entusiasmo por um filme, quanto agora. A oportunidade não se poderia escapar. Shirley meteu mãos á obra, ou melhor, meteu o pé na dança, e caiu no bamboleio dos quadris. No primeiro dia dos ensaios, fotógrafos ficaram proibidos de entrar nos estúdios, mas viu-se desde logo que a ex-garota precoce não havia perdido toda a sua precocidade. Em dois dias, era uma exímia dançarina de rumba. Compareceu a um torneio dessa modalidade coreográfica, de máscara, e foi premiada, depois de uma competição muito séria na qual participaram até mesmo bailarinas profissionais. Depois, os estúdios ordenaram que as câmeras funcionassem sem demora, pois a pequena estava em grande forma. E ela obedeceu. Agora, já se sabe que Shirley Temple poderá dançar qualquer outra modalidade coreográfica, inclusive o próprio tango — ou até o samba...

As mãesinhas de hoje, que foram adolescentes quando Shirley era uma garota-prodígio, talvez sintam uma pontinha de decepção. Mas para compensar, milhões de adolescentes, para quem a rumba é a grande sensação, hão de deliciar-se com a graça da "estrelinha". E quem mais sente as delicias de seus requebros garbosos, será inegavelmente Franchot Tone, o protagonista de "Honeymoon"...



Na página á esquerda, ao alto: Rosalind Russel no papel de Elizabeth Kenny, a grande batalhadora contra a paralisia infantil, heroína do filme "Sister Kenny". — Russell Wade, no set da RKO, durante a filmagem de "Bamboo Blonde", recebe a visita de seu filhinho Jeffrey. — Gary Grant corta o bolo de aniversário que lhe foi oferecido por Ingrid Bergman e pelo diretor Alfred Hitchcock, durante a filmagem de "Notorious". — Finalmente, um instantâneo doméstico de Bill Williams e Barbara Hale, imitadores pelos garotos Sharyn Moffatt e sua amiguinha Lanny Allen. Como se vê, nitida presença desses garotos...

Invertem-se os papeis nos estúdios da RKO, quando Claudette Colbert está filmando "Without Reservations". Uma cena é, por extravagancia, pôsada com o proprio diretor Mervyn LeRoy, enquanto o galã, John Wayne, se incumbem de dirigi-la... Talvez assim o diretor fique menos exigente, sentindo quanto é difícil representar. Ao mesmo tempo o ator compreenderá que dirigir não é tão facil quanto parece... E todos acabam em grande harmonia, enquanto Claudette Colbert parece dizer: — "Que tal a sobremesa?"

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Joan Bennett submete-se pacientemente ao sacrificio da pedicure, num intervalo da filmagem de "Woman Of The Beach", e durante uma "location" na praia, nos arredores com a "estrela", que não se importa de exhibir ao sól, talvez aproveitando os raios luminosos, seu bonito par de pernas. Joan Bennette não gosta de apanhar sól, só o fazendo por determinação dos estudios, como acontece nesse caso. Mas não ha outro remedio. O cinema tem dessas coisas...





Uma novíssima Shirley Temple, esta que vamos ver proximamente no filme da RKO "Honey moon". Ela será agora a apaixonada de Franchot Tone, mas também receberá a corte de Guy Madison. Para fazer esse papel difícil, Shirley Temple precisou submeter-se a um longo aprendizado de rumba, dança que outrora seria considerada imprópria para uma "estrelinha" da sua formação espiritual... O público ficaria decepcionado vendo Shirley, um amor de menina, bambeando os quadris. Agora ela aceitou da melhor vontade esse curso de dança moderna, e não parece nada aborrecida. As gravuras mostram diversos flagrantes batidos durante os ensaios, tendo Shirley Temple, como professor, o diretor do baile Charles O'Currah, especializado em rumbas e boleros. Vamos ter uma nova Shirley, "caballeros"! E "muy graciosa"...





Realizou-se a 29 de junho, na matriz de São José do Engenho de Dentro o enlace matrimonial da sta. Luiza Barbosa com o sr. Alvaro da Silva Santos que se vêem na gravura, em instantaneo feito por ocasião da solenidade.



Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, da ex-familia imperial, fêz doação á Cathedral Metropolitana, a 29 de Julho último, da "Rosa de ouro", o famoso mimo que S.S. o Papa Leão XIII ofereceu á Princesa Isabel, sua avó, para perpetuar o nobre gesto libertador da Redentêra. A foto mostra S.S. ao lado do mimo papal.

FIGURAS E FATOS



O professor Anibal Bruno, da Faculdade de Direito de Recife, com sua filha, a universitária Yone Bruno, o professor Roberto Lyra, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, e o advogado Paulo Cabral, durante uma das visitas do catedrático pernambucano aos estabelecimentos da metropole.



Senhorita Maria de Jesus Camargo Gomes, filha do Sr. Dr. Antonio Gomes Junior e sua Exma. Senhora, elemento destacado da sociedade paranaense.

M U S I C A

As Walkirias não cavalgaram...

Óperas e Pílulas — Torel, o Mago dos Bastidores, — Não era Barreto Pinto.

Roberto Lyra Filho

EM Bayreuth, na Alemanha, celebra-se, todos os anos, um estranho culto. É a adoração de Wagner, conforme seu gênio vaidoso planejou. O teatro construído especialmente presta-se à realização de seus caprichos de compositor, poeta, cenógrafo. Tudo é feito de acordo com as instruções detalhadas que ele deixou. Até o comportamento dos admiradores que ocupam a platéia é regulado, segundo os seus desejos. Não esqueçam que ele assistiu a mais de uma ópera apresentada nessas condições. Morreu feliz: conseguiu o prêmio ambicionado.

"O Rio, agora, está se transformando em Bayreuth", disse-me um assinante da Temporada Lirica. E prosseguiu: "Duas vezes Wagner e, entre as duas Richard Strauss, seu discípulo. O Rio, positivamente, é a nova Bayreuth. E quer saber a diferença?" Interessado, assisti.

— "Pois a diferença é a seguinte: Em Bayreuth o silêncio significa veneração exagerada — aqui significa sono e aborrecimento. Em Bayreuth não se aplaude porque Wagner não quis. Aqui não se aplaude porque o público, mesmo não quer. Restam os esforços heroicos da claqué. Eis aí: Rio — Bayreuth. O povo carioca, irrequieto, nunca seria capaz daquela profunda e ridícula compenetração do "wagnerita" alemão, para usar um termo inventado por Bernard Shaw."

ÓPERAS E PÍLULAS

Os críticos reclamavam Wagner. A direção do Municipal, este ano, dá Wagner. Dá, até, Debussy. Bidú Sayão trará, em sua volta ao Brasil, Pelleas et Mélisande. O mal está em que a técnica da pílula é fatigante, lembrou um admirador da ópera italiana. De fato, se no repertório, há óperas para todos os gostos, tudo o que nos vem de relativamente novo está sendo oferecido no início da temporada como uma pílula amarga com dois goles d'água. Para completar a comparação não faltaram nem os dois goles d'água. Com Tristão e Isolda, Cavaleiro da Rosa e Walkirias, tivemos Tosca e Werther. Dizem: "Foi para facilitar a deglutição."

O pior, porém, é que nem Wagner nem Strauss são amargos ou caceles. Grande parte de responsabilidade pela frieza do

público cabe à maneira pela qual foram apresentados, um atrás do outro, depois de anos de repertório italiano e francês. Contamos com um autêntico tenor wagneriano; Set Svanholme temos ainda elementos valiosos como Herbert Janssen, Dezzo Ernster e a próprio Rose Bampton que, ainda que Wagner não seja o ideal para a sua voz, sempre consegue agradar. Com tudo isso e ainda mais a direção segura de German Torel poderíamos fazer de Wagner uma sensação para o público alemão de um deleite para os críticos. Acontece, porém, que nem é irrepreensível, sob o ponto de vista artístico, o elenco, nem é respeitado, em virtude da insistência, o gosto do público por obras "mais leves", como é costume dizer.

AS WALKÍRIAS NÃO CAVALGARAM...

Como quinta récita de assinatura tivemos um versão razoável das Walkírias, cuja selvagem cavalgada, com gritos de guerra, é um trecho famoso que logo provoca um murmúrio de reconhecimento por parte do público. Acontece, porém, que o que esperavam muitos era um autêntica cavalgada, isto é, que não dispensassem os corceis ferozes. Quando ficou claro que, em cena, elas seriam rigorosamente um exército só com infantaria, nada valeu o desapontamento. Nem mesmo a esplêndida direção que movimentou com segurança as oito filhas de Wotan.

Nos intervalos, os comentários na fila do café versavam sobre esse tema: se era defeito da versão brasileira ou se, de fato, no mundo inteiro a cavalgada das walkírias era passeio, corrida ou que quer que seja mas nunca cavalgada? A esse respeito, gastou-se muita erudição. Inclusive a de um cavalheiro que, momentos antes, afirmara ter ido a Bayreuth e que, interpelado para resolver a controvérsia, desculpou:

— Eu estive lá, mas não reparei...

TOREL, O MAGO DOS BASTIDORES

As óperas de Wagner dependem, para o seu sucesso, da manutenção fiel de um ambiente heroico e impetuoso, adequado à grandiloquência da música e do libreto. Compreende-se, assim a importância do regisseur, que supre, muitas vezes, as deficiências de alguns artistas, com a sua arte de direção e iluminação.

German Torel, que veio ao Brasil especialmente contratado para a temporada lírica e de bailado tem se destacado como um conhecedor da obra wagneriana, seguro na preparação dos efeitos.

(Continua na pág. 56)

Set Svanholm, um autêntico tenor Wagneriano.



Astrid Varnay, não foi a Brunnhilde que Wagner imaginou.

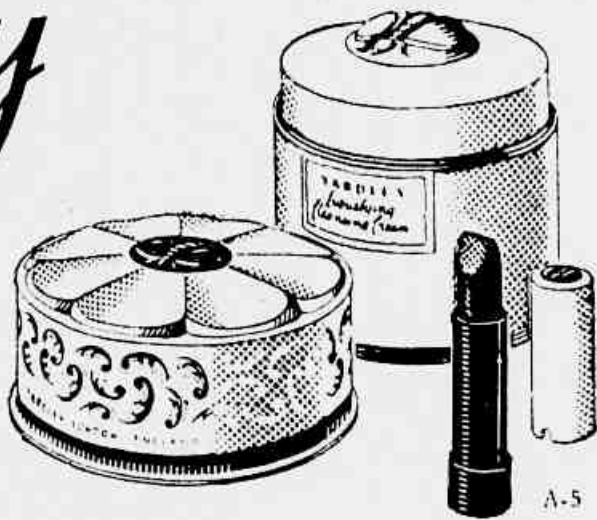


"Bem me quer..."

A pergunta "Queres-me?" permanecerá sempre viva no sexo feminino. Mas, à mulher formosa basta consultar o espelho. Com a cutis limpa suavemente pelo Creme Liquescente Yardley e aveludada com o Pó-de-arroz "Bond Street" sobre Creme de Base de Yardley, seu aspecto não pode ser mais atraente. E o Batom Yardley dá vida e encanto aos seus lábios.

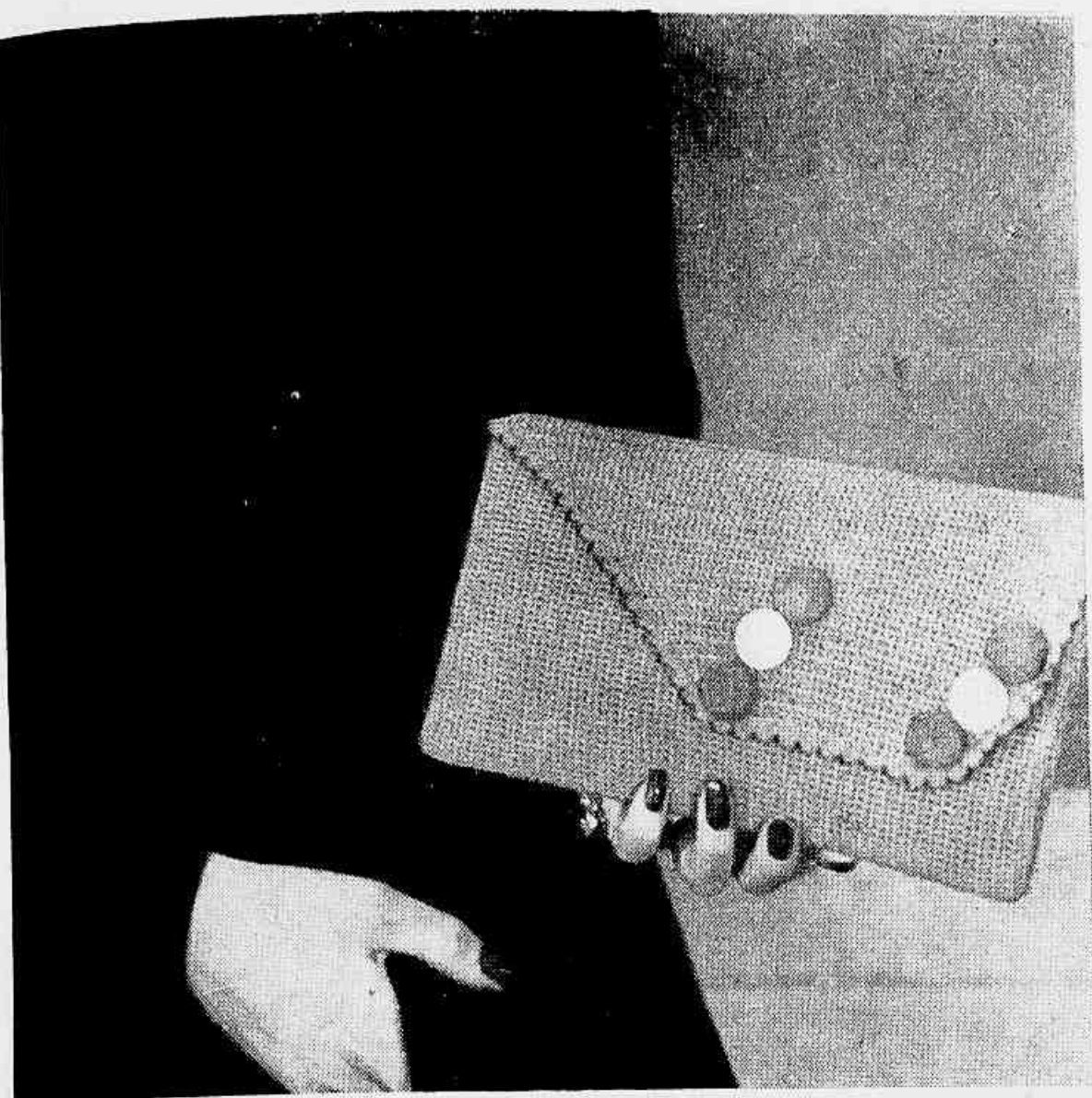
Yardley
de Londres

Estes e outros preparados de beleza Yardley são encontrados nas melhores casas no mundo inteiro, em consistências e tons que se adaptam a todas as cutis.



YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 • Rio de Janeiro



TRABALHOS MANUAIS

(1984) BOLSA DE CROCHET

Material Necessario

Linha Mercer-Crochet n.º 40 marca "Corrente".

4 novelos de 20 gramas de uma cor escolhida. — 1 novelo de 20 gramas cada, de 2 cores que contrastem com a primeira. 6 botões de madeira. — 1 pedaço de forro que combine com uma das cores em contraste. — 1 pedaço de lona. — 3 colchetes de pressão.

As pessoas que têm o ponto frouxo, devem usar uma agulha de crochet n.º 3, marca Milward e as pessoas que têm o ponto justo, devem usar uma agulha n.º 2, da mesma marca.

(Usar fio duplo para todo o trabalho).

Tensão — 7 carreiras de ponto de crochet com 2 laçadas duplo — 25 cm.

Abreviações — ch trança. ss — meio ponto de crochet. dc — ponto de crochet com 2 laçadas. tr — ponto triplice comum. st — ponto de crochet com 1 laçada. dd — ponto de crochet com 2 laçadas duplo. (Este ponto é feito da seguinte maneira — colocar a agulha no ponto de crochet com 1 laçada e puxar uma laçada por a linha por cima e puxar uma laçada na agulha por a linha por cima e puxar as 2 laçadas restantes).

★

Com a cor escolhida começar com 106 ch.

1.ª carreira — 1 dd na 4.ª ch da agulha, 1 dd em cada ch restante, 2 ch, voltar. 2.ª carreira — Omitir o primeiro dd, 1 dd em cada dd, 1 dd no ch da volta, 2 ch, voltar.

Repetir a 2.ª carreira mais 73 vezes. Não voltar na ultima carreira.

VIRA DA BOLSA — Fazer as seguintes instruções ao longo das carreiras finais: 1 dd sobre cada carreira final, 2 ch, voltar. 2.ª carreira — Omitir o primeiro dd, 1 dd em cada dd, 1 dd no ch da volta, 2 ch, voltar. Repetir mais 3 vezes. 6.ª carreira — Omitir o primeiro dd, enfiar a agulha no dd seguinte puxar a laçada,

enviar a agulha no dd seguinte e puxar a laçada, por a linha por cima e puxar 2 laçadas na agulha, por alinha por cima e puxar as 2 laçadas restantes da agulha (1 diminuição feita) 1 dd em cada dd, 1 dd no ch da volta, 2 ch, voltar. 7.ª carreira — Omitir o primeiro dd, 1 dd em cada dd, diminuindo um st no fim da carreira, 2 ch, voltar.

Repetir as ultimas 2 carreiras, mais 11 vezes, e então fazer novamente a 6.ª carreira.

31.ª carreira — Diminuir um st no começo e um no fim da carreira. Repetir esta carreira mais 9 vezes, omitindo o ch da volta na ultima carreira — Arrematar.

PARTES LATERAIS — (Fazer duas). Com a cor escolhida, começar com 3 ch. 1.ª carreira — 1 dd no terceiro ch da agulha, 2 ch, voltar. 2.ª carreira — 1 dd no primeiro dd, 2 dd no ch da volta, e 2 ch, voltar. 3.ª carreira — Omitir o primeiro dd, 1 dd em cada dd, 1 dd no ch da volta, 2 ch, voltar. 4.ª carreira — Igual a 3.ª carreira. 5.ª carreira — 1 dd no 1.º dd, 1 dd em cada dd, 2 dd no ch da volta, 2 ch, voltar.

Repetir da 3.ª até a 5.ª carreira, mais 10 vezes. Repetir a 3.ª carreira mais uma vez omitindo o ch da volta na ultima carreira. — Arrematar.

BICOS — Com uma das cores em contraste, começar com 4 ch.

1.ª carreira — 3 tr na 4.ª ch da agulha, 4 ch, Repetir esta carreira até conseguir o tamanho suficiente para rodear toda a vira da bolsa. — Arrematar.

Cobrir dois botões de cada uma das 3 cores, com carreiras de dc, usando fio simples e uma agulha n.º 4.

COMO ARMAR — Ficar cada parte da bolsa colocando lona entre o forro e o crochet, e então costurar as partes laterais em posição.

Costurar os bicos em toda a volta da vira da bolsa, prendendo em seguida 3 botões de cada lado da vira, conforme mostra a fotografia.

Costurar os colchetes de pressão.



PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto
COSTA PENNA
BAHIA BRASIL

O Juá é a planta mais medicamentosa da flórea brasileira.

O "Juadól", feito do Juá, é o melhor dentifricio do Brasil.

Pedidos á "Perfumaria Lopes". Praça

Tiradentes, n.º 38. RIO

ESTA

e a unica apresentação

de agua de colonia

JEAN MARIE FARINA



Exizam

a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

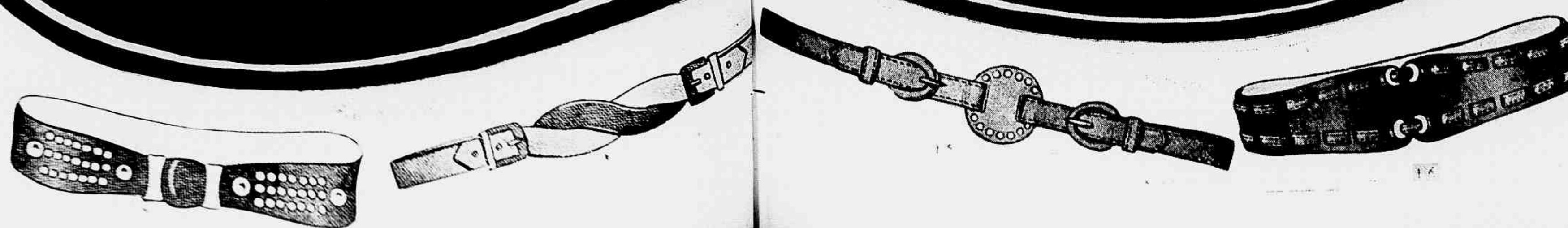
PARIS ★ RIO

SAIAS, BLUSAS E CINTOS

- 1 — Saia de lã com a frente um babado que vai em "casaca". Sobre o mesmo três botões do mesmo tecido.
- 2 — Saia de lã com laço largo na frente, sendo de cada lado um bolso "ventral".
- 3 — Saia de lã, totalmente aberta e presa com tecido invisível. Pespontas e "pontos" do mesmo tom.
- 4 — Saia em crepe de seda pesada com drapado de lado esquerdo.
- 5 — Cinto de couro verde escuro enfeitado com cravos dourados.
- 6 — Cinto de couro em duas cores diagonais, enfeitado na frente.
- 7 — Saia de seda branca com laço largo formando bolso. Saia original com laço "frente". Botões do mesmo tecido.
- 8 — Saia de seda azul claro com laço largo. Grandes cravos.
- 9 — Blusa "casaca" em crepe de seda, "frente" de aplicação sobre os ombros. Enfeite de pedras brancas de vidro.
- 10 — Blusa transparente com bolso original.

BLUSAS, "FRENTE ÚNICA" E CINTOS

- 11 — Blusa de seda bastante vaporosa, com aplicações de rendas e nervuras.
- 12 — Elegante blusa de seda, com "jabot" do mesmo tecido enfeitado com "bainhas" e "tulles".
- 13 — Blusa original com flores bordadas ou aplicadas.
- 14 — Blusa de seda, com desenhos em "bainhas". Grande laço formando gola.
- 15 — "Frente única" de cambráia com nervuras e grande laço.
- 16 — Prática e elegante "frente única" feita em seda e "tulles".
- 17 — "Frente única" de cambráia, com "lesions" e bordados.
- 18 — Graciosa "frente única" em seda com "pcis". "Bainhas" na gola e "jabot".
- 19 — Original cinturão de couro enfeitado com "cravos" prateados.
- 20 — Cinto de couro, com "fêcho" bastante original.





A FAZENDA DE EFRAIM CABOT, onde se passa a cena em todos os atos foi amaldiçoada pelo destino... Não foi o desejo que cavou ali profundos abismos entre as criaturas. Era impossível continuar. Os seus últimos ocupantes Eben (Sandro Polloni) e Abbie (Olga Navarra) abandonam o lar, dirigindo-se para a prisão, seguidos dos agentes da autoridade. Pelo amor de Eben, Abbie matou o próprio filho. Mas paradoxalmente ela está feliz. A alma humana tem dessas surpresas.

O PUBLICO JULGA "OS COMEDIANTES"

Depois de uma das representações de "Desejo", os espectadores criticam a peça, a direção e a interpretação — Fato inédito no teatro brasileiro — Combater ainda é um meio de consagrar — Infelizmente não compareceram os críticos que condenaram o trabalho "os Comediantes" — "O desejo é uma realidade extra-temporal"; — "O'Neill foi latinizado", "Todos os atores denunciam a influência de Ziembinsky", "Muita gesticulação" eis algumas das críticas — Vai-se a primeira pomba despertada — Um elogio ao heroico público

ADHEMAR NÓBREGA

NÃO há sintoma mais evidente de interesse por uma obra do que a sua discussão. Seja para sofrer as mais severas críticas, seja para ser combatida como obra de demolição dos preconceitos sociais, ou como criações sem equilíbrio nem forma definida, seja para ser caluniada — o que em última análise é o que acontece — quando um livro, uma sinfonia, um bailado ou uma peça teatral provocam comentários a três por dois, quando motivam discussões desde as conversas ruidosas de mesa de botequim até os chamados "casos" domésticos no aconchego do "coim de feu" onde a moralidade paterna depura as sugestões da vida citadina que os filhos trouxeram para o lar, — em todos os casos a obra de arte está ganhando terreno para a consagração da posteridade ou ao menos está assegurando para a sua existência uma afirmação de personalidade.

Assim tem acontecido através dos tempos e continuará acontecendo para o futuro. Combater ainda representa um meio de consagrar.

Quem não se recorda, tendo lido a biografia de Ni-

jinsky, das lutas que ele teve de enfrentar quando apresentou pela primeira vez (e note-se que isso aconteceu na super-civilizada Paris) o "Apres midi d'un Faune" sobre a música de Debussy? E as obras desse autor? Pois até Masterlinck não repudiou, a princípio, o "Pelleas et Melissande" que o genial Claude de France fez sobre a sua obra? E o inferno de maldições que caiu sobre os grandes bailados de Stravinsky? Pois ainda hoje se levantam, aqui e ali vozes tímidas para dizer, da superficialidade de sua insignificância que o "Sacre du Printemps" é obra de um maluco... E os exemplos de casos semelhantes encheriam páginas. Recuando mais um pouco, encontrariamos os cinco grandes russos, o chamado "Círculo todo poderoso", criando uma nova música ou melhor, criando, os verdadeira música russa, alvo de críticas e censuras, os impressionistas tachados de loucos, Van Gogh repudiado, Zola escandalizando a sociedade burguesa, todos sofrendo nas injúrias e insultos e ao mesmo tempo transpondo as primeiras portas que dão acesso à história.

Nenhum artista que faça qualquer coisa de original

ou pelo menos que se afaste dos cânones tradicionais, arrostando audaciosamente as consequências de sua robustez que transborda os discutíveis limites das regras e dogmas, nenhum criador que se aventure por terrenos ainda inexplorados, escapará à vigilância do conservadorismo que quer sobreviver e que dia a dia perde terreno com a pesquisa e a descoberta de novos meios de expressão. Villa-Lobos que o diga. O exemplo dele é bastante significativo porque somente no estrangeiro a sua obra encontrou a plena repercussão do merecimento, enquanto no Brasil ainda é privilégio de uma elite ou atitude de snob admiti-la.

Demorámo-nos bastante nestas considerações iniciais em torno das controvérsias surgidas com a representação da peça "Desejo under elms" de Eugene O'Neil, na versão brasileira "Desejo" de Miroel da Silveira. E o fazemos não para estabelecer termos de comparação porque os paralelos são sempre comprometedores. Além disso é fácil constatar que os exemplos invocados são de repercussão incontestavelmente mais pronunciada do que o presente.



DESOLAÇÃO — A' esquerda, durante a cena do baile, enquanto os convidados e o velho Efrain se entregam ao divertimento, a um canto Abbie (Olga Navarro) entrega-se a um estado de depressão causado pela ausência de Eben. A' direita, outra cena de "Desejo", aquela em que Eben e Abbie vão deixando o lar onde vieram grandes momentos de prazer e sofrimento, para uma paz conquistada à custa de sacrifícios. Abbie matou o filho que comprometia a felicidade de sua união com Eben e segue para a prisão.

Mas apesar da insistência nesta introdução ao assunto, sentimos que ainda caberia fazer uma apreciação ligeira sobre as condições atuais do nosso teatro, se não fosse a limitação do espaço reservado ao texto. De qualquer modo, o acontecimento é digno da atenção especial que lhe dispensamos.

Não nos referimos à peça, particularmente, nem à direção e à atuação dos artistas, se bem que a representação, no seu conjunto, tenha merecido justos e calorosos aplausos da platéia.

PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

Queremos nos referir ao fato, pela primeira vez ocorrido no Brasil, de um grupo de artistas enfrentar, após a representação de uma peça, a opinião da coletividade que a assistiu, sem preconceitos nem atitudes escolhidas. Os artistas representaram e depois se puseram em face do público, como a dizer. Pronto, vamos agora ao julgamento. Quem se julgar isento de culpa, atire a primeira pedra.

INICIA-SE O JULGAMENTO

Após a conclusão do espetáculo, e conforme já havia sido divulgado, Miroel da Silveira, tradutor da peça e diretor geral da companhia, veio ao proscênio e anunciou

a realização dos debates em torno da discutida peça. Em sua exposição, o vitorioso escritor fez um apelo para que as críticas a serem feitas não implicassem, de modo nenhum, em desmerecimento para os artistas de outras companhias, frisando bem de propósito que Dulcina, Bibi e outros que trabalham pela elevação do nível do nosso teatro eram seus amigos. Em tais circunstâncias, não seriam recebidas as apreciações que viessem a ferir melindres de outrem.

Isto posto, foram chamados para tomar parte nos debates o escritor Guilherme de Figueirêdo, presidente da ABDE, Pascoal Carlos Magno, designado para "desembargador" dos debates, Ziembski, Olga Navarro, Sandro Polloni, Jardel Filho e os outros atores.

Dirigindo-se à platéia, Pascoal Carlos Magno solicitou que fossem divididos os debates em três etapas, destinadas a primeira à apreciação da peça, a segunda e a terceira, respectivamente às críticas à direção e à interpretação. Posteriormente, estas duas últimas ficaram fundidas numa só.

FALAM OS JUIZES

Terminado o "speech" de Carlos Magno e anunciado o início, mesmo, dos debates, houve um ligeiro silêncio, embora denunciando certa ansiedade por parte dos as-

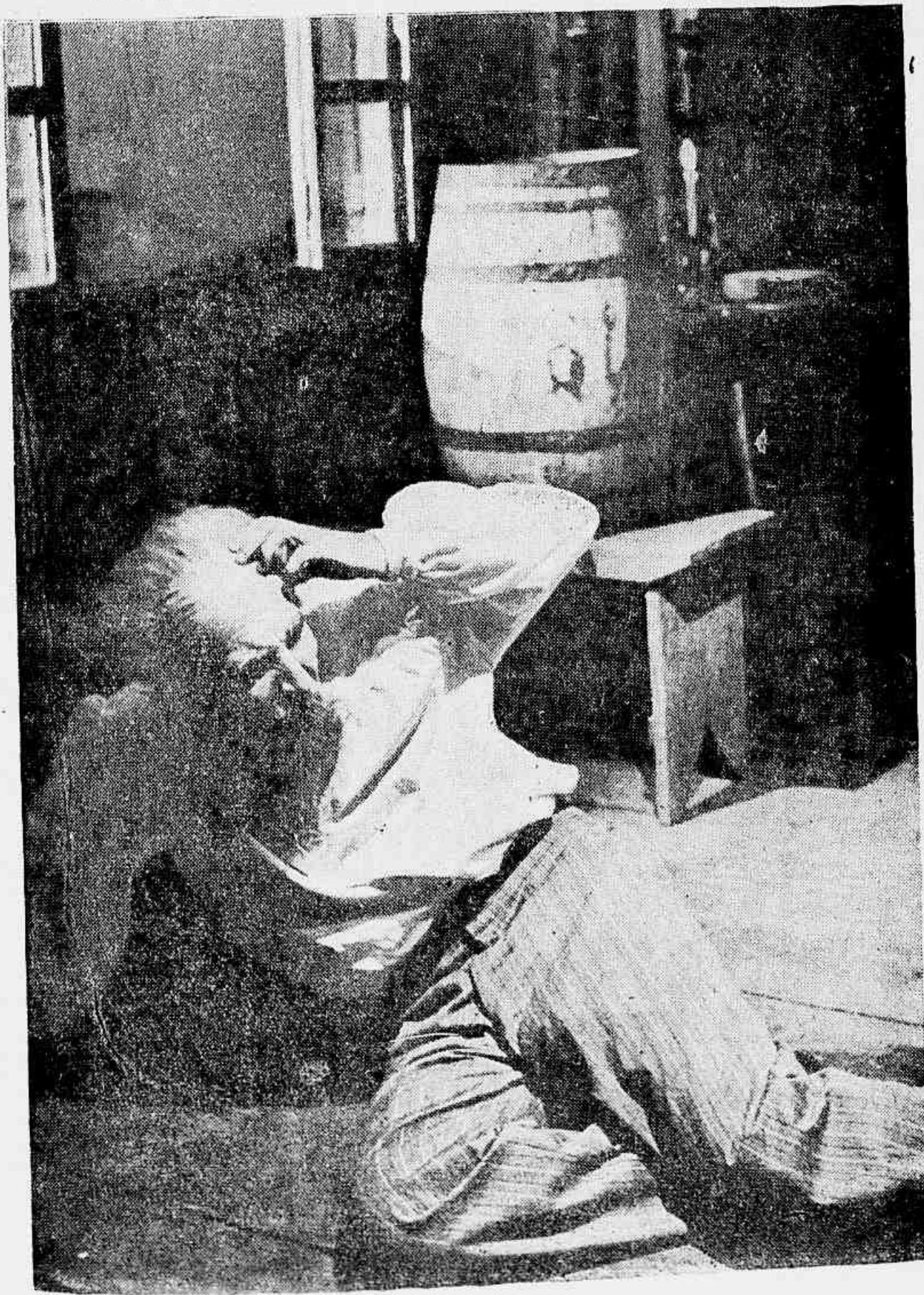
sistentes que na quase totalidade permaneceram na sala para presenciar o acontecimento, inédito no teatro brasileiro.

ESBOÇA-SE UMA QUESTÃO RELIGIOSA

Finalmente, um dos presentes se levanta e diante das atenções gerais fere o assunto. Todavia, não foi das intervenções mais felizes, não porque magoasse este ou aquele artista ou porque criticasse severamente a peça mas, porque não teve o apoio do público. E' que o espectador aprecia a peça como um trabalho que não calasse bem no espírito da assistência pelo fato de explorar um tema alheio às nossas tradições. Os excessos do puritanismo anglicano, — disse o assistente — constituindo uma couraça amordaçando e contendo os impulsos afetivos e provocando reações violentas de amor que se expande em descargas de ódio, e de vingança irrefreáveis, constituíram o motivo central da peça de O'Neil que a nossa mocidade não pode compreender em toda extensão porque atualmente, ao contrário do que ocorria no passado, o amor não tem mais a pureza de um grande sentimento. Ama-se eufóricamente, por esporte, sem se deixar empolgar pela grandeza do amor.

Os artistas nada objetaram a respeito mas os moços presentes ou pelo menos os que se julgavam como tal

DUAS CENAS DE "DESIRE UNDER THE ELM" — A' esquerda, o velho Efrain Cabot (Ziembski) que de ordinário se mantinha a cavaleiro de todas as situações, nunca se deixando empolgar nada que não fosse a posse de sua fazenda, deixa-se abater ao ter notícia de que sua mulher matara o filho. A' direita, outra cena da mesma sequência, em que Eben castiga com palavras severas o assassinio do filho pela sua madrasta e amante. E' um dos grandes momentos de Olga Navarro no papel de Abbie.



quem não conhece ou não sentiu a rigidez de costumes da sociedade do tempo em que se passa a história. Novos protestos e um outro, salvo engano Pompeu de Sousa, (que daí por diante fez outras e demoradas intervenções), pediu a palavra.

O DESEJO É UMA REALIDADE EXTRA-TEMPORAL

Falando com o entusiasmo de quem estivesse defendendo a sua própria causa, o nosso confrade discorreu sobre a peça, assinalando que o tema explorado está absolutamente ao alcance da nossa sensibilidade, qualquer que seja a nossa atitude filosófica, credo político ou atitude moral. Porque o "Desire under the elms" é bem o que diz o título do original inglês, desejo contido, impulsos acorrentados. E o desejo sempre existiu e existirá enquanto houver humanidade. Ele é inerente ao homem, faz parte integrante de sua essência. Está além do bem e do mal, acima das religiões e preconceitos, aquém e além dos limites geográficos, não eleger espaço nem tempo para se manifestar. E enquanto fala, sente-se que o apreciador vai-se transformando em orador. Agora ele já ergue os braços, se espalman, os dedos se contraem e se distendem em gestos expressivos como as belas e famosas mãos de Stokovsky à frente de uma orquestra.

Finalmente, depois de muita gesticulação e de outro tanto de palavra, em que exprimiu alguns dos conceitos mais oportunos e mais bem aceitos, Pompeu de Sousa deixa a vez para outro.

A SOLIDÃO E O DESEJO

Outro espectador vê na peça como motivos principais a solidão e o desejo, ambas se conjugando para a formação de um clima psicológico carregado e dramático como é o daquela obra.

Alguns mais se manifestam, ora para apresentar crítica, ora para se contestar mutuamente, travando-se por vezes verdadeiros debates pessoais que Pascoal Carlos Magno solucionava com o badalar de uma formidável sineta, dessas muito comuns em refeitórios de internatos religiosos.

O DRAMA DO APEGO À TERRA

Lia Correia Dutra achou que a peça representava principalmente o drama do apego à terra, à pequena pro-

priedade. No Brasil, sendo a economia agrícola baseada apenas como "mão de obra", não havia condições para a gente sentir em toda a extensão a angústia daquele velho fazendeiro Efraim que confundiu até a mulher com a fazenda. Este ponto de vista foi sustentado por demoradas palmas mas um outro se levantou para dizer que entre nós também existe o apego à terra, tão extremado como os que mais o sejam noutros países. E a opinião também foi aplaudida a muito.

O'NEIL FOI LATINIZADO

Uma senhora americana presente manifestou-se várias vezes no decorrer dos debates. Disse que conhecia O'Neil representado nos Estados Unidos e que acabara de assistir a uma versão brasileira da grande obra do teatrólogo. Não que a tradução fosse falsa mas a realização da peça se comprometera por um marcante espírito latino.

MUITA GESTICULAÇÃO

Alguns se manifestaram com estranheza em face da excessiva gesticulação que notaram em Sandro Polloni no papel de Eben, opinião de que participamos. Havia uma espécie de "verismo" na interpretação que o jovem ator dava ao seu papel. Nesse particular, Lia Correia Dutra acha que na peça toda há muita gesticulação para O'Neil cujos personagens são um pouco introvertidos, não se manifestando às escancaras como ela acabara de observar na realização dos "Comediantes".

"VAI-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA"

Aos apreciações continuavam a surgir e o tempo corria sem que ninguém se dispusesse a ir embora. Mas um cidadão teve mais coragem do que os outros que também tinham como ele tinha desejo... de dormir e se levantou para declarar que ia retirar-se sem que esse gesto significasse desrespeito aos demais. Foi-se o homem. E como no soneto de Raimundo Correia, foram-se outras pombas. Algumas dezenas de pessoas aproveitaram a brecha aberta no código idiota das boas maneiras (pois quem quer dormir não deve ficar de castigo na poltrona de um teatro, muito mais dura que o colchão e o travesseiro) e também se foram.

A TEMPESTADE E A AURORA DE UM NOVO DIA — Estas são duas cenas particularmente significativas da peça de Eugene O'Neil, situando o climax do sentimento que predomina em "Desejo". A' direita, arrebatadas as correntes dos preconceitos, rompida a couraça que enclausurava os sentimentos, Eben (Sandro Polloni) e Abbie (Olga Navarro) se entregam a uma tempestuosa eclosão do desejo que os incendiava. A' esquerda, depois da cena anterior, quando o calor dos impulsos já passara a ser lampejo de radiosa felicidade... (O leitor inteligente, etc.)





UMA NOVA MAE — O velho Efraim era de opinião que toda casa precisa de uma mulher. E por isso, foi à vila buscar a sua terceira esposa Abbie (Olga Navarro) em companhia de quem ele aparece na cena acima, mostrando a "sua" casa que Abbie prefere dizer nossa. Em baixo uma das primeiras cenas da peça quando Pedro (Jardel Filho) e Simão (Orlando Guy) vendem ao ganancioso irmão Eben que herdara do pai toda a ambição pela terra, a sua parte na fazenda. Partem para a California donde nunca mais hão de regressar.

A DIREÇÃO E INTERPRETAÇÃO

As apreciações referentes à direção e à interpretação ficaram prejudicadas pela extensão do tempo em que foi discutida a peça, propriamente dita.

Mesmo assim, surgiram intervenções apreciáveis, revelando todas elas o alto grau de interesse despertado pela realização dos "Comediantes".

Graça Melo criticou a marcação da peça, pedindo para duas cenas uma explicação de Ziembinski, pois achava que o fazendeiro Efraim passeava à toa pela cena lá à porteira, quando anunciava que ia ao curral.

Lia Correia Dutra também se refere à porteira que é objeto de um interesse todo particular. A propósito, um outro espectador declarou que essa mesma porteira foi visitada nove ou dez vezes durante a encenação da peça. Pedia uma explicação para importância do fato que achava exagerada.

ZIEMBINSKI ESTÁ EM TODOS OS ATORES

Algumas apreciações afinal pelo mesmo diapasão quando se referem à marcada influência que Ziembinski exerceu sobre os atores. Todos eles, com exceção de Olga

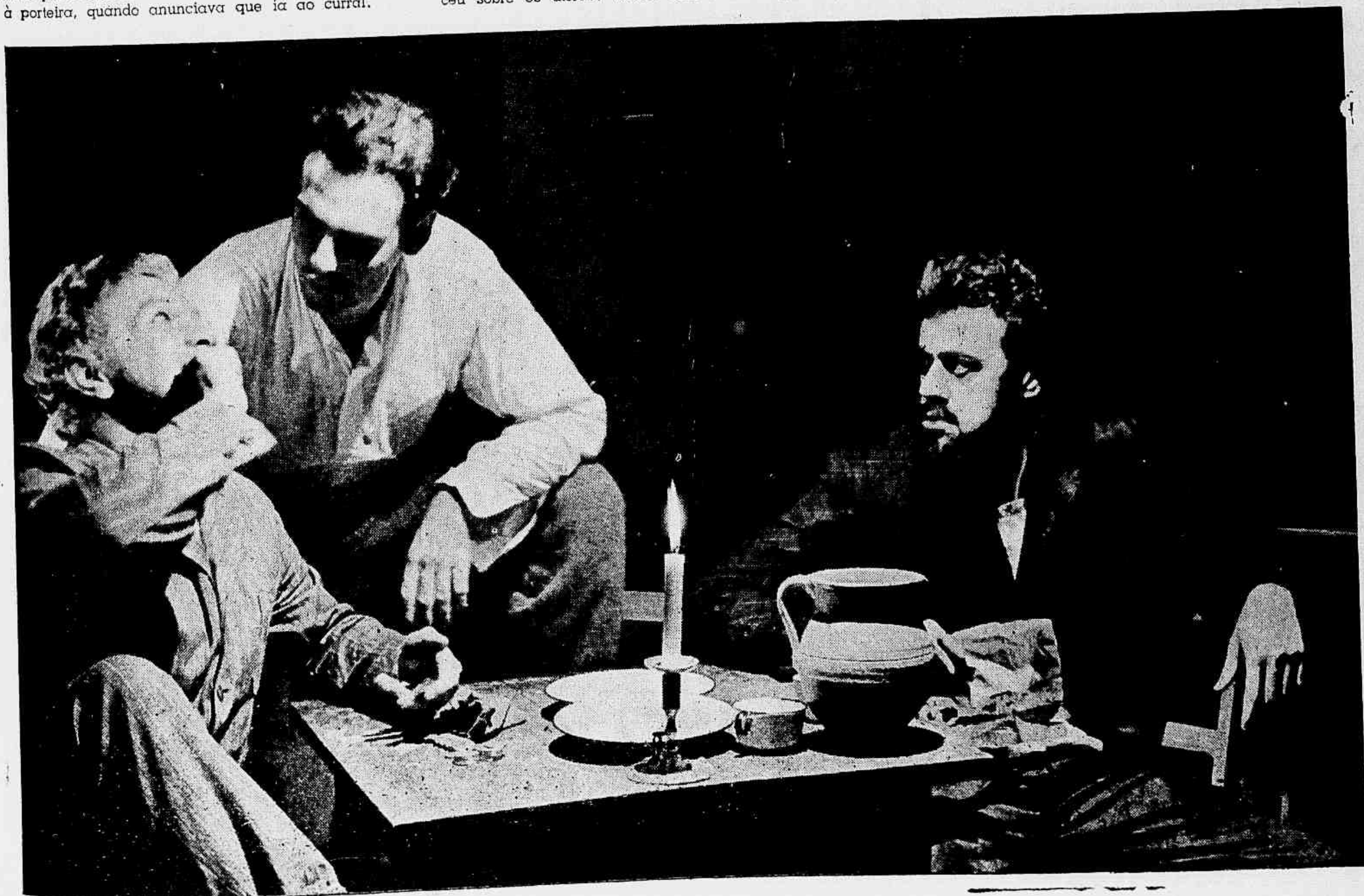
Navarro, traíram a forte contribuição do experimentado diretor e ator. Foi uma opinião particularmente desposada por várias pessoas.

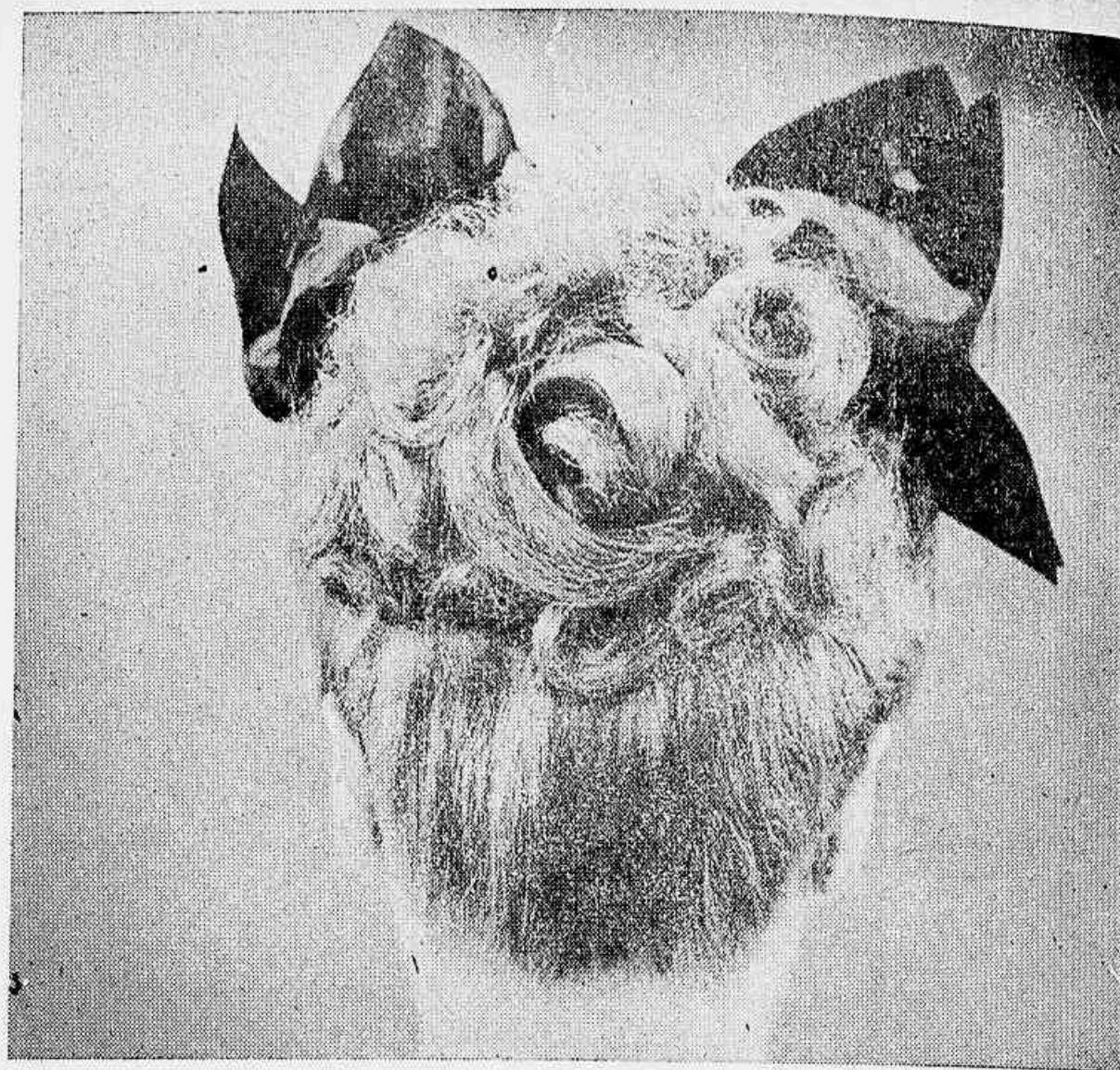
OS "COMEDIANTES" RESPONDEM

Acabada a acusação, Pascoal Carlos Magno passa a palavra aos "Comediantes" que responde pela palavra de Ziembinski.

Falando demoradamente, o consagrado ator declara

(Continua na pág. 52)





Penteados modernos

DIA a dia mais se esmeram os cabelereiros na criação de novos penteados que irão adornar as cabeças das garotas bonitas de todo o mundo. E essas cabeças devem ficar bonitas quando vistas sob qualquer ângulo.

Você já reparou a curiosidade que desperta uma pequena que vae na nossa frente, muito bem penteada? Logo temos vontade de ver-lhe o rosto...

E' isso mesmo que você está pensando... Ela pôde ser um horror... Mas o fato é que a sua cabeça chamou-nos a atenção, e isso é já meio caminho andado.

Vistas pelas costas, aqui temos diversas sugestões de belezas de Hollywood que vocês naturalmente reconhecerão...

A' esquerda: — Está Janis Paige. Na frente, o cabelo é todo levantado formando apenas dois "aneis" no alto da cabeça. Atrás, grande rolo, numa variação do "pagem". Pente de materia plastica como enfeite. Ao alto: — Cabelo para o alto com "boucles" formando coroinha. Na frente é liso com grande laço de tafetá. Esta é... não a reconhecerem? Pois é Joan Leslie! Em baixo: — Penteado solto para mocinhas. E' repartido do lado esquerdo, com ligeiras ondas. Sugestão de Wanda Hendrix. E finalmente, outra vez Joan Leslie, apresentando agora interessante córte que torna a sua cabeça oval. "Boucles" desmanchados.

(Fotos Warner Bros.)



"BA

ARTHUR
MÚSICA
CRÍTICA
GOMES
N

sóbr
de Chur
— E
Em
cem au
com ja
Arthur
ternaci
mento
nossos
passado
A P
pobreza
Art
arrebaf
Cen
conserv
dóce",
—
A
Imbass
quilda
briga.
Foi
suntos
tempo,
de seu
ao lad
entret
por eq
—
recom
Ri
E
a sua
do po
mais
para
—

M
cias
crític

ment
C
às pi
que o
A
tesou
gurar
form

C
asm
flagr
que
perd
via,
I

toco
gent
deve
ele

óper
gar
bor
Par
qua
rad

"Eu
and
v

"BATUQUE NÃO É MÚSICA"

ARTHUR IMBASSAHY, SOLDADO, MÉDICO E POLÍTICO, DECANO DE NOSSOS CRÍTICOS MÚSICAIS, FALA SOBRE A MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA — UM MÉTODO DE CRÍTICA: DIZER O QUE ESTAR ERRADO, PORQUE E COMO É O CERTO — CARLOS GOMES CHAMAVA-ME "MEU ARTHUR" — VIVO COMPRANDO BRIGAS... — UMA NOTA DESAFINADA, UMA AGRESSÃO E... RASGADOS CUMPRIMENTOS

Sobre a mesa de trabalho do decano dos críticos musicais brasileiros, há um retrato de Churchill.

— É o pai de nós todos, afirma Arthur Imbassahy. Em sentido figurado, naturalmente, porque Arthur Imbassahy está bem perto dos cem anos. Entretanto, a política ainda o apaixona. No seu gabinete, recanto tranquilo, com janelas fechadas e um relógio cujo tic-tac se assustadoramente alto no silêncio, Arthur Imbassahy inicia uma entrevista sobre música falando de política nacional e internacional. As cores dos móveis são repousantes e respira-se serenidade no apartamento à rua Candido Mendes. Entretanto, entra ali, pela voz do crítico, a agitação de nossos tempos. O presente invade, impetuosamente, aquele refúgio, onde se cultua o passado.

A Baía no século passado... Homens públicos traçando arabescos retóricos sobre a pobreza da realidade brasileira. Chamava-se a isso "o manto diáfano da fantasia".

Arthur Imbassahy era médico e militar, liberal por tradição e influência paterna, arrebatado por temperamento.

Certa vez, corte em deusa do governo, conservador, e consegue, com diplomacia, conservar a estima de seus amigos da oposição. "Baianos, inteligentes, matreiros, de fala doce", escreveu um sociólogo...

— Médico e crítico musical. Político, nas horas vagas. A verdade é que seus passatempos foram afastando a profissão, confessa Arthur Imbassahy. A música dominou-o; a política não deixa de interessá-lo. Quer paz, tranquilidade...

— Mas não posso deixar de tratar de certos assuntos. Qual! Eu vivo a comprar briga...

Foi defensor ardoroso de Arthur Bernardes. Todas as vezes que sentia que os assuntos políticos estavam se intrometendo demais na sua vida de música, ocupando seu tempo, escrevia um artigo, em geral valendo-se de pseudônimo, para descarregar o peso de seu entusiasmo. Foi assim que, tratando do famoso caso das cartas, quando estava ao lado de Bernardes, escreveu, convictamente, sobre política. Com "sense of humour", entretanto, acrescenta que o reconhecimento que lhe era devido foi tributado a outro, por equívoco, em virtude de uma identidade de pseudônimos.

— Deram a ele o que deveria vir para mim. Não me importo. Eu nunca esperei recompensa. Exprimi a minha opinião. Nada mais.

Ri, feliz, lembrando outra época...

— Mas eu compro briga, mesmo...

É admirador de Rui Barbosa e por influência deste, amigo da Inglaterra. Daí vem a sua veneração pela figura de Churchill, que durante a guerra, simbolizou a resistência do povo inglês ao nazismo. Hoje há outros símbolos, porém Churchill, conservador, agrada mais a Arthur Imbassahy que, aliás, também sabe reservar um pouco de seu entusiasmo para devotá-lo à figura de um renovador, como Franklin Roosevelt.

— Grandes homens, os dois!

UMA AGRESSÃO E... RASGADOS CUMPRIMENTOS

Mas aquela frase a respeito de "comprar briga" encerrou o prelúdio de reminiscências políticas, lembrando as brigas que lhe comprou outro ramo de suas atividades: a crítica musical.

— Os artistas brigam comigo e depois fazem as pazes. Em seguida brigam novamente. Eu não me importo. Eles voltam sempre.

Certa vez, um cantor exaltado quis agredir dr. Imbassahy. A polícia foi chamada, às pressas. Hoje, o mesmo artista cumprimenta o crítico com respeito todas as vezes que o encontra na rua.

A coleção de fotografias que adorna as paredes do apartamento é um dos maiores tesouros do seu possuidor. Com verdadeiro orgulho, ele nos mostra, uma por uma, segurando-as com carinho, dando explicações, colocando-as, depois, em seu lugar, conforme a arrumação cuidadosamente planejada. Arrigo Boito. Puccini.

— Eles me mandaram os retratos, em homenagem espontânea, informa. Cantores célebres dedicaram-lhe postais com "respeito e admiração", com "entusiasmo", com "eterno reconhecimento". Gigli, Titta Ruffo... Há uma curiosa série de flagrantes, desde a mocidade até agora. Acompanhando a marcha dos anos, observamos que os bigodes retorcidos vão desaparecendo, entram a figurar as rugas e a pele vai perdendo a elasticidade. Desenharam-se bolsas em torno dos olhos, que conservam, todavia, o brilho malicioso de outros tempos. Estes não mudarão.

Encapotado, lutando contra uma gripe que o enfraquece, Arthur Imbassahy, que já tocou em público todos os instrumentos, que é médico e é crítico, que foi cantor e regente, levanta-se e, para ilustrar a palestra, canta o dueto da Força del Destino como deveria ser cantado. Vai ao piano e toca. Gesticula. Às vezes o esforço é demasiado e ele começa a tossir. Mas sentiu-se, por um instante, a presença da mocidade.

CARUSO, TAMAGNO E A DESINTEGRAÇÃO ATÔMICA

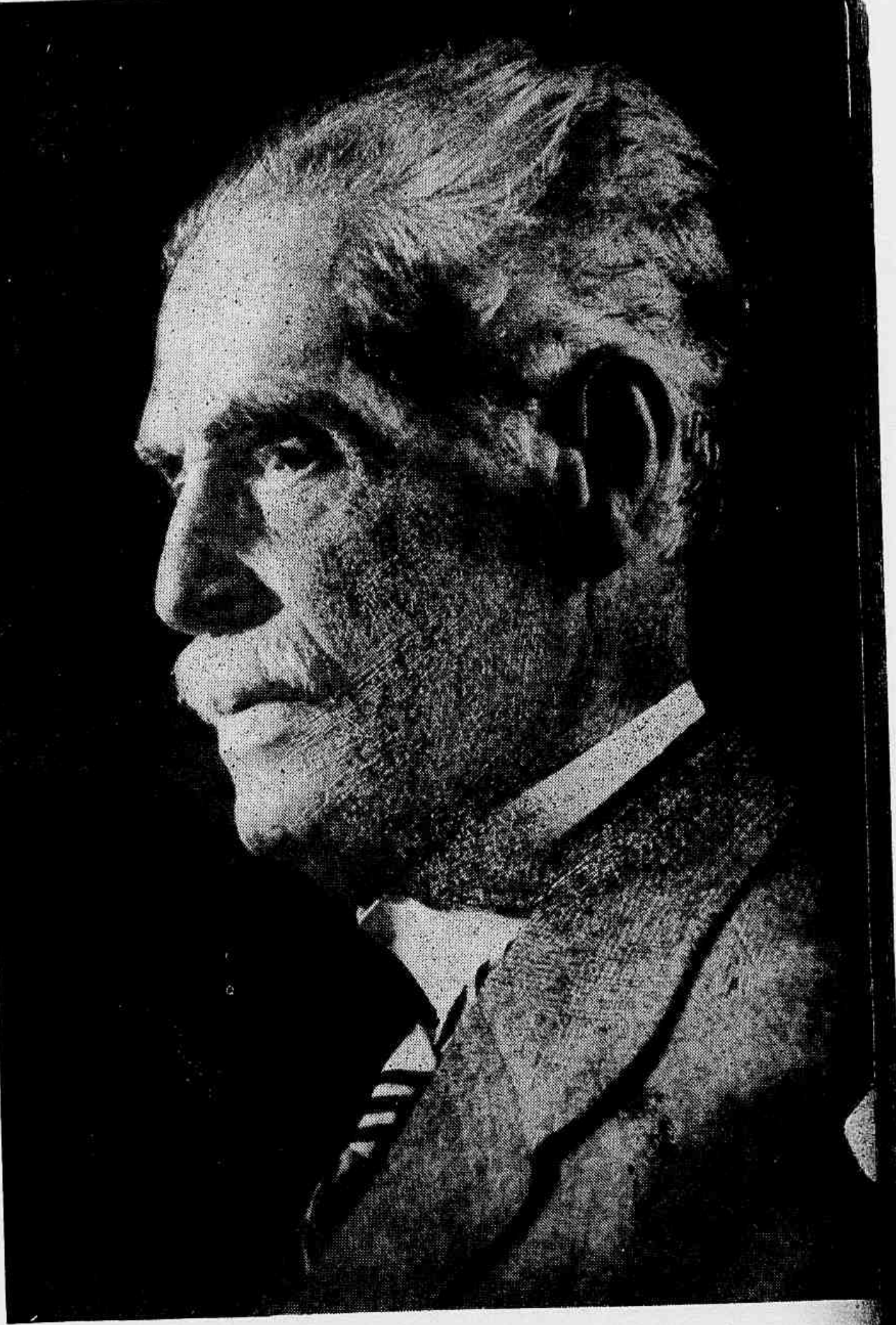
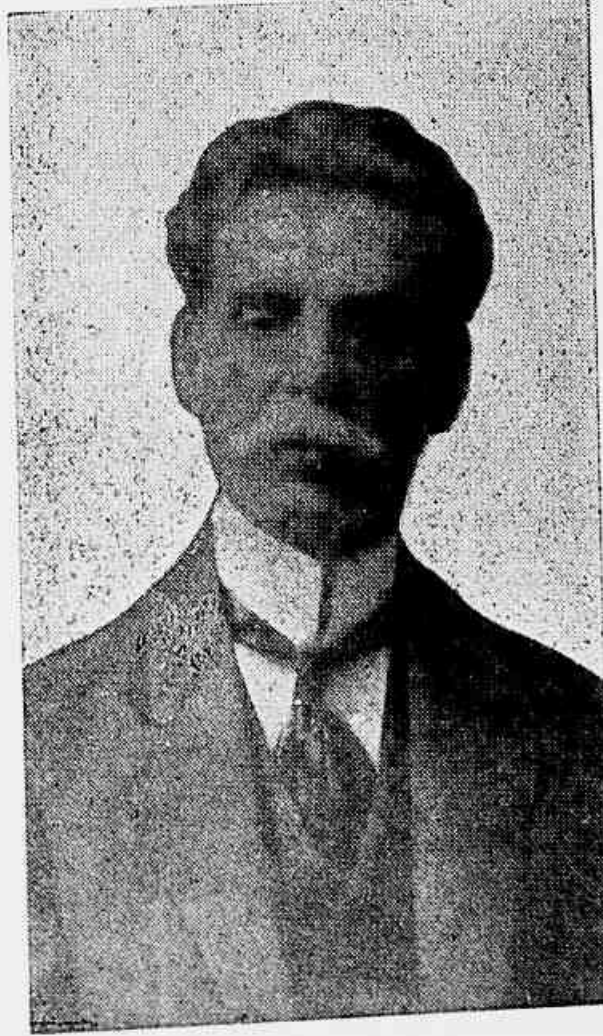
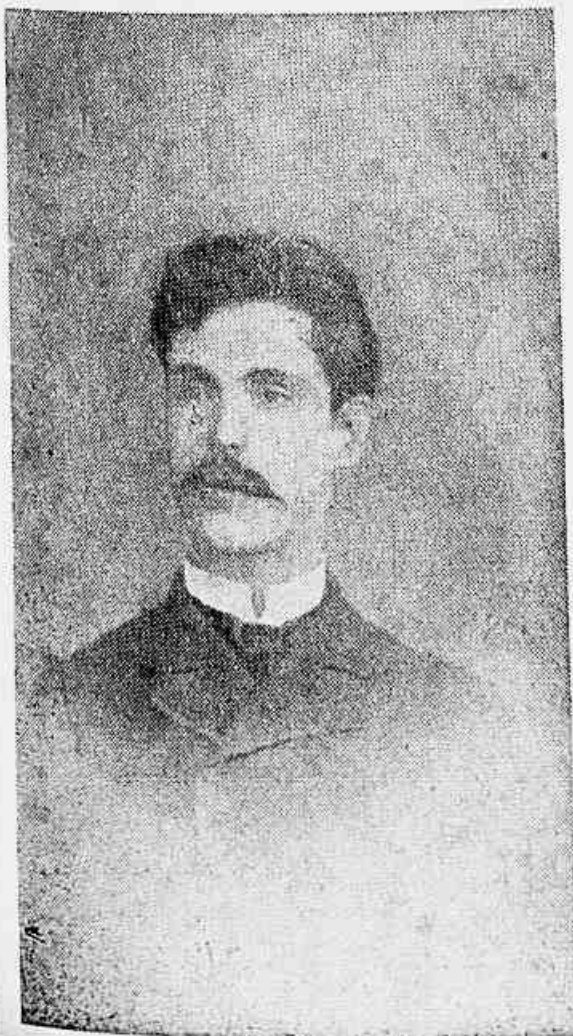
Arthur Imbassahy atravessou, embalado pelas melodias italianas, a época áurea da ópera. Formou, com Oscar Guanabarro, a dupla de críticos cuja fama certamente chegará à posteridade. Animado pela recordação daqueles tempos, que parecem chegar aos borbotões, ele conta precipitadamente, quase perdendo o fôlego, episódios de sua vida. Parece querer revivê-los todos, quer transmitir o verdadeiro espírito daquele tempo, quando Titta Ruffo fazia com que o público perdesse a cabeça, quando Caruso era adorado como um ídolo, e Tamagno quebrava as vidraças, com a vibração de sua voz.

— Caruso tinha ouro na voz... Tamagno talvez tivesse força suficiente para provocar desintegração atômica...

— Tenho tanto que contar... e o tempo é tão pouco, lamenta-se Arthur Imbassahy.

"Eu devia ter, então, uns vinte e poucos anos. Era músico e político nas horas vagas. Sem esquecer a medicina..."

"Defendi Arthur Bernardes e nunca poupei descompostura a maus artistas..."



"A música brasileira exgotou-se".

LEVANTE A CABEÇA, BENIAMINO GIGLI!

Sempre gostou de polêmicas. De uma delas, com Oscar Guanabarro, conta, orgulhoso, que o rival encerrou-a com a seguinte frase:

— Prefiro perder a polêmica a perder amizade de Arthur Imbassahy. Certa vez, também, um outro crítico teve com ele divergência a respeito de um pedal em determinada sonata de Liszt. Imbassahy venceu.

— Minha crítica é assim. Eu digo não só onde está errado, mas como e porque está errado e como é o certo.

Sua paixão é a ópera. Foi num ambiente que predominava a ópera que ele cresceu no conceito do público como um crítico de responsabilidade. Foi naquele tempo que ouviu de Titta Ruffo esta frase:

— O senhor é o crítico ideal... Comenta, comovido:

— Estas coisas consolam... Os italianos são assim. A gente fala: eles corrigem. Gigli, que é Gigli, ouvia os meus conselhos com respeito. Disse-lhe um dia:

— Como é que, no Andrea Chenier, você entra em cena de cabeça baixa? Um revolucionário num tribunal deve mostrar altivez. Entre desafiando.

Gigli me abraçou, comovido, e disse: Tem razão mestre.

CARLOS GOMES CHAMAVA-ME "MEU ARTHUR"

Os artistas nacionais às vezes se impacientam com as observações de Imbassahy. Ele vaga pelos bastidores do Municipal, magro, frágil, mas sem perder a combatividade. Ainda hoje é quem melhor conhece a obra de Carlos Gomes, conta a todos que o compositor chamava-o "Meu Arthur". Tudo isso são títulos e Imbassahy julga, com razão, que eles devem ser respeitados, assim como os seus cabelos brancos e as suas críticas. Quando certa cantora conhecida na sociedade decidiu estreiar ele avisou-a de que o resultado seria o mais ruidoso fracasso. Ela insistiu. Houve vaia, Imbassahy escreveu um artigo bondoso mas firme. Estremeceram as relações.

— No Brasil, a crítica é um caso pessoal... Segue-se um panorama dos críticos.

— Não escreva isso. Para que comprar mais brigas? E passa a contar episódio da vida de Carlos Gomes.

— Sabe que ele tinha uma linda voz? Se faltava algum cantor aos ensaios ele o substituiu. Ouvi-o interpretar muitos papeis.

Os anos passam Arthur Imbassahy observa, melancólico, o rumo que tomou a música brasileira. Ele foi criado por outra escola, outros mestres. Suspira:

— Não eram assim, não eram assim as grandes obras do passado...

Irrita-se com a invasão das melodias populares com o nacionalismo que se alastrou pela música, rompendo as três estradas lardas — a francesa, a italiana e a alemã — que haviam gozado o monopólio das principais direções da arte musical. Os compositores contemporâneos, por outro lado, especialmente aqueles que, com o atonalismo, transformam o conceito do Belo, não se encaixam dentro da sua posição, apoiada na obra de Carlos Gomes e de seu ídolo italiano — Verdi. A virtuosidade de Liszt ainda é seu ideal estético.

— Aquilo sim, era música. Saborosas melodias, fáceis e italianíssimas, dessas que se pode assobiar. Será isso que ele entende como as obras "sérias"?

— Não há mais obras "sérias", diz Arthur Imbassahy.

E, no entanto tudo isso, na sua opinião é um "caso muito sério". A música no Brasil, a seu ver, exgotou-se.

Sente-se que ressurgiu, nessa crítica, uma série de fantasmas. A sala resguardada, silenciosa, onde soa a voz de Imbassahy, lamentando o destino da música, da sua música, povoa-se subitamente. De onde veem esses aplausos estrepitosos? Alguém acabou de cantar um ária e arrancou do público um tributo entusiástico rendido ao vigor de um fermata. A Traviata soluça porque Alfredo Germont partiu. Divisa-se a um cantor, cachos castanhos de Bidú Sayão, doce Violeta Valery. Mas olhem para as outras fotografias.

Rigoletto trama o rapto da Condessa de Ceprano. Titta Ruffo foi fixado num instante em que, contorcido, encarnava a personalidade do bobo do Duque de Mantua. Butterfly, flor tímida, esperando Pinkerton. E' Violeta Coelho Netto de Freitas. Ou serão os esquecidos? E' Tosca, Salvador Rosa, Odaléa, em quadros sugestivos... E' o sorriso de Tonico de Campinas conquistando a Itália.

Os Tempos são outros. O mundo vai correndo — para onde? O velho crítico, velho mestre, suporta, triste, a inevitável apostasia das novas gerações. Não será esse o caminho do progresso? Mas não. Arthur Imbassahy não se conforma.

— O batuque num concerto sinfônico, suspira ele. Que tristezas...

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



★
Pega-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas ru-
gas na testa e ao
redor dos olhos,
as sardas, man-
chas, cravos e es-
pinhas, são traiçoeiros inimigos da
beleza da mulher. Quando surgem
estas imperfeições, lançando nu-
vens sobre a sua felicidade, con-
fie nas virtudes do Creme Rugol.
Rugol corrige rapidamente as cau-
sas do envelhecimento prematuro
da cutis. Este famoso creme em-
belezador, usado todas as noites
em suaves massagens no rosto,
pescoço, e todos os dias como
base do "maquillage", remove as
impurezas que se acumulam nos
poros, fortalece os tecidos, dá vi-
gor e mocidade à pele. Com ape-
nas uma semana de uso do Creme
Rugol a sua cutis poderá ficar ma-
cia, limpa e acetinada, aumenta-
do os seus encantos e protegendo
a sua felicidade. A felicidade
de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



**VARIZES
E HEMORRÓIDAS**
Hemo-Virtus

PETTINATI

USE A POMADA NO LOCAL E
Beba AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



Novas "toilettes" londrinas

Por DOROTHY BRIGHT. Especial para "REVISTA"

Os vestidos de saia curta para toilettes de noite e para ocasiões especiais, são agora muito populares entre as elegantes de Londres. Bordados caprichosos ou sequins brilhantes constituem a principal decoração para os novos modelos, a maioria dos quais apresenta decotes bastante ousados e muito encantadores.

Juntamente com os vestidos são usados agora, invariavelmente, interessantes chapéus, os quais podem ser apresentados como halos singelos, ou abas amplas, completadas por véus inteligentemente dispostos. As plumas também retornam à moda do dia, e suas cores vivazes dão um tom alegre, um tom de mocidade às "toilettes" mais austeras.

Em cima, ao centro: Vestido de jersey negro, modelo Simon Massey, usado juntamente com um chapéu "halo" de dália vermelhas. Os ombros são realçados, e a cintura estreita, devendo-se notar as belas pregas que adornam os quadris.

Ao centro, à esquerda: Lindo modelo de panamá azul-da-china, com estreita fita marrom e amplo véu com grandes "pois" negros.

Abaixo, à esquerda: Brilhante chapéu de palha negra, adornado com rosas de setim.

Ao centro, à direita: Modelo de crepe cor de rosa, desenhado por Elizabeth Henry. As mangas curtas são drapeadas até a linha do ombro. O busto apresenta bordados a ouro, e a saia é inteiramente pregueada.

Como podemos apreciar, as modistas de Londres estão criando modelos originais, cheios de vida e sedução.

Quatro
qual del
vel entr
de idade
menos i
falou:
— No
mar Cé
e torce
lugar, a
povoad
pesada
fácil, e
conquis
isso po
nato
ova n
A p
antes
estava

A IDADE... MÉDIA.



visinhos. Esse habito tradicional era lei inapelável. O habitante do lugar, chegado à idade avançada dos 68 anos, nada mais aguardava a grey, embora continuasse tão como um pávo e fresco como uma saída.

Era forçado a seguir para o alto da montanha Avará, de quinhentos metros de altitude, ali abandonado à sua sorte. Assim praticavam como recurso natural e economico, diminuindo-se o numero de bocas no orçamento dos gastos necessarios ou supérfluos. Consolo à juventude promissora, que se livrara de excentricidades parasitárias.

Esse processo de mandar a senectude às ortigas do exílio, era obrigatório. Cabia ao filho mais velho da família, legítimo e registrado, conduzir o tuchána ao ostracismo, em plena e selvagem natureza. Ali o "condenado" poderia, por muito pouco, consolar-se nos expedientes dados aos homens príncipes, em companhia dos outros valentões até o dia de bater com o cotovelo na cerca da existencia terrena. Executada à risca essa medida, poupava-se a despesa dos funerais e a rouparia do venerando, lá alto ativado nú, tal como Adão no paraíso, antes do engasgo da maçã, cujo preço ainda pagamos com juros altos.

Certa vez chegada a dita de ser levado à montanha fatídica o pae nobre da família Tidô Nakára. Obediente à praxe, seu primogenito, Vati Katár, numa tenebrosa noite de inverno, depois das despedidas solenes, dirigiu-se ao monte Avará, com o pae às costas, cheio de resignação e de reumatismo articular. Chegado ao pináculo do monte, onde definhavam a pira de bois, os campeões da decrepitude precoce, Vati Katar depositou o paiadão sob uma árvore desarvorada de folhagem.

O Isô era trancado. O mancêbo, num



Quatro filósofos de esquina indagavam qual deles o mais velho, questão admissível entre marmanjos, porque a pesquisa de idade não se aplica as idades. O menos idoso dos quatro cavalheiros assim falou:

— No oriente médio, do lado de lá do mar Cáspio, para quem toma a direita e torce para o norte, a trinta léguas do lugar, chamado Malba Taclan, existiu um povoado de mil e duzentas e três almas, pesadas pelas contingências da vida difícil, em luta constante, nas filas, pela conquista do pão de véspera, ou dormindo isso porque o único padreiro era morfinômano três vezes por semana e descansava nos domingos.

A pressão das necessidades imprescindíveis estabeleceu um costume fora dos costumes humanitários dos povos circun-



momentaneo rasgo de piedade filial de última hora, despojou-se do manto e passou-o ao pae. Tidô Nakára rasgou o trápo em duas partes iguais e, devolvendo uma ao filho, assim falou:

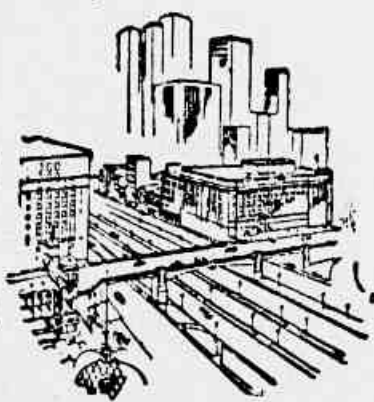
— Toma lá. Guarda esta metade, filho amado, para quando chegar a tua vez; o que é bom toca a todos e — quem sabe? — talvez seja de inverno o teu dia e sabes bem como os tecidos estão caros.

Vati Katão não hesitou, pegou o pae e o manto e com os dois costas, voltou de novo ao tugério da família, onde Tidô Nakára continuou a vida plácida e serena.

Desde esse caso o costume passou de moda e nunca mais ninguém a outrem perguntou quantos anos tinha...

RAUL

50 anos
de proteção à Família Brasileira



Uma população superior
à da metade de S. Paulo
tem o seu futuro asse-
gurado na Sul America!

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



O povo julga os "comediantes"

(Continuação da página 47)

que ele é a pessoa mais indicada para reconhecer os defeitos, as falhas de que se ressentem o seu espetáculo. Explica as origens de umas, justifica outras, desfaz outras tantas. Refere-se ao caso da "super-estimada" porteira, aos risos do público em certas passagens da obra o que ele atribui à ausência de uma tradição do grande teatro no Brasil onde o público é orientado de preferência para o teatro que convida a rir, como se essa fosse a única preocupação da arte (Chanchada! — comenta um espectador). Explica a razão da influência dele sobre os demais artistas aos quais falta a experiência de uma técnica de 17 anos como é a sua, defende-se da acusação de ter emprestado um caráter latino à peça, invocando a sua qualidade de diretor que em todos os países que tem visitado, principalmente na Rússia onde teve oportunidade de constatar o grande desenvolvimento dessa arte, exerce uma ponderável influência sobre as peças encenadas, marcando-as com a sua personalidade; não deixando em aberto nenhuma das questões abordadas.

Durante a sua exposição que se manteve no mesmo tom de cordialidade em que decorreram as críticas, estabeleceu-se um duelo de confraternização entre atores e assistentes que terminaram por subir ao palco, em grande número, para cumprimentá-los após a demorada sabatina que só terminou às duas horas do dia seguinte.

OS DEMOLIDORES NÃO APARECERAM

Infelizmente, alguns dos nossos críticos que têm se manifestado com evidente severidade sobre o trabalho não compareceram aos debates que certamente teriam maior brilho com a sua contribuição. Foi uma ocorrência particularmente deplorada pelos "Comediantes".

De tudo ressalta entretanto o ambiente de cordialidade, o espírito democrático que presidiu às discussões, sem formalismo nem restrições a quem quer que pretendesse manifestar-se.

UM ELOGIO AO HEROICO PÚBLICO...

E não termine este registro sem uma referência louvável ao público que resistiu bravamente à fadiga, coisa muito comum nestes tempos bicudos do "falta tudo". Mu-

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 81 — 2.º Lote

ta gente esteve ali até 2 da madrugada com uma média de 60 centavos e uma brôa de milho com manteiga de azeite em vez de jantar. Bravos! Como é bela a vida no Rio de Janeiro.

Falta uma rosa no jardim de Clemenceau

(Continuação da página 12)

"Não vos ofendais com o título que vos dou, chamando-vos meu Pai, pois acabais de me dar a luz".

O religioso respondeu-lhe no mesmo tom: "Meu filho".

"O que não faríamos para o Pai da Vitória que salvou a França? O serviço que vos prestei é bem ínfimo e vós o exagerais".

"Por minha vez, não fiquéis surpreso com o título que vos dou chamando-vos meu Filho, pois acabo de abrir-vos o Céu".

As rosas são tratadas com carinho. Mas Madame Octave Monad, protetora zelosa desta casa, a quem coube a não pequena tarefa de catalogar e reunir na galeria de estudos do museu todos os discursos e artigos do grande francês, alimenta ainda uma ambição para completar essa obra.

— Sabemos que existe uma rosa Georges Clemenceau na França ou pelo mundo. Nunca, porém, a encontramos. Ele ficaria tão contente vendo-a florescer debaixo de sua janela...

Quem dará a Clemenceau, cujos genio, clarividência e abnegação foram tão mal agraçados na França, a consolação póstuma de uma rosa?

O "até amanhã" de Bibi

(Continuação da página 16)

to de Londres que prejudicou aquele primeiro projeto.

— Ainda pensa em aceitar os oferecimentos de Hollywood, depois do seu compromisso na Inglaterra?

Os olhos de Bibi iluminam-se. Ela sorri, alvoroçada. E numa expressão de alegria:

— E por que não? Irei a Hollywood, sim... Irei com contrato ou sem ele... Preciso conhecer Hollywood de perto, depois de tanto a ter sentido à distancia, através do cinema...

— Você vai filmar com Sabú. A propósito: Gostava dele nos filmes de Maria Montez?

— Simpatizei sempre com Sabú. Sempre me pareceu um garoto muito inteligente, de olhar vivo, de sorriso comunicativo e de bonitos dentes... E' um ator esplendido. Espero fazer dele um ótimo camarada.

— Pode dizer-nos alguma coisa sobre o enredo do seu filme?

— A história passa-se toda no Brasil. Eu e Sabú faremos os protagonistas, um casal de

INSTITUTO ROENTGEN
RADIOTERAPIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

amazonenses, sentindo o gigantesco do nosso rio e vivendo o seu drama épico. E' um episódio sucintamente regional, brasileiro por inteiro.

— Quer dizer que Sabú...

— Sim, será meu marido... no filme, bem entendido!

— Nêsse caso, você não será uma heroína à maneira de Maria Montez...

— Não. Meu papel tem outro feitio. Sou uma nativa do Amazonas, com todas as características da nossa gente. E estou satisfeita com a história, que foi previamente submetida à minha apreciação.

— O filme é em preto-e-branco?

— Não: inteiramente em technicolor.

— Vai ter saudades do Rio, Bibi?

— Si vou tê-lo! Já as tenho, meu amigo, e bastantes! Começo a olhar para tudo e para todos, como si já estivesse longe... Sentindo a falta do Rio, de vocês todos, do Brasil inteiro...

— A propósito: Você é mais do cinema ou de teatro?

Bibi solta uma gargalhada sonora. E diz:

— Quer que responda com franqueza?

— Claro!

Absolutamente franca? Ninguém se vai zangar?

— E por quê!

— Pois lá vai: Sou acima de tudo — do teatro. Para quê esconder? No entanto, farei o cinema com o mesmo entusiasmo, como tenho feito também o rádio.

— Vinte e quatro horas antes de embarcar, que sensação é a sua, Bibi?

— A de quem vai começar a ler um livro novo. Não sei o que estará escrito dentro dele... Mas que vontade enorme de entreabrir agora mesmo as páginas ainda fechadas! Si fôsse possível, eu desejaria saber neste instante, o que vai acontecer...

★

Na noite de segunda-feira, Bibi levou a efeito no Fenix a sua festa de despedida, representando "A Carreira da Zuzú" e tendo, presentes, os mais destacados elementos das companhias ora ocupando os teatros cariocas. Sexta-feira, 9, pela madrugada, embarcou para Londres.

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.



LOURDES, ESTOU LOUCA
DE DOR NOS PÉS! QUE
REMÉDIO ME ACONSELHAS?

PORQUE NÃO EXPERIMENTAS OS PRODUTOS
DO DR. SCHOLL? ELES DÃO ALÍVIO A
QUALQUER DOR OU MAL ESTAR DOS PÉS.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO RUA AROUCHÉ, 71 - S. PAULO



TENDO OS PÉS DOLORIDOS, TODO O SEU CORPO DÓI!

Como é martirizante andar o dia todo com os pés cansados e doloridos! Para qualquer mal-estar dos pés — calos, calosidades, joanetes, arcos fracos ou caídos, ardência, cansaço, transpiração, mau cheiro etc. —

existe um remédio do Dr. Scholl: Suporte de Arco, Zino-pads, Bálsamo Pédico, Redutor de Joanetes etc., que proporcionam alívio imediato. Todos os produtos do Dr. Scholl são de resultados cientificamente comprovados. A venda em toda parte, por preço insignificante.



UM MODELO DE MAGGY ROUFF

É de Maggy Rouff esse bonito modelo para a noite que nos vem de Paris. É feito em seda estampada de cores vivas, grande decote quadrado com franzidos, mangas fôlas, cintura justa. Saia ampla com franzidos. Laços de veludo no decote e num dos lados da saia.

(Foto do S.F.I., exclusivo para esta revista).

Joalheria
A NACIONAL
R. GONÇALVES DIAS, 15

RICO SORTIMENTO DE
JOIAS, RELOGIOS
E ARTIGOS PARA
PRESENTES
CRIAÇÕES MODERNÍSSIMAS
RECEBIDAS DOS MAIORES
CENTROS EUROPEUS



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sab. Rio

Nome

Rua

Cidade

R5

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA

PASTA DE AMENDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

NUMEROS ATACADISTAS DESTA
REVISTA NO PARA

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

TRAVESSA CAM. (S SALES, 85 — BE EM

FEMININAS



Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



Ela



"BRILHA" SEMPRE ! ***

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repente. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, alcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

Antes de sair de casa, esteje certa de que não ha vestígios de pó de arroz no seu vestido, nem tampouco fios de cabelo. Verifique também si a costura da meia está no lugar certo e si a sua combinação está aparecendo. Não se arrisque a causar má impressão!...

★

Os seus sapatos devem estar sempre impecáveis. Não só limpos como também em bom estado. Você não póde calcular a impressão desagradavel que causa uma mulher com sapatos de saltos gastos ou virados.

★

Suas luvas são outro detalhe importante da sua "toilette". Não acredite que luvas sujas significam elegancia... Elas significam realmente falta de cuidado.

★

As golas dos seus casacos e das suas blusas devem estar sempre muito limpas. Um pouco de benzina tirará dos casacos as manchas de "maquillagem".

★

O menú da semana ASPARGOS COM TOMATES

Tome 5 ou 6 tomates grandes, parta-os ao meio, tire as sementes, faça-lhes um furo no meio e enfie neste, sómente até o meio, 2 ou 3 aspargos. Arrume algumas folhas de alface num prato, deite no centro de cada folha uma colherinha de molho de "mayonnese" e sobre estas os tomates com os aspargos.

PICADINHO COM QUIABOS

Faz-se um bom picadinho de carne, refoga-se bem com cebolas, tomates, pimenta do reino, sal e cheiro, deitando-se aí os quiabos cortados em rodela. Deixa-se cosinhar só com o bafo numa caçarola bem tampada.

Prepare um angú consistente com fubá ou farinha de milho, emolde-o numa forma, coloque-o no meio de um prato, virando o picadinho com os quiabos á volta.

PUDIM DE BANANA

Ingredientes: 10 bananas nanicas, 1 colher de manteiga, 2 de farinha de trigo (mancheias), 3 ovos, um pouco de queijo ralado, açúcar que adoce, passas.

Afervente as bananas, esmague-as muito bem e junte todos os outros ingredientes, misturando tudo muito bem. Leve em seguida a assar em forno quente, em forma untada com manteiga. Sirva polvilhado com canela e açúcar.

★

CONSELHOS

Durante o dia, não use cosmetico algum nos olhos. O aspecto não seria agradável e além disso a sua fisionomia ganharia em... idade...

★

"Agarrar" um homem e leva-lo á "força", não é difícil. O pior é conserva-lo "agarrado"... Entenderam? Pois é isso mesmo!...

★

Use roupas que se adaptem não só ao seu físico como também á sua idade. Uma quarentona de lacinhos e modelinhos juvenis é tão ridicula quanto uma mocinha com "toilettes" de grande senhora...

★

Não vá para a rua "de qualquer maneira" só porque está com pressa. É preferível atrasar-se um pouco e aparecer impecavel do que chegar na hora certa mas dando a impressão de que não teve tempo nem mesmo para o banho...

★

Por favor, não queira parecer menina, falando como um bebê. Você assim poderá ser engraçadinha no primeiro encontro mas depois, cansa e aborrece.

Ué, outra vez o meu ESTÔMAGO!

• Não sofra inutilmente, quando é tão facil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem recelo. Experimente-os, serão a sua salvação!

AZIA - DISPEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MAU HÁLITO
FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DÓRES DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

PAPEIS BANKETS

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

ECONOMIA
PREÇO CONSTATANTE
GELO PURO
SEM HUMIDADE DO AR
AR PURIFICADO

REFRIGERADOR NEVE

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.
SÃO PAULO
A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL

O sorriso da madona

Continuação da pag. 19

— Mas ela tem talento.

— Tanto pior. Nunca o saberá. O drama eterno se realiza: pensará sempre que a estão elogiando por seu dinheiro.

— Oh!...

— São duas coisas que uma milionária nunca saberá: se a amam e se a admiram. Se casar, será desconfiada de que os beijos do marido estão animados pelos cifrões estonteantes. Se escrever, nunca saberá se é de fato inteligente ou talentosa, porque, de qualquer forma, o dinheiro sempre torna a crítica bem disposta em relação a um escritor.

— Nesse caso, é preferível ser uma dama de companhia como eu: assim não sofrerá essa dúvida.

— Não sofrerá essa dúvida, mas será esquecida. Uma dama de companhia não é uma pessoa, é um objeto. E objeto depreciado.

— Oh! O senhor é um pessimista...

— Pelo contrário. Sou um otimista: mas odeio tudo que impede a liberdade: o dinheiro ou as patroas...

— Mas o dinheiro, afinal de contas,

pode comprar a solidão que o senhor adquire penosamente...

— O dinheiro não compra a solidão. Ele é a solidão. A solidão entre as ambições mesquinhas, a solidão forçada que é diferente do recolhimento desejado?

— Que horror!

— É isso, mesmo. Se eu conhecesse essa milionária convidá-la a esquecer seu dinheiro e viajar. Podia mostrar-lhe o mundo suas belezas, seus encantos. Convidá-la para ser em relação a mim o que foi Sexta-feira em relação a Robinson Crusoe. Isto é, faria isso, se ela fosse bonita.

— Muito bonito. Mrs. Graham. Mas, infelizmente há um engano em tudo isso. Antes de me encetar com o senhor aqui, eu fui prevenida de que o senhor temou informações a meu respeito e que

sabe muito bem que a milionária sou eu. Suas palavras bonitas, suas encantadoras volubilidade, seu convite tentador, poderia ter seu efeito, se não fosse isso e certamente o senhor lucraria muito com uma viagem paga por mim. Mas acontece que as milionárias, com todos os inconvenientes de sua fortuna dispõem de uma coisa: de detectives, vigilância. Eu conheço todas as pessoas que se aproximam de mim, seu passado, seu caráter suas intenções. O senhor dirá, para prosseguir em seu belo discurso, que isso é cansativo e eu concordarei, mas também tem suas compensações. Livra-me de ciladas.

Dizendo isso, ela afastou-se. Ele ficou de pé, espantado, diante do quadro.

— Diabo! exclamou, irritado.

A madona sorria. Era um sorriso levemente esboçado, um tanto ou quanto

misterioso. Mas ele estava disposto a modificar seu julgamento. Não era a antevisão de um outro mundo, que aquele sorriso trazia. Naquele momento era pura e simples zombaria: mais uma partilha perdida, parecia ele dizer.

Bem, era e ninar sua vida. Deveria passar pelo hotel para ver que rovas personalidades haviam chegado aquela tarde. E sobre tudo era preciso, na próxima vez, não precipitar seu jogo. Não precipitar...

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

PREMIER A

A. MADALENA

Rua 7 de Setembro, 101

Conquiste para sua pele a sedutora.

Beleza de Adolescente

Para alcançá-la, não esconda...

Corrija

as imperfeições do seu rosto com **LEITE DE COLONIA.**



A pele macia, alva e acetinada não é privilégio das adolescentes. Há mulheres que a conservam por longos anos. E você também pode mantê-la ou conquistá-la. Mas não espere conseguí-la ou conservá-la, utilizando o excessivo "maquillage" para encobrir manchas, sardas ou espinhas. O mais certo e mais fácil é corrigir e evitar essas imperfeições com Leite de Colonia. Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia limpa, alveja, amacia e protege a cutis. Use-o todos os dias. E conseguirá aquela nova beleza das peles que sempre se mantêm num amanhecer de juventude.



O INIMIGO DA DOR!

Efeito instantâneo nas dores reumáticas, nevralgias, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.

Peça **Óleo Elétrico** do Dr. Charles de Grath



OBTENHA PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE
Ao levantar-se, limpe sua pele com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e como protetor da cutis contra o sol e intempéries. Ao deitar-se, para remover o "maquillage" e limpar novamente a pele.

Limpa... Alveja... Amacia a Pele...

Leite de Colonia

Record Propaganda

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

A II Exposição Agro-Pecuaría e Industrial de Carangola

INAUGURA-SE amanhã, em Carangola, a linda e progressista cidade mineira, que centraliza o importante núcleo da Zona da Mata formado pelos municípios do mesmo nome, Divino, Espera Feliz e Tombos, a 2.ª Exposição Agro-Pecuaría e Indus-

trial, certame cuja primeira realização, levada a efeito em Agosto do ano passado, constituiu um grande êxito em todos os sentidos, revelando o imenso potencial econômico daquela rica região, especialmente a existência de excelentes rebanhos de gado leiteiro. Isto mesmo foi posto em evidência na grande reportagem que a REVISTA DA SEMANA publicou em 22 de Setembro de 1945, sobre aquela primeira Exposição, que foi um relato impressionante do que ocorreu durante o seu transcurso. Cultada cada vez com mais carinho e entusiasmo,

por parte dos elementos responsáveis, bem como dos numerosos expositores, a II Exposição Agro-Pecuaría de Carangola marcará, sem dúvida, outro legítimo sucesso, sendo esperada grande afluência de visitantes, que poderão se beneficiar com a redução de 50% que a Estrada de Ferro Leopoldina concede após que queiram assistí-la. Grande programa de festejos foi organizado, destacando-se jogos de futebol no magnífico Estádio Municipal, rodeios e outras provas de equitação, *dancing*, etc., que abrilhantarão a parte social e artística do certame.

Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...

limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos



MUSICA

(Continuação da pág. 40)

A retirada da espada, nas Walkírias, a cena inicial do terceiro ato, como o trágico final, a morte de Tristão, a cena do filtro — são simples exemplos de momentos em que culminou a sua direção.

Desde logo, Torrel evidenciou preocupação especial com a pose dos personagens, assim como com os agrupamentos, em cena, o que valoriza o aspecto plástico.

OS INTERPRETES

O mesmo reparo que fizemos em relação a Torrel, elogiando a sua compreensão do clima wagneriano, deveríamos dirigir a Set Svanholm, Dens Erster e Herbert Janssen. Já o elemento feminino foi mais fraco. Astrid Varnay, que não estivera a altura da Isolda imaginada por Wagner, ficou ainda mais aquém da sua Brunnhilde. Para a Walkíria falta-lhe menos a voz do que o traqueio, o desembaraço tanto na emissão da voz como movimento-se em cena. Rose Bampton, está mais à vontade na Marchena, no Cavaleiro da Rosa, onde sua arte sutil tem possibilidades, mais amplas do que como Sieglinde, papel de violento ímpeto dramático.

E ainda a Eugen Szenkar que cabem os maiores elogios, pela batuta fiel e segura que tem mantido. A orquestra, que, nas óperas de Wagner tem tanto destaque, portou-se bastante bem.

★

N. B. — Lê-se no programa: "Na vigésima linha de assinantes das poltronas, onde se lê n.º. Barreto Pinto, lê-se Ministro Barros Barreto."

PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Vegetais e açucaradas

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

K103PH



Uma vida sem...

Continuação da pág. 25

ples, sabia a quantidade de dinheiro que havia dentro d'ê. Dez mil dólares eram um volume considerável. Mas havia lugar, para isso, não sua valise. Não fugiria. Não haveria suspeitas. E, enterrado Marsden, com Terry fora da cadeia, poderiam se casar e ser felizes.

Mas como tardava o relógio a dar quatro horas! Abriu a janela, fechou-a, ocupou-se de mil maneiras, mas os ponteiros pareciam enfiados. Por fim, o relógio bateu quatro horas... Estava tudo pronto. Fez o deente acordar e quando Marsden abriu os olhos disse:

- Seu remédio...
- Qual? — perguntou o doente.
- A seleção com digitalis.
- Ah, sim...

Ele a viu pingar com o contagotas o remédio. O líquido, misturado ao pó que logo se dissolveu, era inodoro e incolor.

— Pronto... Tome.

— Ai... Venha me ajudar, Miss Hendricks... Sente-se aqui... Aqui perto de mim, na cama... Assim... Mas me diga, agora, Miss Hendricks, esse remédio não vai me fazer mal?

— Como há de fazer mal? O senhor não toma isso todos os dias?

— Eu não falo na digitalis, — disse Marsden, — mas dessa outra coisa, esse pó que a senhora botou no copo... Eu não estava dormindo, Miss Hendricks.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface (Brilhante), ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um de de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respica resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alzira de Freitas.



Estava observando a senhora com o canto do olho, quando punha o pózinho no copo...

E a o encarou, perplexa, sem poder dizer uma palavra.

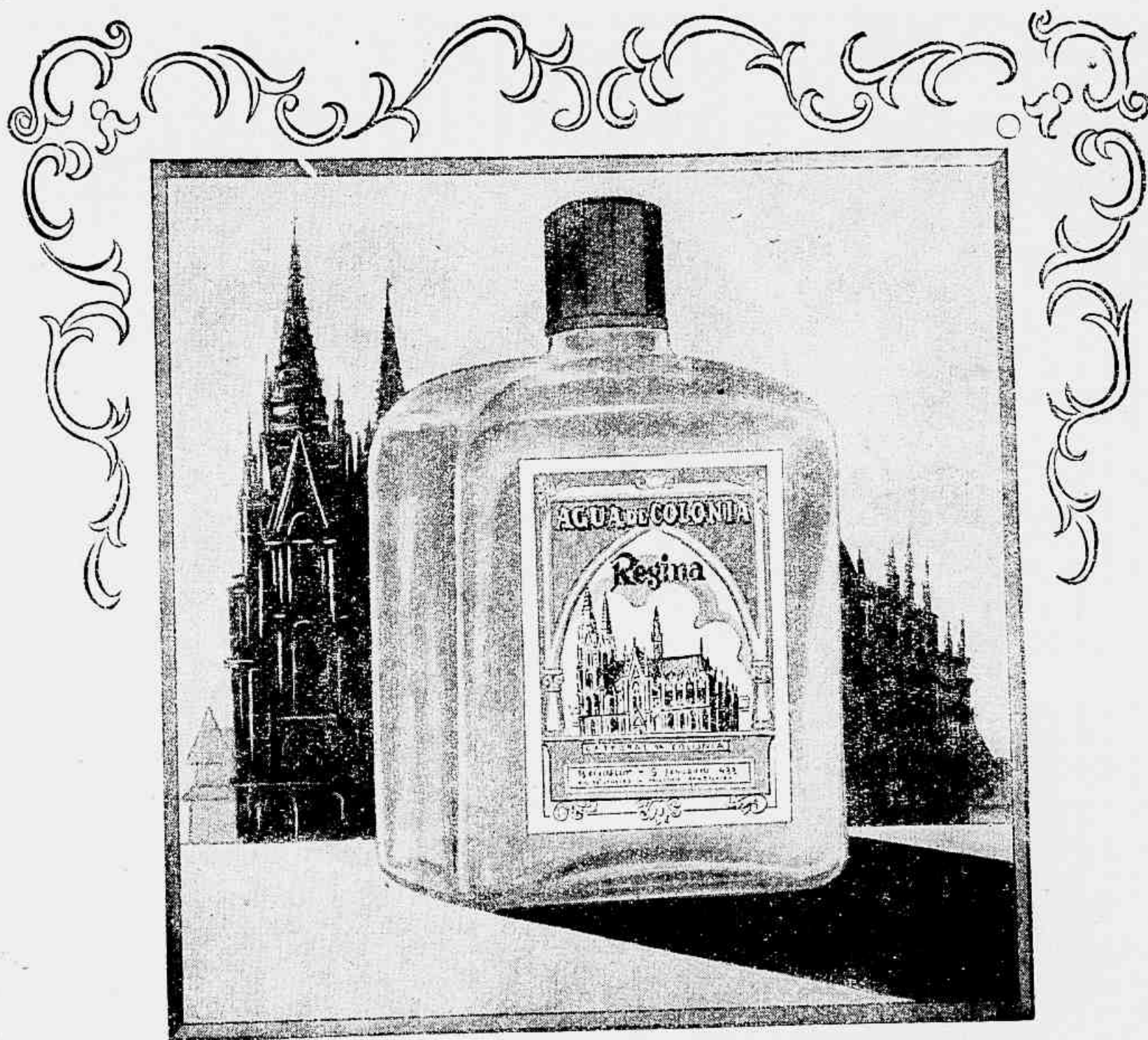
— Eu sabia, — disse o velho, — que

a senhora estava cebicando o meu dinheiro... Tinha a certeza de que Staples nunca tentaria encurtar os meus dias de vida... Mas tinha a certeza de que a senhora... a senhora andava de olhos no meu dinheiro... que era capaz de tudo... e agora, veja! Veja o

que lhe aconteceu e se pode sair desta!

O deente tombou para trás, esgotado pelo seu último e supremo esforço. Na quinta-feira, o Dr. Staples, encontrando a porta trancada, tocou em vão a campainha, e, não vindo ninguém abrir, ele tirou a chave que Marsden lhe dera, para usar em qualquer emergência, e entrou. O quarto estava cheio de moscas, — que voavam e pousavam no cadáver de Marsden, de boca entreaberta, olhos esbugalhados, arroxeado e rígido. E ao lado d'ê, com o pulso sangrando e o braço direito inchado, Miss Hendricks, com uma expressão apatetada no olhar. O médico sacudia-a e ela começou a rir, — um riso incoercível e sinistro.

A mão direita da enfermeira estava encadeada por uma algema ao braço direito do morto.



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!

A VENDA EM TODO O BRASIL ★



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARGUINO

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pílulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pílulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXO-DENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLÓGICA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE



CASACOS ESPORTIVOS

1 — Modelo original em lã cinza. Mangas largas ajustadas aos punhos. Sobre os ombros, três grandes pregas pespontadas.

2 — "Três quartos" de lã verde, de corte muito moderno. Pespontos de "cordonet".

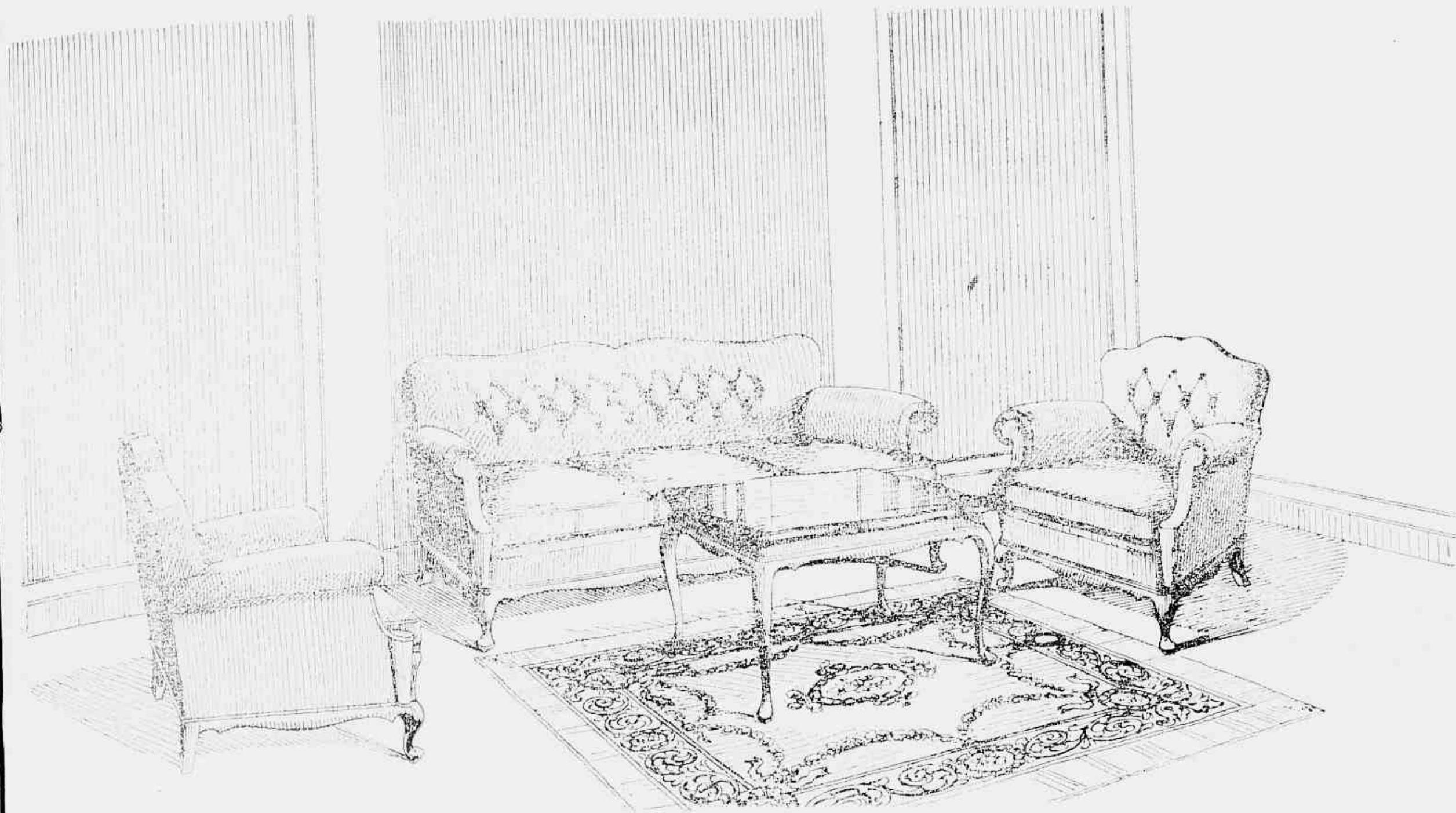
3 — Modelo prático em pêlo de camêlo. Mangas "raglan" e grandes pespontos nas costuras.

4 — Modelo em pêlo de camêlo, especialmente indicado para viagens. Mangas largas, ajustadas por punhos abotoados. Pala e bolsos recortados.

SOFRE DO FÍGADO? TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



LIVING-ROOM

Ornamentado com sobriedade este "living-room" apresenta entretanto um elegante aspecto.

Não se encontram aqui requintes de luxo supérfluo nem volumosos objetos ornamentais, mas a simplicidade desta decoração faz evidenciar os encantos deste pequeno recanto.

O mobiliário é composto de uma mesa, poltronas, cujos pés arqueados combinam com os da primeira peça, e como adorno, apenas um magnífico tapete.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Após o cafézinho,
um bom cigarro



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz